

ROSALVO DO VALLE

CONSIDERAÇÕES
SOBRE A
PEREGRINATIO AETHERIAE

BOTELHO
EDITORA

Rio de Janeiro
2008

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PEREGRINATIO AETHERIAE

Direitos Autorais © 2008 Rosalvo do Valle

E-mail: pereira@filologia.org.br

Coleção: Série Acadêmica

Projeto Gráfico, Produção Digital e Capa: Silvia Avelar Silva

Editoração, Diagramação e Revisão: José Pereira da Silva

Digitação: Ana Paula da Silva Freitas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

VALLE, Rosalvo do
Considerações sobre a Peregrinatio Aetheriae/Rosalvo do Valle. Organizado por José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Botelho, 2008.
178 p. (Série Acadêmica) – CD-ROM

ISBN 978-85-98924-18-2

1. Lingüística. 2. Literatura Latina. 3. Língua Portuguesa. 4. Estudos Diacrônicos. I. Título. II Série

CDD: 870

Índice para catálogo sistemático:

1. Lingüística 410
2. Literatura Latina 870
3. Língua Portuguesa 469
4. Estudos Diacrônicos 490

É proibida a reprodução ou transmissão desta obra, ou parte dela, sem a prévia autorização da Editora ou do autor.

Todos os direitos reservados ao autor.

Botelho Editora

Rua Soldado Wandel Sarmento, 341 – Tauá – Ilha do Governador

CEP: 21.920-095 – Rio de Janeiro-RJ.

Telefax: (21) 3368-7746

E-mail: botelhoeditora@hotmail.com

Digitalizado no Brasil (2008)

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

ROSALVO DO VALLE

CONSIDERAÇÕES
SOBRE A
“PEREGRINATIO AETHERIAE”

Tese de Livre-Docência apresentada
ao Instituto de Letras da Universi-
dade Federal Fluminense.

Niterói

1975

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

À memória do Professor Ismael de Lima Coutinho – que me abriu os caminhos do magistério superior.

Aos muitos amigos – que tantas vezes me ajudaram a retomar a caminhada.

À minha mulher e aos meus filhos – que também sofreram os percalços desta penosa peregrinação.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

SUMÁRIO

Explicação Necessária.....	8
<i>Peregrinatio Aetherae</i> e a formação do cristianismo – Amós Coêlho da Silva.....	11
A <i>Peregrinatio Aetherae</i> entre a Antigüidade, a Idade Média e a perenidade – Álvaro Alfredo Bragança Júnior.....	13
Contribuição para o estudo diacrônico da língua portuguesa em <i>Perigrinatio Aetherae</i> – José Mario Botelho.....	17
INTRODUÇÃO.....	21
CAPÍTULO I:	
A OBRA	25
1. <i>Problemas externos: título, autor, nacionalidade e época. Fontes de informação do autor</i>	25
2. <i>O texto</i>	38
3. <i>Estudos sobre a “Peregrinatio Aetherae” em português</i> .	39

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PEREGRINATIO AETHERIAE

CAPÍTULO II:

O LATIM DA “PEREGRINATIO AETHERIAE” 47

CAPÍTULO III:

ALGUNS ASPECTOS DO VOCABULÁRIO ETERIANO . 72

CAPÍTULO IV:

ALGUNS FATOS GRAMATICAIIS 101

Fonologia 101

Questões de grafia 101

Sobre *-et, -it* finais 105

A propósito de síncope: *domnae, ben(e)dicens, audistis* . 106

Susum e trauersare 107

Prótese 108

Baluis / ualuis 108

Morfologia 109

Nomes 109

Pronomes 114

Verbos 116

Sintaxe 120

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PEREGRINATIO AETHERIAE

CAPÍTULO V::
ALGUNS ASPECTOS DA REPETIÇÃO. A MENTALIDA-
DE “ID EST” **128**

Repetições..... **131**

Expressões da mentalidade “id est” **152**

CONCLUSÃO **156**

BIBLIOGRAFIA **158**

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

EXPLICAÇÃO NECESSÁRIA

Devo a reprodução de minha tese de 1975 ao querido amigo, meu confrade na Academia Brasileira de Filologia, o incansável Professor José Pereira da Silva, a quem agradeço de coração. Devo-lhe, ainda mais, a iniciativa de deslocar do final dos capítulos para o pé de página as referências bibliográficas.

Não era minha intenção simplesmente reproduzir um trabalho escrito há 33 anos – um texto redigido muitas vezes em condições pouco favoráveis. Segundo a legislação vigente, as teses para livre docência e para a cátedra, em concursos públicos de provas e títulos, nos termos do edital, deviam ser “de exclusiva responsabilidade do candidato”, que *in illo tempore* não pôde se beneficiar do atual regime de pós-graduação – sem sombra de dúvida, uma das melhores conquistas do ensino superior. Que falta me fez um interlocutor, o leitor crítico hoje formalizado no orientador da tese! Mas, deschoremos.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Também não vale a pena remoer motivos por que não publiquei a tese. Seriam páginas do meu interno, que não acrescentariam nada para um juízo crítico do trabalho. Um desses não-ditos é que a partir dos anos 80 saíram novas publicações, algumas excelentes, sobre esse instigante diário de viagem, que me habituei a chamar de *Peregrinatio Aetheriae*, título que hoje concorre com *Itinerarium Egeriae*. Meu texto mereceria, portanto, uma revisão cuidadosa para algumas atualizações.

Vale aqui registrar que a primeira tradução em língua portuguesa de que tenho notícia é de 1971, da Prof^a. Dr^a. Maria da Glória Novak, da Universidade de São Paulo, texto que cito na tese e que me foi muito útil. Só em 1998, que eu saiba, foi publicada uma segunda tradução em português: *Egéria. Viagem do Ocidente à Terra Santa no séc. IV (Itinerarium ad loca sancta)*, edição de Alexandra B. Mariano e Aires A. Nascimento, Coleção Obras Clássicas da Literatura Portuguesa, Edições Colibri, Lisboa, 1998.

Se mexesse no texto, além das atualizações e correções necessárias, traduziria as citações em latim e em outras línguas, e reescreveria o 5º capítulo, intitulado-o Aspectos estilísticos da repetição, sem o subtítulo “A mentalidade *id est*”. Com a simples reprodução, acho que o leitor merece um esclarecimento. Naquele tempo, impressionou-me muito a interpretação estilística de Leo Spitzer sobre as repetições eterianas, no longo estudo que cito. Em certo momento, o notável lingüista usa a expressão *forma mentis*, que entendi como “ma-

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PEREGRINATIO AETHERIAE

neira de pensar”, “atitude do espírito”, traduzindo-a por mentalidade. Minhas afinidades com a estilística de Spitzer levaram-me a exagerar suas considerações, e cheguei a fazer distinções sutis, como entre mentalidade *id est*, para exprimir o amor à verdade, e mentalidade *iuxta consuetudinem*, para exprimir a fidelidade à tradição. Sem dúvida, é um traço marcante a preocupação da nossa peregrina em registrar fidedignamente todas as ocorrências da longa peregrinação e assim transmiti-las a suas irmãs religiosas.

Enfim, *ecce thesis!* Aí está a tese, e só me resta, mais uma vez, agradecer aos colegas, alunos e ex-alunos – todos amigos – o incentivo para esta publicação.

Rio, 15 de setembro de 2008

Rosalvo do Valle

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

PEREGRINATIO AETHERIAE E A FORMAÇÃO DO CRISTIANISMO

A Península Ibérica foi um reduto acolhedor do Cristianismo. Assim, a sua vocação cristã ficou bem indicada no renascentista Luís Vaz de Camões, em seu poema épico *Os Lusíadas*, narrando a viagem em busca das terras do Oriente e a luta em defesa do Cristianismo contra os mouros: *Mas o Mouro, instruído nos enganos/ Que o malévolo Baco lhe ensinara,/ De morte ou cativoiro novos danos,/ Antes que à Índia chegue, lhe* (ao Capitão Vasco da Gama) *prepara(...)* (Canto I, 97)

No século XV, Portugal conseguiu expulsar os mulçumanos da sua região, mas mantiveram os princípios do Cristianismo, mesmo sob a dominação árabe. O romance de Alexandre Herculano nos dá uma versão sobre esta conflituosa convivência em *Eurico, o Presbítero*.

Como se vê, a importância da narrativa *Peregrinatio Aetheriae ad loca sancta*, escrita por uma freira da Galiza, discorrendo sobre as suas viagens à Palestina, não é tão somente

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

como fonte de estudos lingüísticos, o que já é importantíssimo. Trata-se também de um documento *histórico e litúrgico*, como conclui o Professor Rosalvo do Valle em sua tese, ora trazida a público pela Academia Brasileira de Filologia.

Pertence ao início do século V, *já que se pode determinar a sua estada em Belém no ano de 417* (Elia, 1979, p. 32). No entanto, *(e)ssa obra, só publicada em 1887, despertou logo a atenção de latinistas e romanistas, historiadores e liturgistas pela riqueza de material de pesquisa que oferece àqueles especialistas, de tal forma que é hoje assunto de vastíssima bibliografia.* (Valle, 1975, p. 10)

E *essa vastíssima bibliografia* reconhece que a autora de *Peregrinatio Aetheriae* dispunha de cultura, embora não apresentasse um vínculo literário encadeado ao mundo clássico ou pós-clássico. Como apurou o eminente estudioso Rosalvo do Valle, conhecia muito bem a *Bíblia* e a *Vetus Latina*, que são as traduções anteriores a *Vulgata*. Há vestígios em sua escritura de elementos lingüísticos do latim cristão pela preferência de *manducare* que, no latim vulgar, passou a *manger* em francês. O preferido no latim vulgar hispânico era *comedere* que nos deu *comer*. Aquele é uma peculiaridade, por exemplo, na *Vulgata*.

Caro mestre Rosalvo, como você mesmo já me disse, a escolha de estudar latim é árdua, *sed qui e nuce nucleum esse volt, frangit nucem!*

Rio de Janeiro, 22 de abril de 2008
Amós Coêlho da Silva (UERJ)

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

***A PEREGRINATIO AETHERIAE* ENTRE A ANTIGÜIDADE, A IDADE MÉDIA E A PERENIDADE**

Muitas vezes relegado ao esquecimento ou talvez apenas matéria de discussão entre poucos especialistas da língua latina em seus vários estágios lingüístico- históricos apresentava-se um texto fundamental para os estudiosos da latinidade e de seus rebentos românicos. Apresentava-se, ressaltado eu, pois vem à lume em momento mais que oportuno um dos mais importantes trabalhos acadêmicos elaborados no Brasil acerca da *Peregrinato Aetheriae ad loca sancta*, cuja publicação se deve à Academia Brasileira de Filologia e autoria ao eminente latinista, Rosalvo do Valle.

A peregrinação da famosa monja, que imortalizou seu nome e descortinou aos olhos ocidentais, possivelmente galegos, os percalços de uma viagem às raízes do Cristianismo, traz consigo também, através do seu texto, as marcas testemunhais das transformações que ocorriam no *sermo latinus*, rumo

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

à plêiade de possíveis usos do que lingüística e filologicamente se convencionou denominar “latim medieval”.

As *Considerações sobre a “Peregrinatio Aetheriae”*, do mestre Rosalvo do Valle, seguem uma linha de seriíssimos estudos sobre a obra, que possuem, em nosso ver, três marcos em terras brasílicas: os *Estudos sobre a sintaxe nominal na “Peregrinatio Aetheriae”* (1963), de Evanildo Bechara, a tradução do texto latino para o português feita por Maria da Glória Novak (1971) e as já citadas *Considerações* (1975) do ex-catedrático de língua latina da Universidade Federal Fluminense.

Neste texto introdutório, à guisa de Prefácio, pois, não se falará resumidamente sobre o teor cristão do texto egeriano, já aludido pelo latinista Amós Coelho da Silva, nem sobre o legado da *Peregrinatio*, analisado sob a ótica da contribuição para o estudo diacrônico da língua portuguesa pelo professor José Mário Botelho. Nosso viés toca a linha de ruptura e/ou continuidade de duas épocas históricas – Antigüidade Tardia e Alta Idade Média, em que a língua do Lácio era não apenas o principal instrumento veiculador de cultura, mas também criador da mesma.

Partindo dessa premissa, Rosalvo do Valle (1975, p. 23) salienta que a monja “nos legou uma preciosa fonte de informações lingüísticas, históricas e litúrgicas”. Tratando do primeiro ponto, os dados lingüísticos, aponta o estudioso flumi-

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

nense para o fato de que o relato de Etéria contém vários latins (1975, p. 30), incidindo aqui nossas palavras.

A modalidade de latim que serviu de base à redação da *Peregrinatio* é muito bem discutida pelo latinista brasileiro, ao arrolar, pelo menos, três elementos que formam o tecido egeriano: o *sermo classicus*, o *sermo quotidianus* e o *sermo ecclesiasticus*. Este verdadeiro tecido lingüístico nos fornece um rico e vivo painel das mudanças no mundo clássico tardio, que iria em breve desembocar nos albores da Idade Média e se expressar majoritariamente no mundo ocidental através do latim medieval.

Dag Norberg, Karl Langosch, Christine Mohrmann, Albert Blaise, Jozef Schringen e Karl Strecker, dentre outros, já se debruçaram sobre a conceituação de latim medieval e o que nos chama a atenção é o fato de que as variações de latim acima elencadas por Rosalvo do Valle em sua primorosa análise do texto da monja galega configuram a pluralidade lingüística do latim medieval. Portanto, Egéria, em um documento que atesta usos lingüísticos do latim expressos em um vocabulário, do qual surgirá em muitos casos formas correntes nas atuais línguas românicas, pode também ser considerada uma precursora do *sermo latinus medievalis*.

A Academia Brasileira de Filologia ao oferecer ao prelo o texto de Rosalvo do Valle permite a todos acompanhar a reflexão séria e extremamente precisa do pesquisador sobre uma viagem de uma religiosa não apenas à Terra Santa e adjacên-

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

cias, mas também a um mundo em processo de renovação, em que o antigo e o coevo se fundiriam perenemente na Idade Média!

Rio de Janeiro, 27 de abril de 2008

Álvaro Alfredo Bragança Júnior

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DIACRÔNICO DA LÍNGUA PORTUGUESA EM *PERIGRINATIO AETHERIAE*

Entre nós, estudiosos da história da língua portuguesa, mais propriamente da sua história externa, é pacífica a afirmação de que a sua origem mediata é o latim vulgar. Justifica-se tal afirmação não só pelas semelhanças fonéticas, léxicas, morfológicas e sintáticas, mas, sobretudo, pelo fato de a origem imediata da língua portuguesa estar relacionada a romances – usos orais –, que se desenvolveram a partir do processo de dialeção da língua latina na Península Ibérica após a queda do Império Romano.

Contudo, não é pacífico entre os latinistas, romanistas e lingüistas o conceito de latim vulgar, como bem observa o eminente latinista, Rosalvo do Valle, nestas suas *Considerações sobre a Perigrinatio Aetheriae*, que muito me honra prefaciá-lo.

De fato, são merecedores de ênfase as observações e os comentários sobre o fenômeno oral em língua latina, feitos pe-

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

lo mestre, citando as concepções, algumas vezes conflitantes e outras vezes nem tanto, de vários estudiosos como Väänänen, Marouzeau, Sedgwick, Maurer, Dias y Dias, Silvio Elia, Silva Neto e outros.

Igualmente merecedores de louvor são a importância da formação do cristianismo, destacada pelo Prof. Amós Coêlho da Silva, e a identidade dos três elementos que compõem o texto eteriano – o *sermo classicus*, o *sermo quotidianus* e o *sermo ecclesiasticus* –, destacada pelo Prof. Álvaro Alfredo Bragança Júnior, que constatamos nesta obra do querido mestre Rosalvo.

Não obstante, a mim coube destacar elementos que contribuem para o estudo diacrônico do português, o que passo a fazer de forma sintética, mormente porque se trata de um prefácio.

No terceiro capítulo, depois de ressaltar o número exaustivo de ocorrências e exemplificações na obra de Van Orde, Rosalvo anuncia que vai limitar-se a alguns aspectos do vocabulário eteriano. Contudo, o mestre nos oferece subsídios suficientes para observarmos certas tendências que se generalizaram na língua corrente: palavras afetivas, de natureza familiar ou popular, empréstimos, neologismos, efetivação do processo de sufixação (em especial, do sufixo de diminutivo, que Rosalvo afirma ser escasso na *Perigrinatio*) e de prefixação e preferência por perífrases.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Dos muitos exemplos de sufixos arrolados pelo mestre, a maioria se observa na língua portuguesa dos nossos dias, como é o caso do genitivo de “-io”, “-tio” e “-sio”: “-onis” (comemoração, operação, paixão, razão); de “-tat” (humanidade, necessidade, solenidade); de “-mentum” (rolamento, firmamento); de “-ona” (matrona, chorona); de “-ela” (cadela, didadela); de “-bilis” (venerável, impossível); de “-osus” (arenoso, formoso,); de “-arius” (contrário, primário, primeiro, obreiro); e tantos outros, muitos dos quais não são sentidos como sufixos atualmente, como é o caso de “-(c)ulus”, em palavras como: abelha, orelha, ou o próprio “-tat” em: idade, verdade, cidade, entre outros sufixos.

No capítulo seguinte, sob o título “Alguns fatos gramaticais”, Rosalvo nos esclarece, em “questões de grafia”, a perda da aspiração do “h” inicial, que ainda hoje se mantém na grafia do português (hóstia, hoje, hora etc.) e do medial, que sofreu síncope (mim, depreender etc.); também oferece subsídios para compreendermos a apócope do “-m” final dos nomes e do “-t” final das formas verbais de 3ª pessoa.

Em Morfologia Nominal, esclarece que a autora da *Peregrinatio* demonstra certa erudição. Logo, o texto não nos oferece subsídios para o estudo diacrônico de morfologia do português. Já na Morfologia Verbal, o mestre ressalta a confusão entre verbos de 2ª, 3ª e 4ª conjugações e a tendência a um quadro simplificado a três conjugações, como o é em português. Comenta, ainda, sobre a situação complexa da construção pronominal, que ora equivale à passiva, ora à ativa, cujo pronome

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

ou é um complemento verbal em acusativo ou é um elemento estilístico, como também ocorre no português.

Na Sintaxe, o mestre faz observações importantíssimas sobre a ordem direta dos termos na frase eteriana, sobre os elementos discursivos, sobre o largo uso de preposições e de locuções prepositivas, e sobre a preferência por orações desenvolvidas.

Apesar de eu ter-me alongado, muito ainda se poderia ressaltar desta obra, que representa um estudo de expressivo valor para quaisquer interessados em questões de linguagem (oralidade e escrita e cultura escrita) e, mormente em aspectos diacrônicos da língua portuguesa.

Ao efetivar a publicação desta obra, a Academia Brasileira de Filologia põe à disposição do público em geral uma pesquisa, cuja falta já se fazia sentir. De fato, presta uma justa homenagem ao Prof. Rosalvo do Valle e presenteia a todos nós com esta indispensável obra.

Rio de Janeiro, 29 de abril de 2008

José Mario Botelho

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

INTRODUÇÃO

Esta tese tem sua origem remota no projeto de pesquisa que apresentei em abril de 1970 ao Departamento de Linguística e Filologia do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, ao vincular-me ao Regime de Tempo Integral e Dedicção Exclusiva, embora os encargos administrativos que então exercia só me permitissem iniciar o trabalho em princípio de 1971.

O projeto, que se intitulava *A “Peregrinatio ad loca sancta” – tradução, comentário e vocabulário*, era em síntese o seguinte: a) edição bilíngüe da obra; b) levantamento do vocabulário com o índice de freqüência; c) comentários lingüísticos, especialmente sintáticos, com vistas a uma sintaxe da *Peregrinatio*.

Uma das causas dessa escolha foi a situação do latim nos novos currículos de Letras com a reforma do ensino superior. A cátedra de Língua e Literatura Latina se subdividiu em duas disciplinas independentes, tendo ficado Língua Latina

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

como disciplina do ciclo básico, obrigatória em dois semestres e optativa em mais dois, porém com precaríssimas possibilidades no ciclo profissional em vista da falta de mercado de trabalho no ensino pré-universitário. Então, julguei necessário reformular o ensino do latim, procurando integrar Língua Latina em planos departamentais especialmente relacionados com a Filologia Românica e os estudos diacrônicos de Língua Portuguesa. Esta programação era possível em Língua Latina III e IV, com a vantagem de vincular a pesquisa a um plano real de ensino. No magistério acho a pesquisa pela pesquisa simplesmente quimérica.

Quando apresentei o projeto só havia entre nós dois estudos sobre a *Peregrinatio*: as teses de Bechara e de Ênio Fonda, que comentaremos no primeiro capítulo. A tradução de Maria da Glória Novak só me chegou às mãos em fins de 71 e se antecipou à nossa (cabe bem o pronome, porque inicialmente se tratava de um projeto em grupo reunindo professores de Língua e de Literatura Latina), e de certo modo nos fez alterar as etapas do trabalho.

Outro fato que merece uma explicação: só em julho de 72, graças a um querido amigo, consegui o *Lexicon Aetherianum* de Van Oorde, que só conhecia de referências bibliográficas. Não adiantava prosseguir o exaustivo levantamento vocabular.

Mas, “tudo vale a pena se a alma não é pequena”. A pesquisa me fez descobrir tesouros riquíssimos... As longas

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

horas de leitura na biblioteca do Mosteiro de S. Bento, com a ajuda sempre afetuosa de D. Miguel, me foram de indizível proveito. O interesse e a prestimosidade de alguns amigos e alunos não só me possibilitaram a aquisição de farto material; deram-me lições que não estão nos textos. No campo estritamente profissional a pesquisa me animou a levar adiante um antigo plano (outra causa da escolha do projeto): divulgar nos nossos cursos essa preciosa literatura latina cristã, posta de lado, entre outras razões, por um velho preconceito purista que limitou o estudo do latim quase exclusivamente aos clássicos da época de Cícero e Augusto. É claríssimo que não se poderá prescindir da leitura desses autores. Mas é importantíssima, literária e lingüisticamente, a contribuição dos escritores da latinidade tardia. Entre nós parece não ter tido eco o apelo que de longa data vêm fazendo latinistas europeus e americanos no sentido de se dar à latinidade cristã e medieval o tratamento que vem merecendo a latinidade clássica.

As chamadas fontes do latim vulgar, que não são apenas tardias, têm sido matéria privativa de romanistas. Bons tratadistas reconhecem, por exemplo, no I e II séculos “grandes obras literárias”, mas lhes censuram a falta de pureza e de perfeição clássicas! O latim do período clássico tornou-se para alguns, mais que um padrão lingüístico ideal, um objeto de culto.

A pesquisa básica deu azo a outras pesquisas que vêm constituindo assuntos de cursos regulares e de extensão que temos dado no Instituto de Letras da UFF, algumas das quais esperamos divulgar assim no-lo permita a livre-docência: a

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PEREGRINATIO AETHERIAE

Carta de Valério, traduzida e anotada; as *Anotações à “Peregrinatio Aetheriae”*, em fase de redação final; o problema da variação lingüística em latim; alguns aspectos da repetição na *Peregrinatio*; etc.

Aí está a origem próxima da tese: as aulas de Língua Latina III e IV. Professor é mesmo incorrigível! Não consigo afastar a idéia de que escrevo para os alunos, idéia-presença docemente confortadora que suaviza esta “fatalidade atroz que a mente esmaga”: entregar a tese ou perder o prazo.

Não vai aqui, porém, nenhuma desculpa.

Alguns erros, falhas, omissões etc. de fato podem ir por conta desse corre-corre normal da vida do professor: aulas, provas, relatórios, seminários, reuniões... Outros, certamente mais graves, têm origem em deficiências do autor, que, com sincera humildade, as reconhece.

Afinal, como diz a nossa monja,

“unusquisque ut potest id facit, nec ille laudatur qui satis fecerit, nec ille uituperatur qui minus” (*Peregr.* 28,4)

CAPÍTULO I

A OBRA

1. Problemas externos: título, autor, nacionalidade e época.

Fontes de informação do autor.

1.1 Entre as obras da literatura latina em que é possível colher elementos para o estudo do chamado latim vulgar vem invariavelmente arrolada uma curiosa narrativa da peregrinação que fez aos santos lugares uma mulher, provavelmente em fins do IV e princípios do V século.

Essa obra, só publicada em 1887, despertou logo a atenção de latinistas e romanistas, historiadores e liturgistas pela riqueza de material de pesquisa que oferece àqueles especialistas, de tal forma que é hoje assunto de vastíssima bibliografia.

Trata-se de um diário de viagem em que uma peregrina conta às suas irmãs de comunidade religiosa – tratadas sempre com afetuosa reverência: *dominae sorores, dominae uenerabi-*

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

les sorores, affectio uestra, lumen meum – as acontecências de sua peregrinação de cerca de três anos pelos lugares santos da Palestina e do Oriente.¹

A obra não nos chegou completa; faltam-lhe alguns trechos. Como está, compõe-se de duas partes bem distintas: na primeira (cap. 1-23) a autora narra quatro etapas importantíssimas dessa longa viagem (cf. Pétré, 1948, p. 29-57):

1^a) A peregrinação ao Monte Sinai e a volta a Jerusalém (1-9):

Interea ambulantes peruenimus ad quendam locum, ubi se tamen montes illi, inter quos ibamus, aperiebant et faciebant uallem infinitam, ingens planissima et ualde pulchram, et trans uallem apparebat mons sanctus Dei Syna. (1,1).

Et inde (Pelusio) proficiscens denuo, faciens iter per singulas mansiones Egypti, per quas iter habueramus, perueni ad fines Palestinae. Et inde in nomine Christi Dei nostri faciens denuo mansiones aliquod per Palestina regressa sum in Helia, id est in Ierusalimam (9,7)

2^a) A subida ao Monte Nebo (10-12):

Item transacto aliquanto tempore et iubente Deo fuit denuo uoluntas accedendi usque ad Arabiam, id est ad montem Nabau, in eo loco, in quo iussit Deus ascendere Moysen (10,1).

¹ *domine sorores* (46,4), *dominae sorores* (46,4), *domine uenerabiles* (12,7), *dominae uenerabiles sorores* (3,8), *dominae sorores uenerabiles* (20,5), *dominae animae meae* (19,19), *dominae, lumen meum* (23,10) *dominae, lumen meum* (23,10); *affectio uestra* (5,8 – 7,3 – 17,2 – 20,13 – 24,1) *uestram affectionem* (23,10), *uestrae affectioni* (23,10).

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

3ª) Saindo de Jerusalém, a visita ao túmulo de Jó, em Cárneas ou Denaba, cidade de Ausítide (13-16):

Item post aliquantum tempus uolui etiam ad regionem Ausitidem accedere propter uisendam memoriam sancti Iob gratia orationis (13,1).

Habens ergo iter ab Ierusalima usque ad Carneas eundo per mansiones octo (Carneas autem dicitur nunc ciuitas Iob, quae ante dicta est Dennaba in terra Ausitidi, in finibus Idumeae et Arabiae) (13,2).

4ª) Depois de três anos em Jerusalém (cf. 16,7 e 17,1), a peregrinação à *Mesopotamia Syriae* (16-21) e o regresso a Constantinopla, de onde partira (21-23):

Item in nomine Dei, transacto aliquanto tempore, cum iam tres anni pleni essent, a quo in Ierusalimam uenisse, uisis etiam omnibus locis sanctis, ad quos orationis gratia me tenderam, et ideo iam reuertendi ad patriam animus esset: uolui iubente Deo ut et ad Mesopotamiam Syriae accedere (17,1).

Ac sic ergo alia die transiens mare perueni Constantinopolim, agens Christo Deo nostro gratias, quod michi indignae merenti praestare dignatus est tantam gratiam, id est, ut non solum uoluntatem eundi, sed et facultatem perambulandi quae desiderabam dignatus fuerat praestare et reuertendi denuo Constantinopolim (23,8).

Na segunda parte, a autora nos oferece, com detalhes, preciosos dados litúrgicos e eclesiásticos da Jerusalém do IV século, renascida esplendorosamente no tempo de Constantino e Santa Helena, sua mãe.

Era intenção de Etéria comunicar minuciosamente a suas *sorores* todas as celebrações religiosas de que participou. E

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

começa com os ofícios da Semana Santa celebrados na Basílica do Santo Sepulcro (24):

Ut autem sciret affectio uestra, quae operatio singulis diebus cotidie in locis habeatur, certas uos facere debui, sciens, quia libenter haberetis haec cognoscere (24,1).

E assim procede sempre com as celebrações do ano litúrgico: Epifania (25), a apresentação de Jesus no Templo (26), a Quaresma (27-29), a Semana Santa (30-39), o primeiro domingo depois da Páscoa (40), a preparação para a Ascensão (41) e a Ascensão (42) (“die quadragesimarum post Pascha”), Pentecostes (43) (“quingagesimarum die”) e depois de Pentecostes (44). Detalhadíssima a preparação dos candidatos ao batismo na Páscoa (45) com a “traditio symboli” e “redditio symboli” (46) e a pregação sobre os mistérios (47). Finalmente, as festas das encênias (48-49), celebração soleníssima porque a consagração das igrejas do *Martyrium* e da *Anastasis* coincide com a Invenção da Cruz:

Item dies enceniarum appellantur, quando sancta ecclesia, quae in Golgotha est, quam Martyrium uocant, consecrata est Deo; sed et sancta ecclesia, quae est ad Anastase, id est in eo loco, ubi Dominus resurrexit post passionem, ea die et ipsa consecrata est Deo. Harum ergo ecclesiarum sanctuarum encenia cum summo honore celebrantur, quoniam crux Domini inuenta est ipsa die (48,1).

Não faltam informações sobre os santuários, numerosos, e alguns suntuosíssimos, construídos principalmente nos “lugares sagrados” e onde se realizaram as cerimônias acima referidas: a Basílica do Santo Sepulcro (com a *Anastasis*, o Calvário e o *Martyrium* ou *Ecclesia Maior*), o santuário do Cenáculo de Sião, os três santuários do Monte das Oliveiras (*Imbo-*

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

mon, Eleona e Getsemani), a basílica de Belém e duas igrejas na Betânia, uma das quais é a chamada *Lazarium*.

Enfim, acho que está explicado o interesse de historiadores e liturgistas pela obra.

Quanto ao interesse lingüístico, é precisamente o que pretendemos examinar nesta tese.

Ouçamos a palavra dos mestres.

Tagliavini entende que

il testo latino...contiene moltissime espressioni che contrastano coll'uso classico e che ci attestano l'incipiente fissazione di caratteri volgari, molti dei quali si mantengono nelle lingue romanze (Tagliavini, 1969, p. 214-15).

Väänänen diz mais ou menos o mesmo:

la langue de ce texte, sans être dépourvue d'un certain souci littéraire, fournit de nombreux "vulgarismes" (Väänänen, 1963, p. 18).

Diaz y Diaz considera a *Peregrinatio Egheriae* (sic) uma

admirable descripción de um piadoso viaje de la virgen Egeria a Oriente para recorrer todos los lugares mencionados em la *Bíblia*.

Identifica na autora uma mulher de certa cultura,

pues su texto está lleno de reminiscencias literarias; pero su interés consiste en la libertad con que acude al uso popular de su época, cuando no acierta con el uso gramático o le parece poco efectista.

E, para caracterizar esse latim:

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Al igual que en Petronio, puede aquí decirse que lo más interesante es el aspecto general del texto, que indica o prelude las grandes mutaciones del románico.

Acha a narrativa “casi siempre ligera y clara”. Reconhece a importância lingüística e histórica da obra e observa, com razão:

se le ha tenido siempre por uno de los textos más característicos del Latín Vulgar; pero, repetimos, la costra literaria de Egeria es demasiado densa para considerar vulgar el texto que escribió (Díaz y Díaz, 1950, p. 81).

Entre os especialistas brasileiros Serafim da Silva Neto (1957, p. 116), examinando as fontes de conhecimento do latim vulgar, julga “do mais alto valor” a *Peregrinatio ad loca sancta*; e Maurer (1962, p. 17) destaca-a entre os “itinerários e narrativas de peregrinações à Terra Santa”.

Neste capítulo focalizaremos os quatro problemas “externos” de nossa obra – título, autor, época, local – os quais, a nosso ver, continuam sem uma palavra final. Nos capítulos seguintes tentaremos estudar o problema “interno” do latim ete-riano.

1.2 O texto foi publicado pela primeira vez em 1887 por Gamurrini que o havia descoberto em 1884 num pergaminho manuscrito do século XI na biblioteca da sociedade Fraternità dei Laici, em Arezzo, e o divulgou juntamente com textos de Santo Hilário com o título de *Sancti Hilarii Tractatus de Mysteriis et Hymni et S. Silviae Aquitanae Peregrinatio ad Loca Sancta, quae inedita ex codice Arretino deprompsit J. F. G.*,

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Biblioteca della Accademia Storico-Giuridica. Roma, 1887, vol. IV.

A publicação de Gamurrini justifica o título por que a obra se tornou mais conhecida e em favor do qual há uma forte tradição. Mas não é do original, uma vez que o manuscrito não traz qualquer informação quanto a título, autoria ou data. Alguns especialistas preferem chamá-la *Itinerarium*, velha denominação romana dos roteiros ou guias práticos, ilustrados ou não (*depicta* ou *scripta*), muito úteis para expedições, viagens ou peregrinações, que informavam mais ou menos minuciosamente o viajante sobre os locais, os acidentes geográficos, as distâncias, as *mutationes*, as *stationes etc.*

Os latinistas e romanistas, muito mais preocupados com o texto, simplesmente adotam uma denominação. Entre nós, Bechara prefere a tradição:

Ao empregar a forma *Aetheria* ou, em português, *Etéria*, apenas me filio ao uso tradicional entre mestres brasileiros e portugueses, além de ser a maneira a que me acostumei lendo os dois grandes mestres estrangeiros que me iniciaram no estudo mais profundo da *Peregrinatio*, W. Heraeus e E. Löfstedt (Bechara, 1965, p. 337)

Ênio Fonda (1966) optou por *Itinerarium Aetheriae*. Maria da Gloria Novak traduziu por *Peregrinação de Etéria*, embora na Introdução diga que

foi infeliz a escolha de Gamurrini: o verdadeiro nome parece ter sido apenas *Itinerarium*. (Novak, 1971, p. 11)

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Na verdade a narrativa de Etéria é bem mais que um se-co *itinerarium*; é um interessantíssimo “journal de voyage”, como traduziu com muita felicidade Hélène Pétré (1948).

1.3 Quanto ao problema do autor, quem seria a *Silvia aquitana* de que fala Gamurrini? Seria Silvia ou Silvânia, irmã de Flávio Rufino da Aquitânia, gaulês, contemporâneo de Teodósio Magno, a qual nos fins do século IV teria feito uma peregrinação à Terra Santa?

Hoje essa opinião está inteiramente abandonada, em favor de *Etheria* (*Aetheria*) ou *Egeria*, piedosa mulher provavelmente hispânica.

Não entraremos nesse assunto discutidíssimo, que nos afastaria demais dos limites deste capítulo. Vão aqui umas referências que consideramos fundamentais.

Sobre a forma *Etheria* ou *Aetheria*, o estudo clássico é o de Dom M. Férotin, *Le véritable auteur de la Peregrinatio Silviae: la vierge espagnole Etheria*, em *Revue des Questions Historiques*, 38 (1903), p. 367 e seguintes. Dom Férotin valeu-se de um precioso documento por ele descoberto, uma carta de Valério, monge hispânico do século VII, que viveu na Galiza, escrita a seus irmãos do mosteiro de Bierzo. Valério aponta-lhes o exemplo de fé cristã de uma piedosa mulher, *Etheria*, que apesar de sua *feminea fragilitas* não se arreceou de todas

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

as dificuldades para, em longa peregrinação pelos santos lugares, dar seu testemunho de amor a Deus.

Nos manuscritos desse texto ocorrem as formas *Aetheria*, *Etheria*, *Heteria*, *Egeria*, *Eiheria*, *Echeria*. Dom Férotin fixou a forma *Etheria*. Alguns especialistas (Heraeus, Meister, García, Löfstedt) preferem grafar *Aetheria*, que tem apoio em manuscritos e denuncia a influência da forma clássica *aethereus*, *-a*, *-um* – “celeste”. Aliás, parece intencional a associação do nome da peregrina a esse sentido no trecho em que Valério se refere a *aetherea regna*.

A carta de Valério pelos conhecimentos que revela da *Peregrinatio Aetheriae* tornou-se de leitura obrigatória e está inseparavelmente ligada às pesquisas sobre essa obra. Leia-se o excelente estudo sobre a Carta com uma edição crítica do texto de Zacharia García, S.J. (1910)²

A forma *Egeria* tem a seu favor argumentos bastante sérios, já examinados exaustivamente por Zacharia García, S.J. e D. Lambert.

Acrescentemos que a forma é antiqüíssima em latim.

Gaffiot em seu *Dictionnaire illustrée latin-français* (Gaffiot, 1934, verbetes *Egeria* e *Egerius*) registra *Egeria*, *-ae* e *Egerius*, *-ii*:

² Há uma tradução da carta em Pétré, 1948, p. 268-274. Esse precioso documento foi objeto de um curso nosso em Língua Latina IV no Instituto de Letras da UFF no 1º semestre de 1974. Traduzimos e anotamos o texto para uma edição bilingüe que será brevemente divulgada.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Egeria, -ae, f., Egérie (nymphé que Numa feignait de consulter): Liv. 1,19; Virg *En.* 7,763.

Egerius, -ii, m., nom d'un frère de Tarquin l'Ancien: Liv. 1,34

Não registra, porém, *Aetheria* ou *Etheria*.

Entre nós trataram da matéria Evanildo Bechara e Ênio Aloísio Fonda, em artigos que comentaremos adiante.

De nossa parte, entendemos que a discussão sobre o verdadeiro nome tem seu interesse histórico e até lingüístico, mas não contribui em nada para esclarecer problemas referentes ao latim da obra; entendemos, com Bechara, que *Aetheria* (*Etheria*) e *Egeria* são formas independentes, devendo ser afastada, por falta de fundamento científico, a hipótese de um único étimo (Bechara, 1965, p. 332).

Mas modernamente a forma *Egeria* tem logrado maior aceitação.

1.4 Sobre a pátria da nossa autora há três hipóteses: a) a Gália Narbonense (Gamurrini e Meister, que localiza o mosteiro de Etéria em Arles ou Marselha); b) o noroeste da Hispânia, perto do oceano (D. Férotin) e c) a Galiza (Zacharia García, S.J., 1910).

Este último, com eruditíssima argumentação, discute quatro trechos que os autores têm utilizado diferentemente na defesa de suas hipóteses:

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

1ª) o trecho da *Peregrinatio* (19,5) em que o bispo de Edessa diz à peregrina:

Video te, filia, gratia religionis tam magnum laborem tibi imposuisse ut de extremis porro terris uenires ad haec loca;

2ª) outra passagem da *Peregrinatio* (18,2) em que Etéria compara o Eufrates ao Ródano:

Perueni ad fluuium Euphraten, de quo satis bene scriptum est esse flumen magnum Euphraten et ingens, et quasi terribilis est; ita enim decurrit habens impetum, sicut habet fluuius Rodanus, nisi quod adhuc maior est Eufrates;

3ª) um fragmento do Pedro Diácono que reproduz um trecho perdido da *Peregrinatio*:

Mare autem rubrum non ob hoc habet nomen, quia rubra est aqua aut turbulenta, sed adeo est limpidus et perlustris et frigidus ac si mare oceanus. Ibi elecessae nimii saporis est suauitatis sunt. Omne autem genus piscium in eodem mare sunt tanti saporis ut pisces maris Italici... Corallum uero in eodem littore plurimum est, ipse autem mare rubrum pars oceani est;

4ª) duas passagens da Carta de Valério:

Itaque dum olim almifica fidei catholicae crepundia, lucifluaque sacrae religionis immensa claritas huius occiduae plagae sera processione tandem refulsisset extremitas, eadem beatissima. ...Aetheria... inmensum totius orbis arripuit iter;

e ...quae extemo occidui maris oceani litore exorta, Oriente facta est cognita.

Desses argumentos García entende como mais preciosos os de Valério, pois *huius occiduae plagae e extremo occidui maris oceani litore* são expressões técnicas, geográficas, atestadas em outros autores para designar o litoral ocidental da Hispânia, a “ocidental praia” (lusitana?).

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Restariam os argumentos rigorosamente lingüísticos. Estes, porém, a julgar pelos galicismos arrolados por Meister e hispanismos levantados por D. Férotin e Anglade – estou-me valendo das referências de García – são precaríssimos e, na verdade, pertencem ao fundo latino comum. Voltaremos a este assunto adiante.

1.5 Quanto à cronologia, outra questão difícilima, a crítica moderna tende a situar a obra em fins do século IV e princípios do V. Aqui têm a palavra historiadores e liturgistas, já que o texto nos oferece referências históricas e litúrgicas de certa importância para essa localização, tais como:

1) *Peregr.* 42: “die quadragesimarum post pascha...”

A festa da Ascensão do Senhor começou a ser celebrada já na segunda metade do século IV;

2) *Peregr.* 45 e 46: a preparação imediata para o batismo se restringiu, a partir do século IV, à Quaresma;

3) *Peregr.* 20,12: “locus ille, filia, quem requires, decima mansione est hinc ... in Persida ...; sed modo ibi accessus Romanorum non est; totum enim illud Persae tenent”. A cidade de Nísibe foi abandonada por Joviano aos persas em 363;

4) Construção e consagração das igrejas do *Lazarium*, do Gólgota e de São, todas anteriores a 363;

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

5) A igreja de Getsêmani construída por Teodósio em torno de 380;

6) A igreja do Martyrium de S. Tomé, consagrada em 394, era ainda nova quando Etéria a visitou (*Peregr.* 19,2 e 3: “Ubi cum peruenissemus, statim perreximus ad ecclesiam et ad martyrium sancti Thomae ... Ecclesia autem, ibique est, ingens et ualde pulchra et noua dispositione, ut uero digna est esse domus Dei”).

1.6 Etéria revela familiaridade com os textos bíblicos. Aliás, Vermeer afirma que a monja viajava “Bible en main” (Vermeer, 1965, p. 7). De fato, não parece razoável pensar com outros autores que a peregrina citava de cor ou apenas transcrevia as explicações dos *sancti deductores*. As frequentíssimas referências revelam, mais do que simples leitura, uma vivência interior da Sagrada Escritura. Além da *Bíblia* – certamente não a *Vulgata* de S. Jerônimo, mas versões da *Vetus latina* – e, naturalmente, da tradição oral e das informações dos acompanhantes, teria utilizado como fontes de consulta o *itinerarium* conhecido como *Onomastikon* de Eusébio, na versão jeronimiana. Hélène Pétré aponta inúmeras coincidências entre a *Peregrinatio* e o *Onomastikon*. Curiosamente, porém, não há qualquer referência na *Peregrinatio* a S. Jerônimo, famoso por sua cultura e por sua austeridade, que devia estar em Belém no período em que a nossa peregrina esteve por aquelas regiões. Será que se refere a Etéria aquela “passagem enigmá-

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

tica” de S. Jerônimo na epístola *Ad Furiam*, 54, 13? (Morin, 1913)

O certo é que dessa peregrinação de cerca de três anos essa mulher *satis curiosa* nos legou uma preciosa fonte de informações lingüísticas, históricas e litúrgicas.³

2. O texto

O texto que utilizamos no início de nossas anotações sobre o *Peregrinatio* foi o de Hélène Pétré. Depois conseguimos as edições de Heraeus, Geyer e de Franceschini-Weber. Com grande mágoa não pudemos consultar outras edições de que tomamos conhecimento através de referências bibliográficas ou de recensões. Também não temos notícia da edição de Denys Gorce com tradução e comentário, referida por Weber (1952).

O exame das lições do *Codex Aretinus* no registro filológico de algumas daquelas edições; a leitura de algumas recensões críticas, como a de Christine Mohrmann à edição de Hélène Pétré; as notas contundentes de Weber, que pôde controlar a fidelidade das colações de Geyer com o microfilme do manuscrito (*ibidem*), nos possibilitaram o confronto dessas

³ *Peregr.* 16,7: “Communicantes ergo et ibi, gratias agentes Deo semper regressi sumus in Ierusalimam, iter facientes per singulas mansiones, per quas ieramus tres annos”.

³ *Peregr.* 17,1: “Item in nomine Dei, transacto aliquanto tempore, cum iam tres anni pleni essent, a quo in Ierusalimam venisse...”

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

“variantes” com as opções dos autores – único recurso a nosso alcance.

Os fatos formais arrolados por Weber no artigo aqui citado merecem um exame mais detido e teriam de ser considerados se nos propuséssemos um trabalho de crítica textual. Como, porém, os resultados desse confronto de textos não interferiram nas nossas conclusões, adotamos quase sempre o texto de Heraeus, com o qual vínhamos trabalhando.

3. Estudos sobre a “Peregrinatio Aetheriae” em Português

3.1 Ao contrário do que ocorre em outras línguas, a bibliografia sobre a *Peregrinatio Aetheriae* em português é pobreíssima. Lamentavelmente continua atual a afirmação de Joaquim Ribeiro em 1935:

Ainda não se fez, que eu saiba, tanto em Portugal como no Brasil, uma edição desse documento precioso... (Cf. Silva Neto, 1956, p. 11)

Em Portugal, além de referências gerais em compêndios de Filologia Portuguesa só temos conhecimento de dois artigos: o de Francisco José Velozo, *Etéria (séc. IV) e o latim lusitânico*, separata da *Revista de Portugal – série A: Língua Portuguesa*, volume XXXI, Lisboa 1966, e o de Paulo Durão, S.J., *Algumas observações sobre a linguagem da Peregrinação de Etéria*, separata da *Revista Bracara Augusta*, vol. XXI, fasc. 47-48 (59-62), Braga, 1968.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

O primeiro é um artigo de 46 páginas em que o erudito Francisco José Velozo não só defende a origem hispânica (possivelmente galega) de Etéria, mas ainda arrola exemplos do texto (p. 29-31) e organiza um “glossário eteriano-lusitânico” (!) (p. 36-47) para consignar

Algumas locuções que nos parecem sintomáticas para cabal apreciação do latim da *Peregrinatio* ou *Itinerarium*, como antepassado português e galego.

Vejam-se estes passos:

Inclinamo-nos porém a crê-la assim, da província romana da Galícia (p. 21);

Etéria representa aquele núcleo cultural e monástico de que Braga foi centro ... (p. 21)

Etéria, a, podemos dizê-lo com honra, *nossa* Étería ... (p. 30);

A nossa compatriota ... (p. 34)

Se alguns dados históricos, já exaustivamente analisados por Zacharia García, S.J., principal fonte do autor, parecem convincentes, o material lingüístico – tratando-se de língua escrita, língua adquirida na escola onde sempre se ensinou a norma culta da *aurea latinitas* – o material lingüístico arrolado por Velozo não será muito diferente do de outro escritor cristão do IV século, ressalvadas, é claro, as peculiaridades estilísticas de cada um.

Veja-se, por exemplo, o confronto de Vermeer entre o vocabulário de Etéria e o de Antonio Placentino (Vermeer, 1965).

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Tratando-se de uma variedade regional ou local, os traços relevantes desse latim lusitânico ou hispânico seriam do domínio do léxico. Ora, o vocabulário da *Peregrinatio*, como se verá adiante, nos tira qualquer ilusão quanto à hispanidade da língua de Etéria. Há poucos exemplos seguros, como *plicare*, português *chegar*, espanhol *llegar*, uma vez que alguns dos exemplos de *sedere* que muitos autores consideram com o sentido do português *ser* e do espanhol *seer* não são matéria pacífica. Apenas

revelam já o começo do esvaziamento semântico (Silva Neto, 1957, p. 113, nota 35).

Por outro lado, como explicar um italianismo como (*se*) *iungere*, “chegar”, italiano *giungere*? E o emprego de *manducare* (francês *manger*, italiano *mangiare*) em 13 exemplos contra nenhum de *comedere* (português *comer*, espanhol *comer*)?

A verdade é que o latim vulgar de textos provenientes de províncias diferentes é mais ou menos o mesmo (Cf. Väänänen, 1963, p. 22).

O latim comum hispânico de Serafim da Silva Neto, como viu claramente o mestre, é

uma hipótese de trabalho, uma base sobre a qual estabelecemos a história lingüística, e não, evidentemente, uma língua viva (Silva Neto, 1923, p. 161).

O padre Paulo Durão, S.J. não pretende nas quatro breves páginas de seu artigo

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

apresentar a *Peregrinação de Etéria*, nem examinar o interesse histórico e litúrgico de tão curiosa narrativa,

mas

apenas chamar a atenção para algumas curiosas formas de sua linguagem, em razão da semelhança que nelas se verifica com o português atual (Durão, 1968, p. 5).

Também aqui, as palavras, breves locuções e giros de frase arrolados não são todos apenas hispânicos.

Mais recentemente tomamos conhecimento das recensões do padre J. Geraldês Freire, catedrático da Universidade de Coimbra, trabalhos citados na bibliografia.

3.2 No Brasil escreveu-se mais sobre a *Peregrinatio*. Há, primeiro, inúmeras referências à obra em Serafim da Silva Neto, *História do Latim Vulgar* (p. 116-18) e *Fontes do Latim Vulgar* (p. 11, 50, 87, 98, 99, 185); Theodoro Henrique Maurer Jr., *Gramática do Latim Vulgar* (p. 24, 62, 87, 88, 89, 99, 139, 189, 190, 191, 195, 198, 207, 208, 262, 277, 280) e *O Problema do Latim Vulgar* (p. 26, 27, 33, 105, 142); Silvio E-lia, *Preparação à Lingüística Românica* (p. 42 e 43).

Mas há trabalhos específicos sobre os quais faremos breves comentários. Ei-los, em ordem cronológica:

1º - EVANILDO BECHARA, *Estudos sobre a sintaxe nominal na Peregrinatio Aetheriae*. Trabalho apresentado para o concurso de provimento da Cátedra de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

do Estado da Guanabara, Rio de Janeiro, 1963, 45 páginas mimeografadas.

Bechara não pretendeu fazer um levantamento exaustivo do emprego dos casos na *Peregrinatio*. O seu propósito foi trazer à discussão aqueles empregos que atestam o tom coloquial da obra e interessam à Linguística Românica.

Sempre bem avisado, o autor não incorre no vezo de considerar os exemplos arrolados como traços privativos de Etéria. Prudentemente, confronta-os com os de outros autores, frisando a continuidade de certos fatos da língua, presentes em autores arcaicos e em autores da latinidade tardia. Como seu alvo é a Romanística, Bechara recorre a todo momento às línguas românicas para, numa visão lingüística prospectiva, apontar a continuidade do fato latino-vulgar ou para confrontar construções. Ressalte-se a valorização da contribuição cristã. É também muito de notar-se a influência de autores nórdicos e alemães na formação científica do autor, em particular esse admirável Löfstedt, cuja obra *Philologischer Kommentar zur Peregrinatio Aetherae* continua de consulta obrigatória. Pena é que nem todos possam beneficiar-se da leitura dessa obra que – *mirabile dictu* – até hoje continua no original alemão.

2º - ENIO ALOISIO FONDA, *O problema histórico da “Peregrinatio Aetherae”*, em Revista de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, vol. III, p. 137-169, artigo que ensejou sérias ponderações de Evanildo Bechara

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

quanto ao nome da peregrina no estudo *A Carta de Valério sobre Etéria*, em *Romanitas*, vol. 6-7, 1965, p. 331-37. Aliás, a crítica de Bechara se aplica também a Zacharia García, que ao discutir a passagem de *Aitheria* a Egeria entende que

on explique facilement le changement du *t* em *g*. Dans le latin vulgaire, on permuta quelque fois ces deux lettres (García, 1910, p. 386).

O erudito jesuíta voltou ao assunto no artigo *EGERIA ou AETHERIA?* Publicado em *Analecta Bollandiana*, tomus XXX, 1911, 444-47, em que propões a evolução *Aitheria* = *Eideria* = *Eideria* = *Eiheria* = *Egeria*.

Rien de surprenant dans ce procédé, qui est em parfait accord avec toutes les règles philologiques.

3° - ENIO ALOISIO FONDA, *A Síntese Orgânica do "Itinerarium Aetheriae"*, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, São Paulo, 1966, 190 páginas.

Trata-se de um trabalho que “em sua forma embrionária” serviu de tese de doutoramento em Língua e Literatura Latina na Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo em 1961. Rica de informações sobre a *Peregrinatio*, com o mérito maior de boa documentação colhida no original, a obra deixa-nos, porém, muitas interrogações sobretudo no que se refere ao que o autor chama aspecto “filológico-psicológico-estilístico” da problemática do *Itinerarium* (p. 99).

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Fonda tinha objetivos bem diversos dos nossos. Preocupou-se mais com a “autonomia integral”, a “validade intrínseca” da obra e não com o levantamento de “fatos filológicos isolados, possível contribuição para o estudo do latim vulgar” (p. 98), o que o levou a encarar os fatos “sob um ponto de vista menos filológico, e mais psicológico” (p. 100). É, pois, fundamentalmente um trabalho de interpretação estilística.

Foi-nos de grande valia a obra do Dr. Enio Fonda pelo fartíssimo material que reuniu e procurou analisar. Porém, no plano do nosso trabalho é fundamental a conceituação de variantes lingüísticas para situarmos o latim (ou os latins) de Etéria. E a este respeito a orientação lingüística de Enio Fonda nos parece muito flutuante, às vezes até contraditória, e nos deixa em dúvidas quanto ao que concluir da leitura de trechos como estes:

A língua de Etéria não pertence àquela que comumente chamam vulgar, mas antes a um tipo de língua mais livre e transcurada, quando considerada com o seu oposto artificial, o latim clássico ou língua literária (p. 91);

A língua de Etéria é o reflexo de um *sermo cotidianus* falado em terras e épocas que muito se distanciavam da Roma clássica (*ibidem*);

...o que Etéria escreveu não é apenas o reflexo de uma linguagem “vulgar”, mas sim do “latim tardio” (p. 115);

...o latim de Etéria não é senão o comumente falado (tardio ou cristão), mas que, já cristalizado numa língua definida, não deixa de ser, nem mesmo assim, *língua literária* (p. 121);

Nessa língua, pois, certa ou errada, clássica ou vulgar, que Etéria aprendera e falava...;

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

A língua de Etéria é vulgar, porque vulgar foi o termo com que se designou a língua latina dos menos cultos, a princípio, e do povo, a seguir, quando Roma principiava a perder sua influência... (p. 121 e 122);

Chamem-na como quiserem: latim vulgar, tardio ou cristão (p. 122); etc. ...

4° - O último trabalho publicado entre nós é a *Peregrinação de Etéria – Liturgia e Catequese em Jerusalém no século IV*: introdução, tradução do original latino e notas por Maria da Glória Novak. Comentário de Frei Alberto Beckhäuser, O.F.M. Editora Vozes Limitada, Petrópolis, RJ, 1971. Apresenta além do que o título indica, um comentário (p. 16-32) que a autora diz em nota estar baseado na *Introdução* de Hélène Pétré, uma bibliografia com 21 títulos, um breve glossário latino-português, três índices de óbvia utilidade e três ilustrações. Foge ao plano do nosso trabalho comentar a tradução que, diga-se de passagem, é em geral boa e de agradável leitura. Uma possível influência de Hélène Pétré, aliás confessada, não desmerece em nada o trabalho de Maria da Glória Novak, o qual passa a ser publicamente a primeira tradução em língua portuguesa dessa preciosa *Peregrinatio Aetheriae*.

CAPÍTULO II

O LATIM DA “*PEREGRINATIO AETHERIAE*”

1. É bastante significativo que a “*Peregrinatio Aetheriae*” venha sempre relacionada entres as chamadas fontes do latim vulgar. Na verdade, não é difícil arrolar na obra um bom número de exemplos que não se enquadram nos padrões da gramática latina tradicional, que oferece uma sistematização de fatos colhidos nos “bons” escritores do período clássico da literatura latina, entendido geralmente como as épocas de Cícero e de Augusto. É certo que muitos daqueles exemplos não são estranhos nos “bons” autores quando seus textos assumem um tom de familiaridade, de espontaneidade, de informalismo, ou quando de fato refletem a linguagem do homem sem instrução. Mas de modo geral não passaram à literatura porque a consciência de um ideal literário firmou um padrão pelo qual as pessoas cultas pautavam sua linguagem mais formal, evitando fatos considerados “vulgares”. Porém, continuaram na comunicação oral e podem estar atestados nas línguas românicas.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Seria, portanto, absurdo imaginar que os tratadistas queiram dizer que a “*Peregrinatio Aetheriae*” reproduza a língua popular. A inclusão dessa obra entre as ditas fontes se justifica pelo número apreciável de formas da língua corrente ali atestadas.

Mas é também certíssimo que esse texto apresenta, e bem mais numerosos, exemplos de um latim cuidado, por vezes até construções de certo requinte literário, denunciadores de boa formação escolar, na linha daquele padrão lingüístico ideal que se impôs em toda a latinidade.

Têm, pois, todo cabimento as críticas transcritas no capítulo anterior, de Väänänen e Diaz y Diaz a uma opinião, muito generalizada, que considera o texto eteriano um dos mais característicos do latim vulgar.

Ainda mais peremptório é o nosso ilustre romanista Theodoro Maurer em *O Problema do Latim Vulgar*:

um exame da *Peregrinatio ad loca sancta* dará exatamente o mesmo resultado [que o de Petrônio]. Temos ali, em boa parte, um vocabulário desconhecido do romance; a gramática, apesar de numerosos senões, não é popular, encontrando-se ainda as formas da conjugação depoente e passiva, tempos do indicativo e do subjuntivo já perdidos na língua vulgar (se o futuro é excepcional, isto se explica por serem raras as ocasiões de empregá-lo), formas nominais variadas etc. Um fato que denuncia eloqüentemente o caráter escolar e, muitas vezes, “artificial” da linguagem desta obra é o emprego das formas plenas dos perfeitos em –avi e –ivi. Não há dúvida de que elas estavam inteiramente mortas no uso popular; de fato, mesmo no uso clássico já eram menos comuns do que as sincopadas. No entanto, ocorrem com

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

muita freqüência na *Peregrinatio*... Ao lado destas formas “gramaticais” ocorrem às vezes as outras (Maurer, 1959, p. 26).

Ora o caráter escolar e, muitas vezes, “artificial” da linguagem eteriana é perfeitamente compreensível, uma vez que decorre da linguagem adquirida, que sempre se pautou pelos modelos do bem dizer da literatura clássica, que veio a tornar-se através dos séculos

exemple et norme de la langue cultivée et, qui plus est, objet et norme de tout enseignement scolaire; l’enseignement ne quittera plus désormais la norme, établie une fois pour toutes, et qui était la même dans tout l’Empire occidental. De cette manière l’école est devenue le champion de la langue cultivée et littéraire (Mohrmann, 1961, II, p. 135).

A mesma razão explica o tom arcaizante que alguns autores observam na língua de Etéria diante de uma realidade oral bem diversa no IV e V séculos, época em que a maior parte dos elementos do romance antigo já deviam ser correntes (Cf. Maurer, 1962, p. 105). Tem razão De Groot ao afirmar:

il nous semble assez probable que la langue des discours de Cicéron est liée plus organiquement à langue de son temps et de son lieu que la langue de la *Peregrinatio* à celle de son auter (*Apud* Maurer, 1962, p. 142, nota 196).

2. Da leitura meditada dos autores fica-nos a impressão de que todos (ou quase todos) querem dizer a mesma coisa. Então, parece-nos que o primeiro problema é definir alguns termos realmente equívocos referentes aos diversos usos lingüísticos do latim. Não se trata de rotular a realidade complexíssima de um texto e de enquadrá-lo num tipo de língua, mas distinguir as variantes, presentes, todas, no saber lingüístico do

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

autor e que lhe permitem realizar na obra vários registros. O reconhecimento da impossibilidade dessa rigidez classificatória por falta de uma formulação clara das variantes lingüísticas do latim é que deve explicar algumas frases de sentido muito fugidio de Enio Fonda anotadas no capítulo anterior.

3. Então, no latim da *Peregrinatio Aetheriae* é preciso distinguir os seguintes elementos:

a) Os que denunciam a formação escolar da autora, que, repetimos, ao escrever, tem como padrão lingüístico ideal a língua literária do período clássico, que se impôs por toda a época imperial;

b) Os que denunciam um uso corrente, a língua falada familiarmente pelas pessoas cultas, um latim bem mais livre em relação ao clássico, mas não rigorosamente vulgar. Com as devidas ressalvas, em face da observação há pouco citada de De Groot, seria aquele *sermo quotidianus* a que se refere Cícero na conhecida carta a Peto;

c) Os que denunciam a educação cristã da autora, representados por um enorme contingente de cristianismos, sobretudo léxicos. Diga-se de passagem que se a obra não revela maior influência dos clássicos pagãos, também não revela maior convívio com os “clássicos” cristãos, alguns contemporâneos da peregrina, como S. Jerônimo e Santo Agostinho. A leitura básica de Etéria é a *Bíblia*, possivelmente não a *Vulga-*

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

ta, mas as versões pré-jeronimianas conhecidas por *Vetus Latina*, “uma das mais ricas fontes para o conhecimento do latim vulgar” (Elia, 1974, p. 42). É o caso de perguntar se não bastaria falar o só do latim vulgar ou só do latim cristão da *Peregrinatio*. A resposta dependerá de nosso conceito dessas variantes. Desde já, porém, adiantaremos o serviço dizendo que chegamos à mesma conclusão de Silvio Elia de que “não se deve... identificar sumariamente o latim cristão com o latim vulgar” (*ibidem*, p. 20), como faz a escola holandesa. Por agora, lembramos apenas um fato já focalizado por Christine Mohrmann ao tratar dos elementos vulgares do latim dos cristãos: as relações entre o latim arcaico e o latim tardio. Muitas palavras e construções encontradas em textos arcaicos que, porém, a língua clássica não acolheu reaparecem nos autores cristãos, “d’abord dans les textes vulgaires, plus tard aussi dans les documents rédigés dans une langue culturelle” (Mohrmann, 1965, III, p. 39). É evidente que tais formas continuaram vivas na comunicação oral, no “latim vulgar”; a literatura oficial num período de exigente ideal artístico não as atesta, mas sua continuidade na língua oral está assegurada pelo seu reingresso na literatura tardia.

São vulgarismos antigos, da velha língua. Mas em formações mais recentes também se observa a tendência vulgarizante do latim dos cristãos. Aliás, a aceitação de novas formas do latim cristão a nosso ver se deve explicar, também, pelo fato de que tais formas, criadas sem violentar as tendências da língua comum, não deveriam chocar a consciência lingüística

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

dos falantes. Quando já está constituída uma literatura cristã; quando por volta do IV século já é possível falar num *usus loquendi ecclesiasticus* ou numa *ecclesiastica loquendi consuetudo*, a oposição clássico/vulgar está novamente em questão: o latim culto da correspondência de S. Cipriano e o latim vulgar dos sermões de S. Agostinho; o estilo *multum obscurus* de Tertuliano e o estilo claro, persuasivo de S. Cipriano, mas somente inteligível para os fiéis (*ibidem*, p. 20); no mesmo S. Agostinho, a língua da pregação ao alcance de todos, e a língua requintada do *De Civitate Dei*; o caráter popular dos antigos textos bíblicos e a versão mais cuidada da *Vulgata*.

4. A respeito de latim vulgar digamos logo que não pretendemos discutir a propriedade ou impropriedade da denominação. Inadequada, equívoca, errônea, ela está, porém, consagrada, apesar das já surradas críticas: *Vulgärlatein*, *vulgar latin*, *latin vulgaire*, *latín vulgar*, *latino volgare*. Outras denominações – latim coloquial, familiar, usual, corrente, cotidiano, da conversação; ou, à latina, *sermo plebeius*, *vulgaris*, *usualis*, *cotidianus* – não conseguiram quebrar a resistência dessa denominação que herdamos dos antigos retóricos e gramáticos por via dos lingüistas do século XIX. Alguns especialistas exprimem de outro modo suas restrições à velha denominação: “El llamado ‘latín vulgar’” (Coseriu), “Les formes du latin dit ‘vulgaire’” (Christine Mohrmann)... Entre nós é conhecidíssimo o caso de Serafim da Silva Neto. Mas sua preocupação não era discutir nomes. Mestre Serafim, constante refundidor e tor-

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

mento do editor, revela uma permanente preocupação em “procurar uma formulação teórica mais rigorosa acerca do conceito de latim vulgar” (Silva Neto, 1957, p. 28).

Para nós a oposição latim clássico/latim vulgar coloca-se, em princípio, em termos de língua escrita/língua falada. Latim clássico era a língua escrita, que dos minguados recursos dos textos, ainda grandemente impregnados da oralidade, chegou na época de Cícero e Augusto a um grau de elaboração artística que se julgou insuperável e se tornou modelo da literatura posterior. Latim vulgar era o latim falado por todas as classes sociais em todos os lugares, em todo o período latino. Entendido como um ato de fala cuja finalidade principal era o simples intercâmbio social, é natural dizer que não há textos escritos em latim vulgar. Bonfante é incisivo: “No creo que se pueda decir que tenemos tres líneas escritas em latín vulgar”. Mas continua: “Por otra parte, tampoco existe – creo – autor ni obra latina alguna completamente exenta de palabras o expresiones vulgares o populares” (Bonfante, 1936, p. 77-78). Portanto, não está invalidada a documentação que podemos extrair, com a devida cautela, das chamadas fontes do latim vulgar. É que os textos escritos, por assumirem sempre um tom formal que a tradição literária impunha, não nos permitem recolher senão fragmentos do que teria sido a língua oral. O prestígio dos chamados bons autores e o ensino escolar que enfatizava a imitação desses modelos tornaram a língua escrita – ressalvadas as peculiaridades individuais – muito uniforme, como se verá adiante. É, pois, impossível fazer uma idéia de todas as

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

variantes sincrônicas, “*cronologicamente simultâneas*, observáveis num mesmo plano temporal” (Carvalho, 1967, I, p. 316), do latim de qualquer período.

A precariedade dos elementos colhidos na tradição escrita levou os romanistas à valorização de um processo indireto de conhecimento do latim vulgar, a reconstituição, partindo da comparação das línguas românicas. A esses dois modos de ver o latim vulgar – como a língua viva que se pode recolher dos textos, embora fragmentariamente, ou como um conjunto de reconstruções que formam a base comum das línguas românicas – costumam os alemães chamar *Umgansprache* e *Ursprache*, respectivamente.

Outra conclusão, nem sempre claramente exposta em certas obras, é que não se deve entender o latim vulgar como uma língua falada com uniformidade em todo o período latino e em todo o império romano; também, as formas vulgares, colhidas nos textos ou reconstituídas, não “se integram numa entidade lingüística homogênea, idioma ou língua com existência real e individualidade própria” (Carvalho, 1960-61, p. 61).

5. A conceituação que adotamos não é, porém, unânime, como também não há total concordância dos especialistas sobre alguns atestados, muito conhecidos aliás, dos autores romanos sobre a diversidade dos usos do latim.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Como essa matéria constitui um dos pontos fundamentais de posições que assumimos nesta tese e na orientação de nossos cursos de Latim, vamos deter-nos um pouco mais. Começaremos pelos romanos; depois veremos três posições que ressaltam a atualidade desses estudos e comprovam a necessidade de outra visão lingüística do problema.

6. A literatura latina é riquíssima de informações sobre as variações lingüísticas. Esta fascinante matéria tem sido objeto de inúmeros estudos que focalizam a simples curiosidade lingüística dos romanos, ou o pensamento mais elaborado dos gramáticos. E não é privativa de latinistas, como se pode ver de seu tratamento nas publicações, cada vez mais numerosas, de histórias da Lingüística e da Filologia.

Tomaremos como cicerone um autor que acumula as funções de profundo conhecedor da latinidade e de lingüista de agudíssima percepção: Jules Marouzeau. Num belo artigo em que estuda os conceitos de *latinitas*, *urbanitas* e *rusticitas* (Marouzeau, 1949, p. 7-25), Marouzeau transcreve inúmeros atestados dos autores latinos. Ali está claríssima a distinção entre um *sermo urbanus* e *sermones rustici* e *peregrini*. O primeiro é a língua da *urbs*, de Roma, vale dizer o latim das pessoas cultas, que na estrutura político-social constituíam a aristocracia. O *sermo rusticus* é a língua dos camponeses e aldeões sem instrução que viviam na zona rural em torno de Roma, e em cuja fala se percebiam logo traços fonéticos típi-

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

cos da *rustica vox et agrestis*: *mesium* por *maesium*, *plostrum* por *plaustrum*, *specā* por *spica*, preferência por /u/ (forma *nimis rusticana*) a /i/ (forma *elegantior*) nas condições em que essas vogais no interior do vocábulo ofereciam as variantes /u/ /i/ (*lacubus/lacibus*) etc...

O *sermo peregrinus* é o falar de outras províncias, de traços fonéticos facilmente perceptíveis, mas cuja maior contribuição se manifesta no vocabulário: em Lanúvio se diz *mane* por *bonum*; em Preneste, *conea* por *ciconia*; em Mársio *herna* (*hernae*) por *saxa*.

6.1 Ora, na complexa estrutura social da transição da República para o Império baseada na riqueza há, em linhas gerais, uma aristocracia privilegiada, reduzida, e uma imensa população constituída pelas classes populares, pelos pequenos proprietários rurais, por clientes e escravos. Então, quando os romanos identificam o falar das pessoas do campo e o distinguem do latim urbano, penso que a oposição cidade/campo deve ser entendida fundamentalmente em termos socioculturais e equivale a culto-inculto. Os “erros” dos campesinos denunciam a sua incultura em face do latim “correto” da elite cultural da *urbs*, vale dizer da aristocracia. É compreensível, pois, que inúmeros desses traços rurais figurem entre as características do chamado latim vulgar. Penso que seria preferível aqui falarmos não só de variantes regionais, mas também de variantes socioculturais.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

6.2 Elementos também chocantes para o homem culto da *urbs* e contra os quais era preciso preservar “o bom uso” da língua de Roma são os que vêm do exterior, das províncias, aos quais Quintiliano chama *peregrina et externa* (Quint., *Inst. Orat.*, VIII, 1,2) (Marouzeau, 1949, p. 10).

Peregrinismos e rusticismos merecem de Cícero e Quintiliano igual tratamento em face da norma culta urbana:

Non solum rusticam asperitatem, sed etiam peregrinam insolentiam fugere discamus (Cic., *De Orat.* III, 12, 44);

Emendata erit (pronuntiatio)... si nulla rusticitas neque peregrinitas resonet (Quint., *Inst. Orat.*, XI, 3, 30).

Curioso é que esses dois mestres da latinidade eram também “peregrini in urbe”, como, aliás, a maioria dos escritores latinos. Compreendemos as razões de Marouzeau ao englobar peregrinismos e rusticismos na denominação genérica de particularidades regionais, já que

la vie provinciale est essentiellement rurale, et qu'en particulier les défauts les plus sensibles sont ceux qui se manifestent dans le voisinage de Rome, au sein d'une population de campagnards (*ibidem*, p. 10).

Esse entendimento, aliás, justificaria a pertinência de uma oposição *urbanitas* x *rusticitas/peregrinitas*. Mas o fato mesmo de os latinos terem distinguido *rusticitas* de *peregrinistas* (o *rusticus* é o camponês, o homem habituado ao trabalho duro do campo, de onde o sentido de “grosseiro, rude, selvagem”; o *peregrinus* é o estrangeiro, o provincial; o *rusticus* não é sentido como uma pessoa “de fora” em Roma e sim como um homem que não tem hábitos *urbanos*) – este fato, mas

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

não só este, nos leva a considerar o *sermo provincialis* ou *peregrinus* entre as variantes locais ou regionais de que trata a dialetologia horizontal.

Há, evidentemente, outros fatores a considerar e não queremos radicalizar posições; sabemos, por exemplo, do equívoco de se extremarem arcaísmo e regionalismo, pois é conhecido o caráter arcaizante, conservador da linguagem regional.

Esses vários *sermones provinciales* poderão ter o seu tom local mais ou menos acentuado: é a *africitas* dos escritores africanos; é a *patavinitas* já observada por Anísio Polião em Tito Lívio; é o “ar estranho e enfático que Cícero achava nos poetas cordubenses”; é a “fortem et agrestem et Hispaniae consuetudinis” que Sêneca verberava ao seu compatriota M. Porcius Latro” (Silva Neto, 1957, p. 77).

6.3 Noutro tipo de variantes devemos entender as referidas por Cícero em trechos já muito divulgados pelos romanistas. Em Tagliavini recolho os seguintes:

Quid tibi ego in epistulis videor? Nonne plebeio sermone agere tecum? Causas agimus subtilius, ornatius. Epistulas vero quotidianis verbis texere solemus (*Ad. fam.*, IX, 21).

Nolebam illum nostrum familiarem sermonem in alienas manus devenire (*Ad. Atticum.*, I, 9).

Didicisti enim non posse nos Amafinii aut Rabirii similes esse, qui nulla arte adhibita de rebus ante oculos positus vulgari sermone disputant. (*Academ.* I, 2). (Tagliavini, 1969, p. 211, nota 3)

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Trata-se agora dos vários registros do mesmo emissor; na correspondência familiar, o uso culto informal ou coloquial (*sermo cotidianus*); nos discursos, o uso culto formal ou refletido (*subtilius, ornatius*) com intuito literário.

Que sentido teriam essas denominações no orador tão zeloso de seu *myster*, do homem culto que tantas vezes criticou, por “errados”, os desvios da *urbanitas*?

Parecem sinônimas as expressões *plebeius sermo, cotidiana verba, ille noster familiaris sermo* (notar o valor expressivo dos pronomes: “aquela nossa velha, conhecida linguagem familiar”), “*vulgaris sermo*”.

Aliás, Maurer (cf. também Väänänen, 1963, p. 4-5) já notara equivalência de sentido de *sermo quotidianus* e *sermo uulgaris* em Quintiliano (*Ins. Orat.*, XII, 10,40):

ad hoc quidam nullam esse naturalem putant eloquentiam, nisi quae sit quotidiano sermoni simillima quo cum amicis, coniugibus, liberis servis loquamur;

nam mihi aliam quandam videtur habere naturam sermo vulgaris, aliam viri eloquentis oratio (Maurer, 1962, p. 95).

Maurer traduz:

Além disto, entendem alguns que a eloquência nunca é natural, a não ser que seja muito semelhante à linguagem quotidiana, a qual usamos ao falar com os amigos, com a esposa, com os filhos e com os escravos;

Com efeito, a natureza da linguagem comum parece-me diferente da do discurso de um orador.

É evidente que o grande orador não escrevia suas cartas informais como o povo falava. Nem falava com os íntimos

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

como o homem inculto. As expressões *plebeius sermo, cotidiana verba, familiaris sermo, vulgaris sermo*, parece-nos, referem-se fundamentalmente à língua falada da comunicação diária, um tanto descuidada, espontânea, próxima da língua em que todos se entendiam (“cum amicis, coniugibus, liberis, servis loquamur”), porém não rigorosamente a língua vulgar.

Penso que os atestados aqui transcritos justificam uma conhecida triconomia: *sermo urbanus*, entendendo como língua basicamente escrita, literária; *sermo familiaris (cotidianus)*, como a língua basicamente falada pelas pessoas cultas e *sermo vulgaris (plebeius)*, língua falada pelo povo.

Com alterações de nomenclatura, é a posição de Sedgwick ao examinar a latinidade da *Cena Trimalchionis*: “*Literary Latin*”, “*Colloquial Latin*” e “*Sermo plebeius*”, variantes que o autor confronta com oito “languages” do inglês (Sedgwick, 1964p. 17-18).

Evidentemente o homem culto não se despoja de sua bagagem cultural quando fala. O inculto, por sua vez, num esforço de ascensão social, tende a imitar os mais cultos dentro de seus reduzidos recursos lingüísticos, o que se agrava ao escrever, porque, de fato, a língua escrita lhe impõe uma atitude mais formal.

Tem-se dito que entre língua falada e língua escrita há uma diferença de grau. A atividade lingüística do indivíduo se realiza, se atualiza com finalidades mais práticas para a pronta comunicação, ou mais refletidas para uma comunicação mais

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

distante que exigirá do leitor maior esforço de compreensão. Faltam aqui recursos lingüísticos ou extralingüísticos que facilitam o intercâmbio social. Mas é evidente que uma conversa pode ser extremamente formal, assim como um texto escrito pode ser extremamente informal.

Parece-nos, então, que a dominante no *sermo urbanus* é o formalismo; e no *sermo familiaris*, o informalismo. Daí que nessas distinções teóricas o *sermo familiaris* (entendido como língua informal das pessoas cultas) esteja muito próximo do *sermo vulgaris* (entendido como a língua oral, popular), sendo quase impossível distingui-los.⁴

Dissemos que a *rusticitas* e *peregrinitas* os romanos o-punham *urbanitas*, que linguisticamente está bem conceituada por Varrão e Quintiliano:

incorrupta loquendi obseruatio secundum Romanam linguam
(*De Ser. Lat.*, I,1);

urbanitate significare uideo sermonem prae se ferentem in uerbis
et sono et usu proprium quemdam gustum urbis (*Inst. Orat.*, VI,
3, 17,);

illa est urbanitas, in qua nihil absonum, nihil agreste, nihil in-
conditum, nihil peregrinum (*Inst. Orat.*, VI, 3, 107,);

Enfim: o ideal de correção lingüística era a língua das pessoas cultas de Roma. E na língua literária dois grandes modelos da latinidade antiga e medieval foram Cícero e Virgílio, autores que, à semelhança de César e Catulo e Horácio nem sempre evitaram vulgarismos.

⁴ Sobre dificuldades de se distinguirem fatos do *sermo familiaris* e do *sermo vulgaris*, ver Silva Neto, 1957, p. 27.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Ao contrário, um autor muito cotado entre os que integram o rol de fontes do latim vulgar – Plauto – não é apontado por Marouzeau como “um exemplo de purismo?”:

Le mérite de Plaute est de parler proprement et purement “latin”; Plaute est un de ceux qui ont maintenu dans sa pureté la langue de Rome; il est un des champions de ce qui a été défini ci-dessus sous le nom d’“urbanitas” (Marouzeau, 1949, p. 27-28).

Plauto, campeão da *urbanitas*!

Ora, as *differentiae* apontadas pelos autores latinos quando não são distinções sutis, muito pessoais, na linha do que hoje se chama de gramatiquice – decorrente, aliás, de um ideal purista – são fatos da língua corrente dos latinos, da língua viva da comunicação oral. Preciosas *differentiae* que os gramáticos de todas as épocas condenaram, preocupados em redigir “guias de *aurea latinitas* para a leitura eficaz do velho patrimônio literário”! (Collart, 1972, p. 246)

Santo Isidoro de Sevilha, excluído por J. Collart do número de gramáticos que se limitaram ao “Diga não diga...” (porque “utilize *differentiae* et *synonima* comme une méthode pour la formation théologique de ses lecteurs” (*ibidem*, p. 245) diz que a língua latina, aliás as línguas latinas são quatro. Vale a pena transcrever o longo trecho para se ter uma idéia do que eram essas variantes:

Latinas autem linguas quattuor esse quidam dixerunt, id est Priscam, Latinam, Romanam, Mixtam. Prisca est, quam vetustissimi Italiae sub Iano et Saturno sunt usi, incondita, ut se habent carmina Saliorum. Latina, quam sub Latino et regibus Tusci et ceteri in Latio sunt locuti, ex qua fuerunt duodecim tabulae scriptae. Romana quae post reges exactos a populo Romano coepta est,

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

qua Naevius, Plautus, Ennius, Vergilius poetae, et ex oratoribus Gracchus et Cato et Cícero vel cetere effuderunt. Mixta, quae post imperium latius promotum simul cum moribus et hominibus in Romanam civitatem inrupit, integritatem verbi per soloecismos et barbarismos corrumpens. (*Etymologiarum Lib.*, IX, 1, 6-7).

Maurer comenta a definição da *língua mixta* de Santo Isidoro: “Não poderia haver definição melhor de latim vulgar” (Maurer, 1962, p. 96, nota 146).

Acrescentemos, para confirmar esse comentário de Maurer, que um pouco antes Santo Isidoro falando das cinco variantes da língua grega diz: “...prima dicitur κολγή, id est mixta, sive communis quam omnes utuntur” (*Etym. Lib.*, IX, 1, 4).

Fiquemos por aqui. Procuramos interpretar alguns significativos trechos de autores latinos que, ao documentar e comentar fatos de sua própria língua, atestam uma percepção bastante nítida de variação lingüística e garantem a autenticidade de muitas formas “vulgares” que se generalizaram no românico.

7. Nos estudos de gramática comparada do século XIX, pareceu aos romanistas insatisfatório dizer simplesmente que as línguas românicas provêm do latim. De fato, não convence a ninguém essa “filiação” quando se tomam para confronto os textos literários que nos legaram os escritores latinos. Concluíram, com razão, que as línguas românicas se filiam a um outro latim. Então, criou-se a idéia de um latim “vulgar”, de raízes eminentemente populares, na base da velha distinção dos ro-

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

manos, bem diferente do latim clássico da literatura, como se fossem dois sistemas paralelos, independentes. E em decorrência, tornou-se essencial caracterizar e descrever esse sistema lingüístico.

7.1 Essa primeira concepção de latim “vulgar”, entendido como a língua falada pelas camadas sociais e culturais mais baixas do povo romano, vingou e até hoje ainda tem muitos adeptos, ao menos quanto ao ponto básico da questão que é identificar esse latim como essencialmente popular.

Entre os romanistas brasileiros é o caso de Theodoro Augusto Maurer. Sua posição é radical e está bem definida nos três postulados sobre os quais assentam seus dois grandes livros (Maurer, 1959 e 1962). Daí os três matizes do latim que aponta na pág. 53 de “*O Problema do Latim Vulgar*” – “língua literária, língua coloquial urbana (*sermo quotidianus, urbanus*) e língua vulgar (*sermo plebeius, rusticus*), para logo depois (p. 54) fixar-se em apenas dois:

a) o latim aristocrático (*sermo urbanus*), que na forma escrita constitui o latim clássico, ou, em sentido restrito, o latim literário, e

b) o latim vulgar (*sermo plebeius*), o latim da plebe romana.

Porém, esse conceito inicial não poderia manter sua rígida formulação diante das repercussões advindas de novas e

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

sucessivas conquistas da Lingüística e da Filologia, tais como a fixação mais rigorosa do conceito de língua; a mudança de atitude quanto às reconstruções lingüísticas; as contribuições da geografia lingüística para a história das línguas (não mais entendida como “história de conjuntos unitários”), a profunda repercussão da estilística com a valorização das múltiplas realizações individuais dentro do mesmo sistema; a mudança de uma mentalidade historicista para uma mentalidade estruturalista etc.

Ao lado da repercussão de novas orientações no conceito de latim vulgar, é preciso considerar questionamentos que estão no interior do próprio objeto conceituado, como diz Coseriu “modificaciones surgidas ‘de dentro’, del mismo analisis del concepto y de su aplicación en la gramática comparada de las lenguas romances”: diferenças regionais, diferenças cronológicas, falta de unidade no próprio latim até mesmo no latim literário, neologismos etc. (Coseriu, 1956p. 21-31).

Questionado por latinistas, romanistas e lingüistas de tendências e épocas diferentes, o conceito de latim vulgar vem recebendo diversas formulações.

7.2 Outra conceituação de latim vulgar considera-o a língua da conversação diária. Como a formulou Hoffmann é a “Umgansprache”, “El latín familiar”, como foi traduzida em espanhol sua grande obra, onde o mestre alemão assim conceitua essa variante lingüística:

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

...la lengua familiar en todos sus aspectos, el *sermo familiaris* de la conversación culta, el *sermo vulgaris* del hombre corriente y el *sermo plebeius* del arrabal, con curso en las bajas e infimas esferas (Hoffmann, 1958, p. 2).

É, portanto, a linguagem falada em geral, a linguagem de todas as camadas da sociedade, em oposição ao latim escrito ou latim literário.

Entre nós é a posição de que mais se aproxima Serafim da Silva Neto. Digo “mais se aproxima” porque o nosso inolvidável romanista de fato enriqueceu essa segunda concepção, quando destacou a importância dos *sermones provinciales*; quando ressaltou as realizações individuais; quando frisou as constantes e irrefreáveis interinfluências do intercâmbio social.

Bem colocado “a meio caminho entre a filologia latina e a filologia românica” (Silva Neto, 1957, p. 8), posição que lhe permitiu uma visão prospectiva e uma visão retrospectiva dos problemas referentes ao latim vulgar, Mestre Serafim, com admirável visão lingüística, abriu a questão em vez de fechá-la em esquemas rigorosos. Para ele “embora sem precisão matemática”, é possível admitir quatro matizes da língua corrente: “*familiar* “latim das classes médias, dos *honestiores* – influenciado pela *urbanitas*); *vulgar* (latim das baixas camadas da população, dos escravos); *gírias* (militar, dos gladiadores, dos marinheiros etc.) *provincial* (*idem, ibidem*, p. 27). Ao dizer que o “latim vulgar” (já agora, então, “latim corrente”) “é, por excelência, uma língua *falada*, não escrita” (*idem, ibidem*, p. 36), teve o cuidado de não extremar essas duas atividades lingüísticas. Serafim da Silva Neto deve ser colocado numa ter-

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

ceira posição, não exatamente a mesma, porém com a mesma ampla visão lingüística de um Coseriu ou de um Herculano de Carvalho, para citar dois eminentes lingüistas contemporâneos de cuja rigorosa interpretação teórica nos servimos nesta tentativa de conceituação do latim vulgar.

8. Mas, Etéria é cristã. E esta circunstância nos leva à terceira variante lingüística que é preciso considerar na *Peregrinatio*: o latim cristão. E sobre este um nome tem de ser logo mencionado – Christine Mohrmann, a sábia latinista de Nimegue, herdeira cultural de Schrijnen, a quem devemos notáveis estudos sobre a latinidade tardia e em particular sobre o latim dos cristãos. A ela é que recorreremos mais especialmente.

Em vários estudos Christine Mohrmann na linha da teoria do latim dos cristãos formulada por Schrijnen e ampliada por seus discípulos – ela sobretudo – procurou conceituar e caracterizar esse latim, estabelecendo suas relações com a língua comum.

Para ela o latim dos cristãos é uma

langue speciale, une variation de la langue commune, qui est due à des facteurs d'ordre social et qui se développe sur le fonds de la langue courante (Mohrmann, 1950, IV, p. 13).

Trata-se de uma variante sociocultural, língua de uma pequena comunidade fortemente solidária, unida espiritualmente pela fé cristã que cresceu de tal forma, que veio a tornar-se a língua de toda a comunidade, em decorrência do fato

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

histórico da vitória do cristianismo. C. Mohrmann acrescenta que “la langue spéciale ne se détache jamais du fonds dont elle est issue et d’où elle puise ses sèves” (*idem, ibidem*). Ora, esse *fundo* é precisamente o latim corrente, “vulgar”, língua do amplo intercâmbio social.

É sabido que razões de ordem psicológica e de ordem histórica aproximam desde cedo a língua especial dos cristãos e a língua popular. Psicologicamente, o cristianismo primitivo, para o qual a língua é um instrumento de comunicação e não um instrumento convencional e venerável, rejeitou o exclusivismo e o normativismo do latim culto, resultantes de um cuidado excessivo da forma. A arte pela arte é bem uma característica da cultura profana. Entre os cristãos manifestou-se desde cedo uma reação contra esse artificialismo da língua clássica. Para eles era mais importante a inteligibilidade. Diz C. Mohrmann:

un utilitarisme assez extrême, prend la place du conservatisme reverencieuse qui réglait la vie de la langue cultivée dans les cercles païens (Mohrmann, 1965, III, p. 34).

É a mesma atitude que no IV século, quando se manifesta um certo retorno às normas tradicionais, S. Agostinho denuncia no *De Doctrina Christiana*. Esses desvios da norma clássica, essas infrações ao convencional, não são o mais importante para o cristão, muito mais preocupado com a sua salvação, e para quem as coisas (*res*) valem muito mais que as palavras (*signa*). E comenta C. Mohrmann:

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Saint Augustin, ancien rhéteur formé dans la tradition antique, sait bien que le pédantisme littéraire est un des traits caractéristiques de son temps et se rend bien compte du fait, qu'il est difficile de se soustraire à l'esprit de l'époque (*ibidem*, p. 35).

A esse caráter mais utilitarista, menos formal da língua popular que aproximava cristãos e pagãos deve-se acrescentar uma razão de ordem histórica, muito conhecida, aliás. É que na origem

le christianisme a recruté ses adeptes surtout dans les couches inférieures de la population des grandes villes. C'est ainsi que s'associait à la parenté psychologique que liait le parler des chrétiens à l'idiome vulgaire le fait historique du caractère populaire des communautés chrétiennes les plus anciennes (*ibidem*, p. 36).

Já nos referimos ao caráter popular das primeiras versões da *Bíblia*. Essa característica chegou a provocar críticas de muitas pessoas cultas, que, embora se sentissem atraídas pela nova ideologia, tinham dificuldade em aceitar “a forma lingüística vulgar dos livros santos” (Mohrmann, 1965, III, p. 37). O povo, sob certos aspectos inovador, porém sob muitos mais profundamente conservador, deveria preservar essas primitivas versões que ele lia, e sobretudo ouvia e cantava nas reuniões e nas igrejas. Então os vulgarismos foram incorporados definitivamente ao patrimônio lingüístico dos cristãos, de tal forma, que o sábio S. Jerônimo, ao dar à *Vulgata* uma forma lingüística e literária menos vulgar, não hesitou em conservar muitos daqueles vulgarismos, naturalmente porque já não eram sentidos como tais (Cf. Mohrmann, 1965, III, p. 38).

Pois bem: os estudiosos da *Peregrinatio Aetheriae* constataram as correspondências entre as citações bíblicas da auto-

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

ra e a *Vetus Latina* e têm afirmado que Etéria não conheceu a *Vulgata*. Veja-se, por exemplo, Klein (1958).

Aí está a origem dos vulgarismos da *Peregrinatio Aetheriae*:

a) a língua oral, popular, já pelo V século bem diferente daquela que os textos escritos nos transmitem;

b) o latim que a nossa peregrina lia nas primitivas versões bíblicas e ouvia nas pregações.

Etéria não revela conhecimento dos “clássicos” cristãos, ela que seria contemporânea de uma enorme expansão do latim dos cristãos, o qual vai quebrando o rigorismo dos primeiros séculos e, agora fixado numa rica literatura, já tem condições de apreciar – com as reservas compreensíveis – os tesouros da cultura profana.

9. É hora de concluir. De quanto se escreveu neste capítulo creio que podemos chegar às seguintes conclusões:

Não há contradição em se afirmar que a *Peregrinatio Aetheriae* é uma fonte do latim vulgar, apesar do seu forte contingente da língua culta.

É, de fato, uma obra literária *lato sensu* por estar redigida numa língua que procura seguir as normas da língua literária tradicional. Mas é uma literatura que visa essencialmente à comunicação imediata. A autora quer, sobretudo, fazer-se en-

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PEREGRINATIO AETHERIAE

tender, de onde o tom coloquial desse diário. Então a língua da obra é um latim culto/coloquial cristão, numa época em que já se conhecia um *usus loquendi ecclesiasticus*, um latim cristão que se denuncia logo pelo vocabulário. A gramática – e não poderia ser de outra forma – é basicamente a gramática latina tradicional com alguns “senões” que, considerados erros numa outra sincronia (período clássico), são, na verdade, formas de uma linguagem menos tensa, menos formal, muitas vezes realmente populares, que na época imperial (especialmente a partir do II século) vão cada vez mais ocorrendo nos textos. Mas isto é matéria dos capítulos seguintes.

CAPÍTULO III

ALGUNS ASPECTOS DO VOCABULÁRIO ETERIANO

1. Num conhecido estudo sobre o vocabulário da *Peregrinatio Aetheriae*, depois de se referir ao pouco que resta para dizer sobre o texto eteriano após a obra capital de Löfstedt (1936), Ernout aponta novos rumos ao pesquisador, e ele próprio dá o exemplo com o seu artigo:

Peut-être qu'en groupant les faits d'une manière un peu différente nous arriverons pourtant à faire ressortir davantage les traits caractéristiques de cette langue, et surtout de ce vocabulaire (Ernout, 1954, p. 199).

Lamentavelmente nem todo pesquisador tem possibilidades de ler a obra do mestre sueco, até hoje no original alemão, mas a bibliografia sobre a *Peregrinatio*, cada vez mais rica, prova que esse diário de viagem continua a oferecer um campo inesgotável de estudos. Como nosso intuito é precisamente ressaltar os traços característicos do latim da *Peregrina-*

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

tio, procuraremos justificar no vocabulário os elementos básicos referidos no capítulo anterior.

O *Lexicon Aetherae* de Van Oorde, de que Ernout também se utilizou, nos facilita uma visão geral daquele vocabulário e uma análise de frequência vocabular, que, ressalvadas as inconveniências de um procedimento meramente estatístico, tem seu valor para apontar objetivamente certas tendências da autora. Como oferece um levantamento exaustivo, o número de ocorrências e exemplificações, essa obra utilíssima se tornou de consulta obrigatória. Mas é um ponto de partida. É preciso, com a indispensável leitura do texto, estudar esse vocabulário “por dentro” como fizeram entre outros – com orientações diferentes – Ernout, Christine Mohrmann e, mais recentemente, Vermeer e Bastiaensen, na linha semasiológica da escola de Nimegue.

É nosso desejo voltar a esse assunto num velho plano – talvez pretensioso demais para nossos recursos – de estudar o latim dos “*itinera hierosolimitana*”.

Neste capítulo, porém, vamos limitar-nos a alguns aspectos do vocabulário da *Peregrinatio Aetherae* dentro dos objetivos de nosso trabalho: examinar o latim dessa obra em face das discussões, que persistem, sobre latim clássico, vulgar e latim cristão.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

2. Ao caracterizar o vocabulário do latim vulgar, os tradadistas costumam focalizar alguns fenômenos que os distinguem do clássico. É claro que tais fenômenos se aplicam ao *latim*, e não apenas ao latim vulgar. O que se pretende é frisar certas tendências que se vão generalizando na língua corrente, numa tentativa de ressaltar alguns traços relevantes na tradicional oposição clássico/vulgar.

Coseriu, por exemplo, reduz tais fenômenos fundamentalmente a dois: seleção e inovação. Na seleção a língua falada procede de duas maneiras:

a) considera menos matizes, menos sutilezas em prejuízo de outros, que abandona;

b) prefere palavras mais expressivas, de maior eficácia afetiva: jargões, imagens, formas irônicas e metafóricas; “todos sinónimos estilísticos, aunque no conceptuales” (Coseriu, 1956, p. 65).

Na inovação, a língua falada, sempre movida por impulso expressivo, procura recriar, renovar o léxico seja com os processos que a língua oferece (e no latim é particularmente importante em exame formal, semântico e estilístico da sufixação) – neologismos; seja pela incorporação de palavras estrangeiras – empréstimos formais; seja pela atribuição de novas acepções a palavras do fundo tradicional da língua – empréstimos semânticos. Trata-se aqui de um “enriquecimento semântico sem inovação formal”, realizado “par transfusion de sens”, na feliz expressão de Marouzeau (1949, p. 141).

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Desses empréstimos os mais importantes são os helenismos. Parece desnecessário comprovar a familiaridade dos romanos com o grego. O léxico atesta fartamente empréstimos antigos, que se fizeram por via oral e popular, e empréstimos mais recentes que vieram por via escrita, e, estes sim, revelam mais os traços do elemento importado ao trazer as marcas do cuidado da transcrição erudita.

Marouzeau lembra que enquanto

la langue savante transcrit correctament kratêr (*crater*), la langue populaire fait sur l'accusatif un nominatif *cratera* (*ibidem*, p. 129).

É o mesmo caso de *ebdomada*, *ae* (do acusativo grego *hebdómada*) e *absida* (*apsida*), *-ae* (do acusativo grego *apsída*), atestados na *Peregrinatio*:

27,2: "singuli autem dies singularum ebdomadarum aguntur sic".

28,1: "hi, qui faciunt ebdomadas..."

45,2: "alia die de quadragesimis id est qua inchoantur octo ebdomadae".

46,5: "retro in absida post altarium ponitur cathedra episcopo".

Aquele impulso expressivo se manifesta na sabida e res-sabida preferência da língua oral por derivados sufixais, formações prefixais, locuções e perífrases. Ao sintetismo do latim clássico é costume opor-se, com razão, o analitismo do latim vulgar, tendência que se generalizou no latim tardio e teve mais ampla receptividade no latim dos cristãos.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

3. Daí que, considerando agora o aspecto formal, achamos não ser sem importância comprovar na *Peregrinatio Aetheriae* o largo uso desses processos, especialmente daquele que no latim tem particular interesse – a sufixação. Digamos, desde logo, que em relação a neologismos a obra oferece poucos exemplos de “únicas atestações”, como assinalam certos dicionários: *come* (7,7), *persubire* (3,4), *perdiscoperire* (16,6), *pergirare* (19,9), *perintrare* (19,7), *periunctus* (4,1), *archiotepa/archiotipa* (19,6 – 19,6 – 19,15), *sublinateatus* (37,1), *campasare* (*campasare*) (10,8), antes só atestado em Ênio. Mas, uma análise da frequência e do emprego de certos sufixos pode revelar-nos até que ponto a língua de Etéria se enraíza na mais autêntica tradição latina ou se mostra inovadora.

3.1 Começando pelos sufixos nominais, trataremos primeiro dos diminutivos, que na obra ocorrem com os sufixos – *(c)ulus*, *-(c)ellus*, *-innus*, *-olus*.

Diz-se que o latim vulgar manifesta sensível preferência por diminutivos. É que à idéia de “tamanho menor” se associam freqüentemente outras, como a de “carinho”, “afeto”, “desprezo”. Entende-se, pois, que se possa explorar um sentido pejorativo de comicidade, de ridículo ou um sentido melhorativo de afeto, carinho etc., matizes estilísticos que não escaparam à argúcia de Marouzeau (1945, p. 117-118). Ernout põe muitas reservas à opinião corrente “qui veut que les diminutifs soient

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

de la langue vulgaire” (Ernout, 1952, p. 82-85, especialmente a nota 2 da p. 82).

Na *Peregrinatio* são pouquíssimos os diminutivos e nem sempre têm esse sentido, como, aliás, se verificou na língua corrente, em que o desgaste do valor expressivo acabou por tornar o derivado sinônimo do primitivo. Aliás, o *Appendix Probi* aí está como documentação desse esvaziamento semântico: “auris non oricla”, “iuuencus non iuuenclus”, “fax non facla”, “neptis non nepticla”, “anus non anucla”, “mergus non mergulus” (Cf. Maurer, 1959, p. 234).

Vejamo-los, com indicação das ocorrências:

Anulus (2) que Blaise registra *annulus* (falsa analogia com *annus*?). É um diminutivo apenas formal, significa *anel*. As duas ocorrências estão em 37,3.

Arbuscula (1) diminutivo de *arbor* (6) – “statim sancti monachi pro diligentia sua arbusculas ponunt et pomariola instituunt uel orationes” (3,6) – *arbusculas*, “pequenas árvores”.

Asellus (1) “peruenimus ad radicem montis Nabau, qui erat ualde excelsus, ita tamen ut pars eius maxima sedendo in asellis possit subiri” (11,4) – *asellis* = *asinis*. Aliás, *asinus* não ocorre no texto.

Cancellus: 13 ocorrências das quais 3 no singular e 10 no plural. Ernout-Meillet informam que o singular é tardio. Diminutivo de *cancri*, *-orum*, “balaustrada”, “cerca”, não parece ter sempre sentido diminutivo, como, aliás, já se verifica-

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PEREGRINATIO AETHERIAE

va desde Cícero, em que *cancelli* tende a substituir *cancrī*, talvez pela homonímia com *cancer*, *-cri*.

Colliculus (6) diminutivo de *collis* (2), tem às vezes seu valor diminutivo intensificado por *modicus* ou pelo pós-clássico *permodicus* (cf. 2,6 e 8,3), já de si intensivo em consequência do prefixo *per-*.

Domumcella (1) – por *domuncula*, diminutivo de *domus* (19) atestado a partir da época imperial: “Ite interim nunc unusquisque ad *domumcellas* uestras” (36,5). Concordo com Pétré que traduz: “Allez-vous-en un moment maintenant chacun dans vos demeures...”, sem valor diminutivo.

Frustellum (1) – por *frustillum*, diminutivo de *frustum*, que não ocorre no texto: “aliquotiens et de argento et heramento modica frustella ibi inuenit” (14,2). O valor diminutivo está intensificado por *modica*. Traduzo: “muitas vezes (alguém) aí encontra pedacinhos (fragmentos) de prata e de bronze”.

Loculus (1) diminutivo de *locus* (251) no sentido de “espaço geográfico”, “lugar”, significa “relicário”, “estojo”, sentido que não é privativo de Etéria: “stant in giro mensa diacones et affertur *loculus* argenteus deauratus, in quo est lignum sanctum crucis”. (37,2).

Monticulus (2) diminutivo de *mons* (90). Um dos exemplos “*monticulus* non satis grandis” (13,3) é curioso e significa “uma pequena elevação” que Etéria compara a um túmulo grande: “In eo ergo uico, qui est in media planitie positus, in

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

medio loco est monticulus non satis grandis, sed factus sicut solent esse tumbae, sed grandes”.

Pisinnus: 3 ocorrências das quais 2 como substantivo (“criança”) e 1 como adjetivo (=paruus). Velha palavra da linguagem infantil. Lembre-se que o *Appendix Probi* corrige: “Pisinnus non pusillus”.

Pomariolum (1) cf. *pomarium* (2) e *pomarius* (2). Ernout-Meillet dão como tardio. No texto (3,6) significa “pomarezinhos) (“petit vergers”).

Surculus (1) diminutivo de *surus*, -i (“ramo”, “galho”, “estaca”) que não ocorre no texto. O exemplo está em 8,3.

Terrola (1) – por *terrula*, “bas-latin”, segundo Ernout-Meillet, está igualmente intensificado por *modica*: “um pedacinho de terra” (3,6).

De passagem diremos que ocorrem na *Peregrinatio* outros recursos expressivos de diminutivo, como, por exemplo, o eufemismo “ecclesia non grandis” (3,3), “ecclesia pisinna” (10,9), “locus... non satis grandis” (3,3).

Substantivos em -io, -tio, -sio, genitivo -onis: (h)abitatio, actio, affectio, allocutio, aratio (que Van Oorde não registra porque adotou a leitura *oratio* de Geyer em 3,6), *benedictio*, *commemoratio*, *compositio*, *dilectio*, *dispositio*, *lectio*, *mansio*, *oblatio*, *operatio*, *oratio*, *passio*, *ponderatio*, *possessio*, *praedicatio*, *processio*, *profectio*, *pronuntiatio*, ra-

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

tio, reprehensio, repromissio, resurrectio, regio, religio, salutatio, sorbitio, temptatio, visio.

Etéria oferece com relação aos “nomina actionis” em –*tio*, um excelente exemplo da vitória do latim na luta em busca da expressão do abstrato, vitória definitivamente assegurada com os escritores cristãos. Trata-se de “*vestra affectio*”, fórmula de tratamento atestada sete vezes, pela qual a peregrina se dirige às suas “*dominae sorores*” ou “*venerabiles sorores*”.

Poderíamos dizer simplesmente que se trata de uma metonímia: a designação de uma pessoa por uma de suas qualidades mais representativas. Preciosíssima metonímia, quando se pensa na primitiva indigência de uma língua de pastores que chega a exprimir as mais agudas idéias do pensamento abstrato. Em “*vestra affectio*” vê-se claramente a origem latina das fórmulas de tratamento românicas “Sua Santidade”, “Sa Saineté” etc. (Marouzeau, 1949, p. 123-124)

Com esses nomes convém confrontar os substantivos em –*tus*, –*sus*, genitivo –*us*, derivados de verbos, confronto para o qual Marouzeau já chamou a atenção (*ibidem*, p. 42-44 e 48-56) ao estudar o comportamento dos autores em face de oposições como as que a *Peregrinatio* nos oferece em *actus/actio*, *affectus/affectio*. Essa oposição, que favorecia as palavras em –*tus* diante de dificuldades que o final –*tio* oferecia à métrica datílica, vai-se firmando através da história do latim. No período clássico formaliza-se a distinção: os nomes em –*tio* se constroem com genitivo objetivo e os nomes em –*tus*

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

com genitivo subjetivo. Confusões freqüentes com a 2ª declinação tornavam os nomes em *-tus* um tanto instáveis dentro do sistema nominal e, pois, ameaçados pelos concorrentes em *-tio*.

Mas, além das razões métricas é preciso não esquecer uma de ordem semântica que explica a manutenção das formas em *-tus*, sua aceitação na alta poesia e na prosa clássica e na pós-clássica: originários, ambos os grupos, de radicais verbais, vão-se diferenciando no uso – os nomes em *-tio* cada vez mais vão-se prestando para a expressão do abstrato, enquanto os nomes em *-tus* convêm mais à expressão do concreto.

Sénéque distingue encore *actus* = l'état de sujet agissant (*De otio*, 1,4 “in actu esse”), de *actio* = le fait de faire quelque chose (*ibid.*, 4,2, “actio rerum”) (*ibidem*, p. 52).

Com a generalização do emprego, fixa-se e enriquece-se um tipo de declinação flutuante, a chamada 4ª declinação.

Entendemos que os falantes não atentariam sempre para a sutil distinção entre concreto e abstrato, de modo que os nomes em *-tio* e *-tus* viriam a tornar-se sinônimos. Aliás, o próprio Marouzeau diz que

Nonius, dans son chapitre *De indiscretis generibus*, met en regard divers substantifs en *-tus* et en *-tio*, sans voir entre eux aucune différence de sens (*ibidem*, p. 52).

Ora, a partir daí o uso de uma ou de outra forma dependeria de razões muito pessoais. E a língua escrita tardia certamente haveria de refletir essa tradição.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Pois bem, na *Peregrinatio* é considerável o número de substantivos em *-tus* numa época em que a realidade oral da língua deveria ser muito diversa do rígido sistema nominal que a gramática clássica nos oferece.

Arrolamos a seguir os substantivos em *-tus*, *-sus* derivados de temas verbais que aparecem na *Peregrinatio Aetherae*, e registramos entre parênteses os concorrentes em *-tio*, *-sio* que Gaffiot consigna: *accessus* (*accessio*), *actus* (*actio*), *affectus* (*affectio*), *ascensus* (*ascensio*), *cantus* (*cantio*), *comitatus*, *decursus* (*decursio*), *descensus* (*descensio*), *effectus* (*effectio*), *exercitus* (*exercitio*), *fletus*, *fluctus*, *iactus*, *gemitus*, *impetus* (Blaise não registra *impetus*, mas consigna o adjetivo *impetuosus*), *morsus*, *mugitus*, *nutus*, *obitus*, *ornatus* (*ornatio*), *passus*, *recessus* (*recessio*), *rugitus*, *uultus*.

Outro velho concorrente do sufixo *-tio* é *-tura*, de farríssima documentação no latim. Mas o sufixo *-tura* geralmente se encontra em palavras de sentido técnico, daí a preferência da língua literária pelos derivados em *-tio*, preferência que, segundo Marouzeau, não deve ser interpretada como rejeição da forma supostamente vulgar com o sufixo *-tura*. É certo, porém, que muitos derivados em *-ura* /*-tura* /*-sura* são panromânicos. Diz Maurer (1959, p. 264) que

inovação própria ao latim vulgar é a extensão do sufixo aos derivados de adjetivos, onde entra em concorrência com o sufixo *-or*.

E afirma que, raríssima no romeno, “em todo o Ocidente essa aplicação é comum, apresentando um aspecto genuinamente popular”. Na *Peregrinatio* há apenas dois exemplos: *scriptura*

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

e *sepultura*. Este, aliás, empregado uma só vez em 12,2, é como *martyrium*, *memoria* e *memoriale*, um sinônimo dos antigos vocábulos *sepulchrum* e *tumba*, que também ocorrem na obra.

Com o sufixo *-tat-*, formador de substantivos femininos abstratos, o texto eteriano nos oferece: *aetas* (*etas*), *ciuitas*, *facultas*, *humanitas*, *imbecillitas* (*inbecillitas*), *incommoditas*, *maiestas*, *necessitas*, *paruitas*, *solemnitas* (*solennitas*), *summitas*, *ueritas*, *uoluntas*. Lembremos, de passagem, que *ciuitas* é o substituto de *urbs*, que não ocorre na obra.

A *Peregrinatio* apresenta um bom número de substantivos que aqui vamos agrupar em virtude de uma noção gramatical comum – o gênero neutro:

1) em *-ium* derivados de um radical verbal ou nominal: *auxilium* (*augere*), *confinium* (*finis* ou *fines*), *desiderium* (*desidero*, de *sidus*), *ministerium* (*minister*, *Peregr.* 25,8 com sentido de “objetos do culto”), *gaudium* (*gaudere*), (*h*)*ospitium* (*hospes*, *Peregr.* 25,7 com sentido de “alojamento ou residência dos peregrinos”; Pétré traduz por “logis”; Oorde sugere “*domus*”), *ieiunium* (*ieiunus*, *-a*, *-um*), *prandium* (*prandere*) e *incendium* (*incendo*, de *in+cando*, mesmo radical de *cicindella*); na *Peregr.* 5,7 vale por um nome próprio, “Fogo”, local em que, ante as murmurações dos filhos de Israel “o fogo do Senhor acendeu-se entre eles e devorou uma extremidade do acampamento” (cf. *Números* 11,1 e 3):

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Nam ostenderunt nobis etiam et illum locum, qui appellatus est incendium, quia incensa est quedam pars castrorum, tunc qua orante sancto Moyse cessavit ignis.

2) em *-arium, -are* e *-ale*: *altarium, pomarium, lucernarium, miliarium, lucernare, luminare* e *altare* (leitura de Franceschini), *memoriale* (= *memoria*, “túmulo”);

3) em *-uum*: *biduum*;

4) em *-culum* e *-crum*: *tabernaculum, coperculum, lauacrum*. É interessantíssima a ocorrência da velha palavra *lauacrum* ao lado do cristianismo *baptismus* em 45,4, quando o texto reproduz as palavras do bispo ou da própria Etéria:

Si autem in aliquo accusatur, iubet illum foras exire dicens: “Emendat se et, cum emendauerit se, tunc accedet ad lauacrum”. Sic de uiris, sic de mulieribus requirens dicit. Si quis autem peregrinus est, nisi testimonia habuerit, qui eum nouerint, non tam facile accedet ad baptismum;

5) em *-monium*: *testimonium*, empregado em sentido concreto

6) em *-mentum*: *aeramentum, calciamentum* (*calce-*, *fundamentum, sacramentum, momentum* (só em *ad momen-*

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

tum). Note-se que não há nenhum exemplo de substantivos em *-men*.

Por motivos didáticos também agruparemos substantivos derivados que têm de comum o vínculo gramatical do gênero feminino:

1. em *-tudo*: *consuetudo, magnitudo, multitudo, solitudo*, atestado em 20,5, interpretado em Van Oorde com sentido concreto do *loca deserta*;

2. em *-tus* (sufixo *-tut-*): *salus, uirtus* (um só exemplo no plural, *uirtutes*, com o sentido de *mirabilia, miracula*. Note-se que *mirabilia* está em 20,13. Etéria não emprega *miracula*, palavra do latim profano que os cristãos adotaram. Com o mesmo sentido Etéria usa duas vezes o neutro *gesta* (20,13), muito conhecido em latim no sentido de “feitos extraordinários”, “grandes façanhas”;

3. em *-ia, -entia*: *pluuia, memoria, misericordia, ecclesia, gratia, corrigia, familia; concupiscentia, diligentia, reuerentia, scientia*;

4. em *-ies, -ities, -itia*: *dies, facies, planities, laetitia*;

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

5. em *-ona, matrona*;

6. em *-ina, cortina*, (de *cors*, forma tardia de *cohors*)
farina, disciplina;

7. em *-ela: candela, cicindela*;

8. helenismos em *-issa: diaconissa, prophetissa*.

Substantivos masculinos com o sufixo *-or, -tor, -sor*:
confessor, cursor, deductor, memor, nitor, sapor.

Quanto aos adjetivos, lembraremos de início que um bom número está relacionado a substantivos também ocorrentes no texto, o que poderá ocasionar considerações sobre a discutida questão da riqueza ou pobreza do vocabulário eteriano, que em relação aos nomes oferece uma proporção de três substantivos para um adjetivo, e poderá ensejar comentários estilísticos e semânticos sobre a adjetivação eminentemente denotativa, que não vai além da constatação objetiva, quando não é o termo técnico, obrigatório, esperado. Exemplos:

anima, animus/animosus; argentum/argenteus; aurum/aureus; deauratus; biduum/biduanus; consuetudo/consuetudinarius; dominus/dominicus; ecclesia/ecclesiasticus; fama/famosus; gratia/gratus; honor/honorabilis, honoratus; lapis/lapideus; lex/legitimus (=consuetudi-

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

narius); *lucernare*, *lucernarium/lucernaris*; *magnitudo/magnus*; *marmor/marmoreus*; *peruitas/paruus*; *pascha/paschalis*; *petra/petrinus*; *religio/religiosus*; *ratio/rationabilis*; *salus/salutatio*; *summitas/summus*; *triduum/triduanus*.

Eis alguns derivados com sufixos de maior frequência:

Adjetivos em *-anus*: *medianus*, *cotidianus*, *triduanus*, *biduanus*, *subdiuanus*, *christianus*, *quintanus*, *romanus*.

Adjetivos em *-bilis*: *uenerabilis*, *admirabilis*, *affabilis*, *honorabilis*, *impossibilis (in-)*, *rationabilis*, *terribilis*.

Adjetivos em *-osus* (“sufixo genuinamente popular” (Maurer, 1959, p. 265)): *arenosus*, *religiosus*, *animosus*, *curiosus*, *famosus*, *pretiosus*.

Adjetivos em *-eus* (“sufixo, segundo Maurer, de “grande vitalidade em época antiga” (*ibidem*, p. 251): *argenteus*, *aureus*, *cereus*, *lapideus*, *marmoreus*, *uitreus*.

Adjetivos em *-icus*: *ecclesiasticus*, *publicus*, *dominicus*, *clericus*, *modicus*, *permodicus*, *(h)olosericus*.

Adjetivos em *-arius*: *consuetudinarius*, *(h)ebdomadarius*, *contrarius*, *necessarius*, *pomarius* (*Peregr.* “hortum pomarium”).

Adjetivos em *-alis*: *paschalis*, *orientalis*, *specialis* (atestado a partir da época imperial, derivado de *species* que no

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

sentido de “aspecto”, “aparência”, passou a designar a “espécie”, em oposição ao “gênero”, *genus, -eris*).

Adjetivos em *-atus*: *deauratus, gemmatus, sublinteatus*.

Adjetivos em *-inus*: *matutinus, diuinus, petrinus, peregrinus*.

Relacionados com os adjetivos estão os advérbios de modo formados com os sufixos *-e, -o, -(i)ter*. na *Peregrinatio* são freqüentes os advérbios com *-e* e *-(i)ter*:

-e: *assidue, certe, graece, latine, lente, manifeste, maxime, mature, modice, publice, secure, siriste*.

-ter: *carnaliter, diligenter, frequenter, granditer, libenter, similiter, specialiter, spiritualiter*.

3.2 Com relação aos verbos, os derivados ocorrentes na *Peregrinatio* não oferecem a mesma riqueza que os nominais. Destacamos o sufixo *-sco* que aparece em *albescere, consuescere, illulescere, lucescere, proficisci*, e o sufixo *-izare*, exemplificado apenas em *baptizare (baptizare)* e *exorcizare*, e, com a forma *-idiare*, em *baptidiare*.

Muito mais numerosos são os verbos formados por prefixação. São mais freqüentes os prefixos, *ad, cum, de, e(ex), in, per, re*: *accedere, accipere, adquare, adducere, advenire, afferre; collabi, collaudare, colligere, collocare, commanere, consecrare, conuenire, cooperire, corrumpere; decurrere, de-*

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

ducere, deferre, deputare; edocere, egredi, eicere, elaborare, excidere, excipere, exire; incumbere, incipere, incurrere, immorari; perdicere, perambulare, percurrere, perexire; recedere, recipere, referre, regredi, remanere, rescribere.

O prefixo servia especialmente para dar ao verbo simples um sentido novo: *ire* “ir”, *exire*, *abire* “sair”, “partir”, *inire* “entrar”. Com isto, é um dos meios de comunicar ao processo verbal diferentes aspectos: *facere* “fazer”, *perficere* “fazer até o fim”, “terminar”. A consciência da formação vocabular leva os especialistas a esse processo de metanálise pelo qual tentam depreender o sentido de uma palavra partindo dos elementos constitutivos. Mas os usuários da língua, especialmente quando a utilizam para os fins imediatos da comunicação oral, não têm presentes essas sutilezas. Então, paradoxalmente ao gosto pelas “formas cheias”, “esvaziam”-nas quando, perdida ou esquecida a função do prefixo, empregam indistintamente formas simples e prefixadas, ou, por um processo que alguns especialistas chamam de supercomposição (Väänänen, 1963, p. 100), recorrem a mais um prefixo. Väänänen diz que os verbos supercompostos proliferam na baixa latinidade. Na *Peregrinatio* há exemplos dessas formações: *perexire*, *pertransire*, *peraccedere*, *perdescendere*, *perdiscoperire*, *persubire*, *reingredi*.

Mas, a propósito da *Peregrinatio* seria precipitado generalizar essas considerações sobre o esvaziamento do sentido do prefixo, a pretexto de se identificarem na obra traços dessa ca-

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

racterística do latim vulgar. É que em vários exemplos, sobretudo com o prefixo *per-*, a autora revela uma clara consciência da escolha do verbo simples ou do verbo com prefixo. Já havíamos anotado tal emprego quando verificamos que um autor de bem maiores recursos, Vermeer, compartilhava dessa opinião e a expôs finamente no primeiro capítulo de sua tese. Veja-se, por exemplo, este passo:

Dans son célèbre commentaire sur Égérie, Löfstedt semble croire que les composés de ce genre n'ont, chez elle, aucune nuance propre. Nous sommes, au contraire, convaincu et nous espérons pouvoir en donner plus loin des preuves nombreuses, que, sur se point aussi, Égérie a un sens inné de la langue et choisit en connaissance de cause le mot simple ou le composé. Spitzer partage cette opinion, bien que pour d'autres raisons (Vermeer, 1965, p. 23).

De fato, ao lado de 11 ocorrências de *subire* para 27 de *ascendere*, na *Peregrinatio* (3,4) depois de se referir às dificuldades para chegar ao cume do Sinai, diz Etéria:

Cum ergo iubente Deo persubissemus in ipsa summitate et peruenissemus ad hostium ipsius ecclesiae...

em que *persubire* nessa única atestação parece ter o sentido de “chegar ao ponto mais alto”, em decorrência do valor intensivo de *per-*. Confronte-se, aliás, com o emprego, em situações muito parecidas, de *perdescenso* (também única ocorrência para 33 de *descendere*) em 4,7: “Ac sic ergo perdescenso monte Dei peruenimus ad rubum hora forsitan decima”. Entendemos, com Vermeer, que *perdescendere* significa “descer inteiramente”, tendo em vista que a descida do Sinai se fazia por etapas. O autor dá a mesma explicação a *perexire* em 4,5: “adhuc

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

nobis superabant milia tria, ut perexiremus montes ipsos, quos ingressi fueramus”.

Muitos autores que têm estudado o léxico latino costumam chamar a atenção para o emprego do simples pelo composto e do composto pelo simples, fenômenos que não são privativos da língua corrente, porém nela se manifestam com muita frequência devido a duas tendências que, embora opostas, caracterizam essa variante lingüística: por um lado, a vivacidade, o exagero; por outro, o menor esforço, o “quantum satitis” (Cf. *ibidem*, p. 30).

Vermeer estudou vários empregos do “simplex pro composito” na *Peregrinatio Aetherae*: *parere* (2,3) e *apparere* (12,6); *mouere* por *remouere* (21,2) e *commouere* (24,10); *ponere* por *deponere* (17,1)...

Os exemplos se multiplicariam. Para o que temos em vista neste trabalho, é importante frisarmos que até agora apontamos exemplos que documentam no latim eteriano simultaneamente a presença de fatos da língua literária tradicional e de fatos considerados da língua oral que se vão fixando na língua escrita tardia.

3.3 Quanto aos compostos, tipo de formação a que a língua era pouco afeita, a exemplificação é muito pobre: os conhecidos *benedico* e *maledico*, *auroclauus*, *grecolatinus*. Entre os compostos em *-fico*, de extraordinária aceitação no

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

latim dos cristãos, somente *aedificare!* Com o radical de *ago*, o composto *fumigare*.

Com reservas, incluo entre os compostos as denominações cristãs dos dias da semana com o substantivo *feria*: *secunda feria*, *tertia feria*, *quarta feria*, *quinta feria* e *sexta feria*, de enorme freqüência na 2ª parte da obra. Arrolamos no capítulo V todas as ocorrências.

3.4 Os autores costumam chamar a atenção para o gosto da língua corrente pelas perífrases. De fato, não é um processo privativo dessa variante lingüística, mas, em verdade, a perífrase calha bem com a tendência da língua corrente para a expressão analítica. É uma das formas de verbosidade da língua falada, sobretudo da popular, sempre ávida de expressividade, da expressão exata, nem sempre fácil de aflorar na seqüência da conversa. Daí o seu acolhimento no chamado latim vulgar e sua continuidade no latim tardio.

Não que os clássicos desconhecessem o processo. Aí está no purista César a conhecidíssima *iter facere*; em Cícero (e também em Plauto, Terêncio, Sêneca etc.) a perífrase *carum habere* por *amare*. Às vezes até a perífrase revela uma dura luta do escritor em busca do termo próprio. Sirvam de exemplos as tentativas de Cícero, admirável criador de palavras, para lançar o neologismo apropriado ou para escolher o termo da língua comum que substitua o helenismo: *notitia rerum*, depois *cognitio* ou *intelligentia* para traduzir *énnoia*; *societas*

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

mortalium, humana societas e depois *communitas, consortio, consociatio* para *koinonía* (Cf. Marouzeau, 1949, p. 139).

Mas aqui nos interessa especialmente a perífrase de cunho popular, que serve bem à expressão do concreto e que se realiza em geral com os verbos que estão ao alcance da mão, os pitorescamente chamados verbos “passe-partout” (Vermeer, 1965, p. 16), ou verbos “fac totum” de Hoffmann (1958, p. 246): *facere, habere, esse*.

Éterea, na sua conhecida tendência para recorrer à língua oral, e no seu gosto das fórmulas feitas exemplifica largamente o uso das perífrases.

Alguns exemplos:

a) com *facere*: *oblationem facere, orationem facere, ualem facere, mansionem facere, stituam facere, commemorat-ionem facere, aquam facere, septimanas facere, (h)ebdomadas facere, biduum facere, iactum facere, responsum facere, tri-duum facere, triduanum facere;*

b) com *habere*: *choros habere, (h)abitationes habere, concupiscentiam habere, consuetudinem habere, desiderium habere, impetum habere, spem habere, iter habere;*

c) com *esse*: *iter esse, necesse esse.*

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PEREGRINATIO AETHERIAE

3.5 Quanto aos helenismos, fartamente atestados, é de óbvia importância o seu estudo no latim eteriano, não tivesse sido o grego a língua da primitiva pregação cristã, e não fosse a língua dominante, “ao menos na celebração do culto” (adverte Ernout), nos lugares por onde Etéria peregrinou. Aliás, ela mesma nos dá esse testemunho, quando fala do sermão do bispo aos neófitos e fiéis sobre o batismo, na oitava da Páscoa, sermão feito em *grego* e traduzido em siríaco e em latim:

Peregr., 47, 3-4. Et quoniam in ea prouincia pars populi et grece et siriste nouit, pars etiam alia per se grece, aliqua etiam pars tantum siriste, itaque quoniam episcopus, licet siriste nouerit, tamen semper grece loquitur et nunquam siriste: itaque ergo stat semper presbyter, qui episcopo grece dicente siriste interpretatur, ut omnes audiant [ut omnes audiant] quae exponuntur. 4. Lectiones etiam, quecumque in ecclesia leguntur, quia necesse est grece legi, semper stat, qui siriste interpretatur propter populum, ut semper discant. Sane quicumque hic latini sunt, id est qui nec siriste nec grece nouerunt, ne constrictentur, et ipsis exponitur eis, quia sunt alii fratres et sorores grecolatini, qui latine exponunt eis.

Sobre helenismos há um bom material estudado por Ernout no artigo “*Les mots grecs dans la Peregrinatio Aetheriae*” (Cf. Ernout, 1952), de que nos valeremos especialmente aqui. Ernout distingue duas categorias:

la première comprenant les termes “laïques”, dont certains sont entrés depuis longtemps en latin et y ont acquis droit de cité; la second se composant des mots du vocabulaire chrétien, introduits à des dates plus ou moins récentes: cette catégorie est de beaucoup la plus importante.

Entre os termos “laicos” há empréstimos antigos, já conhecidos antes do período imperial: *coclea*, *oleum*, *oliua*, *camelus*, *camso*, *epistola*, *hora*, *petra*, *spelunca*, *balsamum*, *cathedra*, *gyrus*, *sabbatum*, *sericus*, *sycomorus*.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

E há empréstimos mais recentes: *absida, cata, holosericus, metropolis, musiuum, thebeus, tumba, typus*.

Entre os cristianismos podemos, com Ernout, arrolar: *angelus, antiphona, apostolus, archidiaconus, baptizo (baptizo, baptidio), baptismus, baptista (Johannes Baptista), basilica (ecclesia), canon, catechumenus, christianus, clerus, clericus, diaconus, diaconissa, ecclesia, ecclesiasticus, (h)eremus, epiphania, episcopus, evangelium, eulogia, exorcizo, (h)ebdomada, (h)ebdomadarius, hymnus, idolum, laicus, martyr, martyrium* (com o sentido de “martírio” e de “local do martírio” ou “local consagrado ao mártir”), *manna* (hebraísmo introduzido no latim pelo grego), *misterium, monachus, monasterium, neofitus, pascha, paschalis, patriarcha, pentecoste, presbyter, propheta, prophetissa, psalmus, symbolum (sym-), thimiaterium*.

Quanto aos empréstimos de sentido, que Ernout chama “calques sémantiques”, o eminente latinista arrola no latim e-teriano: *carnaliter, spiritualiter, communio, communico, concupiscentia, conpetens (=baptismi candidatus), corpus (esse in corpore), cortina, dominus, dominicus, dominae (=kyríai), feria, fides (=a fé cristã), fideles, filius e filia* (no sentido espiritual), *frater, soror, gentes, gratia (Dei), gratiae (gratias agere), memoria, memoriale, oblatio, offero* (“oferecer a Deus), *patior, passio, praedico, procedo, processio, repromissio, resurrectio, sacramentum, saeculares* (“leigos”), *sanctus, consecro* (“consagrar uma igreja”), *scriptura, septimana, septimana maior, spiritus, uirgines (=parthenae), uirtutes (=miracula)*.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PEREGRINATIO AETHERIAE

Ernout no início do artigo, com a intenção de separá-los das duas categorias referidas, chamou atenção para dois outros tipos de helenismos:

a) os nomes que Etéria explica ou traduz, certamente porque os sentia como estranhos, pouco familiares: *aputactita*, *ascitis*, *cathecisis*, *come*, *encenia* ou *enceniae*, *eortae*, *licinicon*, *monazontes*, *parthenae*;

b) meras transcrições “qu’on ne saurait considérer comme des emprunts”: *archiotepa* (-*tipa*), *genesis*, *mesopotamenus*, *siriste*, bem como alguns nomes próprios (*Anastasis*, *Eleona*, *Imbomon*). Dos nomes próprios, especialmente geográficos, que a autora transcreveu como ouviu – “sans pouvoir adapter leur forme à leur fonction gramaticale” – falaremos na morfologia.

Ernout não estuda os nomes próprios. Aliás, Van Oorde também não os arrolou e assim justifica essa exclusão:

Nomina propria utpote parum ad Latinitatem Aetherianam spectantia operi meo inserenda non putavi. Accedit quod fere omnia externa sunt quodque uiri clarissimi, qui nouum Lexicon Latinitatis medii aevi componendum moderantur, operis sociis praeceperunt ne nomina propria curarent (Oorde, 1963, p. 15).

Arrolou-os, porém, Hélène Pétré na sua edição do *Itinerarium Aetherae*, p. 277-280: *Alexandria* (3, 8-9, 6), *Anastasis* (24, 1-24, 3-24, 4 etc.) *Antiochia* (17, 3-18, 1), *Egyptus* (3, 8-5, 9-7, 1, etc) *Eleona* (25, 11-30, 2-30, 3, etc), *Eufrates* (*Eufrates*) (18, 2-18, 3), *Hisauria* (*Isauria*) (22, 2-23, 1), *Mart-*

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PEREGRINATIO AETHERIAE

yrimum (27, 3-30, 6-30, 2 etc.), *Moyses* (2, 2-3, 5-3, 6 etc.), *Ponpeiopolis* (23,1), *Tharso* (22, 1-22, 2-23, 1-23, 6) etc...

O levantamento de Ernout mereceria alguns reparos e um confronto com a classificação de cristianismos da escola holandesa. Adotamo-lo, porém, pela validade do conjunto e porque satisfaz ao objetivo deste capítulo.

4. Até aqui tratamos especialmente de palavras lexicográficas. Das palavras gramaticais preferimos falar no capítulo seguinte.

Um outro enfoque do léxico eteriano poderá dar-nos uma visão menos fragmentária e, afinal, nos apontar a preferência da autora por “classicismos” ou “vulgarismos”. Entendemos que é preciso considerar a tradição escrita em que os especialistas têm arrolado elementos populares (tanto nos autores profanos, quanto nos cristãos), sem, contudo, perder de vista a continuidade românica.

Volto, então, aos preliminares que Coseriu estabeleceu ao tratar do vocabulário latino-vulgar (Coseriu, 1956p. 54-63).

Com efeito, num total aproximado de 1300 palavras, encontram-se na *Peregrinatio Aetheriae*:

a) Palavras que pertencem tanto ao latim literário, quanto ao latim corrente do período imperial, época em que é mais considerável a freqüência de vulgarismos nos textos. Enquadram-se tais palavras nas “isoglosas latinas generales”, res-

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

ponsáveis pela unidade românica, as quais socialmente pertencem a todas as classes e cronologicamente são atestadas na língua corrente em todo o período latino: *aqua, homo, filius, filia, audire, pater, mater, bonus, altus, magnus, uidere, cantare, cantus, caelum, corpus, terra, dormire, de, in, contra, locus, habere, credere, facere, manus, annus, mons, uallis, mulier, mare, dicere, hora, per, oculus, fons etc.*

b) Palavras igualmente conhecidas de todo o latim, as quais, porém, na época imperial já se distribuem em dois grupos: um preferentemente da língua literária, outro da língua corrente.

Aqui é interessantíssimo o comportamento de Etéria. Às vezes, uma indiscutível preferência pela forma clássica; às vezes, pela forma vulgar; às vezes o emprego de ambas as formas. Nos exemplos em que realmente se trate de sinônimos intermutáveis, entendemos ser lícito pensar num período de transição, de norma flutuante, em que os elementos populares vão mais fundamente penetrando na língua escrita. Etéria ora segue a tradição escolar, ora acolhe os elementos da língua corrente, nessa época largamente difundidos pela pregação cristã. Assim, poderíamos distinguir no léxico eteriano umas formas preferentemente clássicas outras clássico-vulgares, ou mesmo vulgares. Para ressaltar a oposição (ou, talvez melhor, a preferência) assinalamos com frequência zero a forma não empregada por Etéria:

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

aequor, pelagus	(0)	mare (17)
tellus	(0)	terra (27)
ager	(2)	campus (8)
lorum	(0)	corrígia (2) (em duas transcrições bíblicas)
pulcher	(13)	formosus, bellus (0)
magnus	(4)	grandis (21)
ualidus	(0)	fortis (2)
alius	(47)	alter (4)
omnis	(194)	totus (52)
edere (esse)	(0)	manducare (13), comedere (0)
potare	(2)	bibere (2)
ferre	(4)	portare (2)
domus	(17)	casa (0), mansio (23, das quais 16 no sentido de diversorium), hospitium (1)
fluere	(2)	currere (2)
ianua	(0)	fores (0)m porta (13), ostium (10)
lápís	(11)	petra (5)
ignis	(4)	focus (0)
flere	(0)	plorare (2)
caput	(10)	testa (0)
etc		

c) Palavras que não estão nos autores clássicos. Trata-se de inovações da língua corrente ou de empréstimos posteriores à época clássica, ou mesmo de velhas palavras populares ou dialetais, que a língua clássica não acolheu, pertencentes à língua corrente: *pisinnus* (3) (duas vezes como substantivo e uma como adjetivo), da linguagem infantil; cf. latim clássico *paruus*, que na *Peregrinatio* ocorre uma só vez no plural e com o sentido de *pauci*; *septimana* (20) ao lado de *hebdomas* (3); *cortina* (1) no sentido do clássico *aulaeum*, não atestado na *Peregrinatio*.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Neste grupo se destaca a contribuição cristã, o terceiro elemento referido no capítulo II, através de grande número de helenismos formais, de neologismos e de empréstimos de sentido, como já vimos.

CAPÍTULO IV

ALGUNS FATOS GRAMATICAIS

Fonologia

1. Questões de grafia

1.1 O h-inicial e medial.

A perda da aspiração do *h* – inicial, fato considerado de origem rústica, generalizou-se desde muito cedo no latim vulgar. As pessoas cultas deviam tê-la mantido. O conhecidíssimo epigrama de Catulo contra Árrio (Catulo, 84) nos dá conta de uma situação flutuante em que aspirar ou não o *h* chegava a ocasionar fenômenos de ultracorreção: *hinsidias*, *Hionios*, *chommoda*. Inscrições populares atestam fartamente confusões de grafia. O *Appendix Probi* corrige “*hostiae non ostiae*”. A recomendação dos gramáticos perdura até a latinidade tardia. Santo Agostinho dá-nos uma preciosa informação sobre a pedante articulação do *h* inicial:

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

si contra disciplinam grammaticam sine adspiratione primae syllabae *ominem* dixerit, displiceat magis hominibus, quam si contra tua praecepta hominem oderit, cum sit *hominem*. (*Confissões* 1,18,29)

Como se sabe, não há sobrevivência românica de aspiração do *h* – latino, uma vez que o *h* “aspirado” francês é de origem germânica.

Na *Peregrinatio* há inúmeros exemplos de erros de grafia, alguns, evidentemente, por ultracorreção: *abitatio*, *abundo*, *heramentum*, *hitur*, *hivit*, *hostium* (ostium), *ospitium*, *hornavit*.

Com relação ao *h* medial, é provável que a perda da aspiração tenha ocorrido antes da do *h* inicial, a julgar por atestados de retóricos e gramáticos como Quintiliano, Aulo Gélío, Terêncio Escauro que recomendam, por diversas razões, grafias sem “h” para *deprehendere*, *ahenum*, *uehemens*, *incohare*, *traho*. Aliás, o *Appendix Probi* corrige “adhuc non aduc”. (Cf. Grandgent, 1928, p. 165)

Ocorrem na *Peregrinatio* as grafias *nichil*, *nichilominus* e *michi* – embora não sejam unânimes os editores – às quais se aplica o seguinte comentário de Grandgent:

Después que la *h* dejó de pronunciarse se desarrolló una pronunciación escolástica de la *h* como *k*, que ha persistido en la pronunciación italiana del latín y ha afectado algunas palabras en otras lenguas (cf. el ant. cat. *mich* por *mi*; el esp. *aniquilar* por *anihililar* etc.) (*ibidem*, p. 167).

1.2 Quanto às palavras gregas, observa-se a mesma confusão no caso de aspiração representada pelo espírito rude: *a-*

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PEREGRINATIO AETHERIAE

gíu (gr. ἅγιου: *hagíou*), *ebdomada* (gr. ἑβδομάδα: *hebdómada*), (cf. *hebdomas* e *ebdomadarius*), *heremus* (gr. ἔρημος: *éremus*), *ymnus* (gr. ὕμνος: *hýmnus*), *eortae* (gr. ἑορταί: *heortai*). *olosericus* (gr. ὀλοσηρικός: *holoserikós*).

Registram-se também exemplos de confusões de grafia das aspiradas θ (theta), χ (chi) e φ (phi): *catheçisis* (gr. κατήχησις: *catéchesis*), *cathecuminus* (gr. κατηχούμενος: *catechoúmenos*), *neofitus* (gr. νέοφυτος: *neophytus*). Não tenho elementos para conferir todas essas grafias com o *Codex Aretinus* e tenho de louvar-me nos editores que a esse respeito não são concordes. No caso de *Antiochia*, por exemplo, Hélène de Pétré padronizou essa forma, mas diz no registro filológico: “*anthiocia A, et sic saepius*” (nota 1 ao capítulo 18). Heraeus e Franceschini-Weber reproduzem o *Codex Aretinus*.

O confronto, porém, não invalida o comentário aqui feito. Essas confusões de grafia com ou sem implicações fonológicas têm vasta documentação em latim. Veja-se, por exemplo, Mihăescu, *O Barbarismo, segundo os gramáticos latinos*.

1.3 Ae, oe, e

Na *Peregrinatio* ocorrem inúmeros exemplos de *ae*, *e* para representar a pronúncia vulgar |e| considerada um rusticismo e condenada pelos gramáticos. Com o ditongo *oe*, de origem diferente e muito menos freqüente, deu-se igual trata-

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PEREGRINATIO AETHERIAE

mento. Os editores não acompanham sempre o *Codex Aretinus*, que aqui transcrevemos: *estimare* (2,1), *quedam* (3,1), *cepimus* (*coepimus*) (3,2), *ecclesie* (3,4), *etate* (3,4), *aque* (4,2), *cepit* (*coepit*) (4,5), *quecumque* (4,5), *Faranite* (6,2), *edificauerunt* (7,6), *domine* (12,7), *cede* (*caede*) (14,3), *heramento* (*aeramento*) (14,2), *amenissimam* (15,2), *amenum* (15,2), *greco* (15,3) etc. etc.

1.4 –*M final*

O –*m final* ocorre no texto de maneira muito confusa, o que comprova o artificialismo da grafia que tenta refazer um traço fônico há muito desaparecido, fato que os gramáticos latinos, as inscrições e as línguas românicas confirmam.

Alguns exemplos: *planissima* (1,1) (A⁵ e F-W-P e H: *planissimam*); *a(d) montem* (6,3) (A e H-P e F-W: *a monte*); *ecie* (13,1) (= *etiam*, P, H, F-W), *uenisse* (17,1) (A, H, F-W; P: *uenissem*); *subito* (43,5) (P, H, F-W: *subitum*); *de passionem* (37,5) (A e H; P e F-W: *de passione*); *ciuitate* (36,3: A, H, F-W; P: *ciuitatem*); *postmodu* (27,3: A; P, H, F-W: *postmodum*); *statiua* (23,2: A, H, F-W; P: *statiuam*); *accedere* (22,2: A, H, F-W; P: *accederem*); *iacente lapidem* (21,2: A, F-W; P e H: *iacentem lapidem*); *locum* (21,1: A; P, H, F-W: *loco*); *in ciuitatem* (20,8: A; P, H, F-W: *in ciuitate*); *terra Gesse iam nosse* (7,1: A, H, F-W; P: *terram Gesse iam nossem*) etc.

⁵ A – Codex Aretinus; F-W – Franceschini-Weber; P – Pétré; H – Heraeus

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Sobre o reconhecimento de um acusativo ou de um ablativo em formas como *statiua, ciuitate, ualle*, falaremos adiante.

A propósito de grafias como *dominum* e *domino*, *gratiam* e *gratia* que na sua edição de *Regula Magistri* Corbett declara não haver “confusion entre l’*accusatif* et l’*ablatif* singulier, mais identité absolue”, é interessante uma observação de Christine Mohrmann. A ilustre filóloga reconhece a exatidão daquele comentário, mas acrescenta esta nota importantíssima para a crítica textual que nos levará a retomar o assunto adiante:

dans une langue de civilisation ce n’est jamais l’image auditive seule qui détermine la langue, même pas chez les auterurs et les scribes “populaires”. Même si um scribe prononce indifféremment *dominum* et *domino*, *gratiam* et *gratia* comme des formes identiques, il reste, par suite de l’enseignement scolaire qui distingue entre les différents cas, plus du moins conscient du fait qu’il y a des cas divers caractérisés par des désinences. C’est cette connaissance qui lui inspire des doutes et des hésitations. En étudiant les textes, nous avons donc à tenir compte d’une double image que influe sur le scribe: l’image auditive et l’image graphique, dont tantôt l’une tantôt l’autre l’emporte (Mohrmann, 1965, III, p. 407).

2. Sobre *-et*, *-it* finais.

Há na *Peregrinatio* muitos exemplos de formas verbais em que *-et* e *-it* ocorrem confusamente. Sabe-se que essa confusão de *-ĩ* e *-ě* em sílaba final se manifesta com mais frequência no latim vulgar a partir do século III; razão por que Väänänen entende preferível considerar influência osca os

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

inúmeros exemplos de *-es* e *-et*, por *-is* e *-it* de formas verbais em inscrições pompeianas (Väänänen, 1963, p. -37).

Prefiro considerar os inúmeros exemplos do tipo de *dicet, mittet, uadet* como decorrentes da conhecida confusão que se estabeleceu no latim vulgar, a partir da época imperial, entre a 2^a e 3^a conjugações.

3. A propósito de síncope: *domnae, ben(e)dicens, audistis*.

3.1 Diz Väänänen que a síncope é um fenômeno de aspecto eminentemente popular e familiar. Pois bem, a *Peregrinatio*, texto freqüentemente classificado de “vulgar”, não atesta a síncope tão fartamente documentada, por exemplo, no *Appendix Probi*, em que das 227 correções, 25 se referem a esse metaplasmo. Aliás, de síncope da vogal breve em proparoxítonos só há um exemplo: *domnae* (23,10), escrito *dōnae* no *Codex Aretinus*. Nas demais ocorrências (*domina*: 7 e *dominus*: 67) o texto só apresenta a forma plena.

3.2 Na sua edição da *Peregrinatio*, Heraeus registra *bendicens* em 19,16 e 20,3, não sei se reproduzindo o *Codex*, que assim deve grafar (segundo depreendo do registro filológico de Hélène Pétré), ou se acolhendo a autoridade do *Thesaurus Linguae Latinae*. Não seguem, porém, essa lição Hélène Pétré e Franceschini-Weber, que grafam *benedicens*.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Os últimos no registro filológico são incisivos: “*benedicens (non bendicens) A*”.

A propósito de *benedicere* em face de *mal(e)dicere*, *maldixi, maldictu*, Väänänen comenta:

par contre, *benedicere*, terme hiératique, resiste (le Thes. ne connaît, comme forme syncopée, que *bendicens, Peregr.* (19, 16 et 20,3): a fr. *beneir*, prov. *benezir (ibidem, p. 41)*.

3.3 São raros na *Peregrinatio* os exemplos de síncope do *-u-* em formas verbais do *perfectum*. Bem mais numerosas são as formas plenas.

4. *Susum e trauersare*

A assimilação *-rs-* > *-ss-* está sobejamente atestada no latim vulgar e nas línguas românicas.

Na *Peregrinatio*, porém, só o advérbio *sursum* ocorre 4 vezes com a forma assimilada grafada *susum* (24,4), *susu* (35,4 e 40,1) e *suso* (14,1). Note-se ainda a simplificação de *-ss-* após vogal longa, o que reforça a antiguidade da assimilação.

Porém, o texto documenta em 2,1 *trauersare*, em que se nota influência da forma primitiva *uerto*. A prevalecer a hipótese da origem hispânica de Etéria e o decantado caráter vulgar da obra, esperava-se *trauessare* de acordo com o tratamento regular na Ibéria de **uessare* (português e espanhol), ao con-

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

trário de **uersare* de outras regiões da România (francês *verser*, italiano *versare*, rumeno *vărsa*) (Maurer, p. 62).

5. Prótese

Na *Peregrinatio* (12,1) ocorre a forma *hispatium* (*spatium*) que atesta no latim vulgar a prótese de um *i-/e-* diante do grupo inicial *s* (ou *z* em palavras gregas) + consoante.

6. *Baluis* / *ualuis*

Em 43,7 o texto eteriano documenta *baluis*, lição do *Codex Aretinus* que Heraeus e Franceschini-Weber mantiveram. Pétré, seguindo Geyer, escreve *ualuis*.

A partir do século I os textos vulgares atestam fartamente confusões de grafia entre *b* e *u*. Confronte-se *Appendix Probi*: “*baculus non uaculus*”, “*uapulo non baplo*”, “*plebes non pleuis*”, “*tabes non tauis*”, “*tolerabilis non tolerauilis*”, “*alueus non albeus*”

7. Ocorrem na obra exemplos das confusões usuais do latim tardio entre *u*, *i*, *y* em palavras gregas grafadas com *v* [y] e *i* [i]: *simbolum/symbolum* (gr. *δύμβολον*), *sicomorus/sycomorus* (gr. *δικόμορος*) *tumba* (gr. *τύ βα ου τύμβος*), *typus* (gr. *τύπος*), mas *archiotipa/archiotepa* (gr. *αρχέτυπα*), *miste-*

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

rium/mysterium (gr. μυστέριον), *presbyter* (gr. πρεσβύτερος), porém em *A*, segundo Oorde, *presbiter* sempre (“*eadem orthographia semper*”), *siriste* (gr. συριδίτι), *spelunca* (do acusativo σπήλυγκα), *thymiatarium* (gr. θυμιατήριον), mas em *A thimiataria*, *neofitus/neophitus* (gr. νεόφυτος).

Morfologia

1. Nomes

1.1 A declinação que se depreende da *Peregrinatio* não difere muito da que conhecemos de qualquer gramática tradicional. É verdade que questões de ordem fonética tornam às vezes inidentificáveis as terminações *-a*, *-o*, *-e*, que também se poderiam entender *-am*, *-om*, *-em*, portanto como ablativos ou acusativos de 1^a, 2^a e 3^a declinações respectivamente. O fato mesmo de ocorrerem as duas grafias confirma a observação de Christine Mohrmann de que o autor (ou o escriba?) em decorrência do ensino escolar estava consciente da existência dos diversos casos, mesmo – acrescentemos – numa época em que a língua oral já deveria ter perdido – ou pelo menos a teria confusa – a noção casual. Então, apesar de aquelas grafias representarem uma só realidade fonética, a autora (ou o copista) deixa-se trair por essa formação escolar quando escreve o *-m* final.

Os exemplos não faltam e podemos colhê-los à vontade:

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

1,1: “infinitam, ingens planissima et ualde pulchram”; 1,2: “per ualle illa”; 5,1: “per ualle illa media”; 5,5: “per ipsam uallem”; 10,7: “post lectione”; 22: “septimana feci”; 37,5: “usque ad nona”; 37,6: “usque ad horam nonam”, etc., etc.

Como o *-m* final já não nos inspira confiança como traço distintivo, precisamos ter muita reserva com certos exemplos geralmente considerados como mudanças de declinação (como *statiua*) ou de gênero (como “atrium ualde grandem et pulchrum satis” em 37,4).

Algumas oscilações de declinação são velhas conhecidas nossas: *domus* com o ablativo singular *domo* e plural *domibus*; *passus* e *passos* (acusativo plural). A existência de duplas formas para neutros plurais e femininos de 1ª declinação é fenômeno atestado nos clássicos. Na *Peregrinatio* já foram notados *uirgultas* (4,7), acusativo plural em vez de *uirgulta*, e *statiua*, feminino em 18,1-23, 2-23, 6 e neutro em 19,3, ressalvada a observação feita acima quanto a variantes gráficas.

1.2 Quanto ao gênero, observemos desde logo o conhecidíssimo *locus*, masculino no singular e neutro no plural. Mas há exemplos de substantivos que ora assumem o masculino, ora o neutro, fenômeno também já observado por Bechara em relação a *canticus* (10, 6-10, 7), *palatius* (19,18), *pulpitus* (12,1) e *territorius* (9,7). É sabido que esse fato, igualmente atestado nos clássicos, teve nos textos considerados vulgares a mais ampla aceitação.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Mas, a *Peregrinatio Aetheriae* atesta fartamente a declinação neutra rigorosamente conforme a norma clássica:

“aperiuntur hostia omnia” (24,9); “luminaria infinita lucent” (24,9); “inclinant capita sua omnes” (25,3); “tenet anulum Salomonis et cornu illud” (37,3) etc.

1.3 Com referência aos adjetivos, observaremos que o comparativo em *-ior* e *-ius* e o superlativo em *-issimus*, *-rimus*, e *-limus* são freqüentes: *altior*, *antiquior*, *excelsior*, *fortior*, *interior*, *maior*, *melior*; *altissimus*, *amenissimus*, *frequentissimus*, *pulcherrimus*, *simillimus*... Os comparativos em *-ius* também se empregam adverbialmente: *acrius*, *gratius*, *longius*, *maturius*...

Entretanto, é também comum na *Peregrinatio Aetheriae* o superlativo analítico, sobretudo com os advérbios *ualde* e *satis*, antepostos ou pospostos ao adjetivo. Às vezes ocorrem as duas formações para o mesmo adjetivo:

“ubi se tamen montes illi... aperiebant et faciebant uallem infinitam, ingens planissima et ualde pulchram” (1,1); “ipse locus subdiuanus est, id est quasi atrium ualde grandem et pulchrum satis” (37,4); “ecclesia... ingens et ualde pulchra et noua dispositione (19,3); “ego, ut sum satis curiosa” (16,3)...

O advérbio muitas vezes intensifica comparativos (como, aliás, no latim clássico: “multo facilius atque expeditius”) e superlativos:

“terra Iesse, quae tamen terra Egypti pars est, sed melior satis quam omnis Egyptus est” (7,1); “optimae satis” (13, 2-15, 2).

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

1.4 Riquíssimo material de pesquisa oferecem as palavras gregas e os hebraísmos helenizados. Entendemos que a esse respeito será necessário distinguir entre substantivos comuns e substantivos próprios (ver cap. II).

Do ponto de vista morfológico, a *Peregrinatio* nos apresenta:

a) nomes gregos ou hebraísmos helenizados que se adaptaram inteiramente à declinação latina;

b) nomes que se mantêm invariáveis, especialmente nomes próprios hebraicos, que não se enquadram nos padrões mórficos latinos: *Bethleem* (25,8 – 25,12 – 39,1 – 42), *Choreb* (*Horeb*) (4,1 – 4,2), *Faran* (*Pharan*) (2,4 – 5,11 – 5,12), *Iacob* (7,7 – 20,10 – 20,11 – 21,1 – 21,4), *Iericho* (10,1 – 10,4 – 12,4 – 12,11), *Imbomon* (*Inbomon*) 25,4 – 36,1 – 39,3 – 40,1 – 43,3 – 43,5), *Melchisedech* (13,4 – 14,2 – 14,3 – 15,5), *Nabau* (10,1 – 10,8 – 10,9 – 11,3 – 11,4 – 12,1), *Sion* (*Syon*) (25,6, 25,11 – 27,5 – 27,6 – 27,7 – 29,1 – 29,2 – 37,1 – 39,2 – 39,4 – 39,5 – 40,2 – 41 – 43,2 – 43,3 – 44,3), *Syna* (1,1 – 2,7 – 3,1 – 3,2 – 3,6 – 4,8 – 6,3 – 9,6), etc;

c) nomes que ora se flexionam à latina ou à grega, numa espécie de declinação mista, onde, não raro, ocorrem terminações anômalas (talvez variantes gráficas), ora se mantêm invariáveis: *Thebaidam* (9,1) e *Thebaidem* (9,6); *sanctum Abraam*

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

(14,2), *sanctus Abraam* (14,3) e *Sancti Abrahae* (20,3); *cathecisin* (46,3) e *cathecisen* (46,4);

d) acusativos gregos fossilizados em *-in*, *-en*, *-im*: *cathecisin* (46,3), *Ponpeiopolim* (23,1), *Ramessen ciuitas* (8,1), *flumine Eufraten* (18,2) e *fluuium Eufraten* (18,2) (cf. *maior est Eufrates*, 18,2);

e) nomes da 3ª declinação grega que se incorporaram à 1ª declinação latina através do acusativo singular em α (alfa), como *absida*, *hebdomada*, *spelunca*.

No artigo sobre os helenismos da *Peregrinatio*, Ernout faz referência a certos nomes próprios, sobretudo geográficos, que Etéria transcreveu como ouviu, sem empregar o caso que a construção gramatical exigiria. E conclui desse emprego indevido:

L'observation précédente permet de conclure qu'elle n'a pas appris le grec, et qu'elle n'en sait que ce qu'elle a pu apprendre oralement au cours de son voyage. (Ernout, 1954, p. 291)

O assunto merece um exame mais demorado, que deverá levar em conta os itens que apontamos e certas construções, comuns na *Peregrinatio*, mas na verdade amplamente atestadas em latim. Algumas, como o nominativo independente da construção rigorosamente gramatical e o chamado acusativo grego fossilizado, são freqüentíssimas no latim tardio. Isto, po-

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

rém, refere-se mais especialmente à sintaxe dos casos e, entre nós, já foi estudado por Bechara (1963).

1.5 Pronomes

Do ponto de vista morfológico, um levantamento dos pronomes na *Peregrinatio* nos oferece o mesmo quadro geral das gramáticas latinas.

Algumas formas, porém, merecem registro:

a) *hae* por *haec* (neutro): “ecce ista fundamenta in giro colliculo isto, quae uidetis, *hae* sunt de palatio regis Melchisedech” (14,2);

b) *eodem* por *eidem* (dat. sing.): “descenditur de Imbomon cum ymnis et acceditur *eodem* loco, ubi orauit Dominus” (36,1), (ou ablativo?);

c) *illum* por *illud*: “Duxit etiam nos et ad *illum* palatium superiorem, quod habuerat primitus rex Aggarus” (19,18);

d) *ipsud* por *ipsum*: 7,6 – 17,1 – 24,8 – 28,3 – 43,3;

e) emprego confuso de formas do pronome relativo, encontrando-se o masculino pelo neutro ou pelo feminino, e o

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

neutro pelo masculino. Note-se que os editores não são unânimes quanto à fixação de algumas dessas formas em face do *Codex Aretinus*, segundo depreendo do registro filológico que alguns apresentam. De qualquer forma, é certo que no latim tardio a língua popular estendera ao feminino as formas masculinas *qui* e *quem*; como também é certo que se encontra o pronome relativo neutro singular ou plural referindo-se a um antecedente de outro gênero.

Transcrevo da edição de Heraeus:

ostenditur ibi altarium lapideum, *quem* posuit ipse sanctus Helias ad offerendum Deo (4,2).

Si quis autem peregrinus est, nisi testimonia habuerit, *qui* eum nouerint, non tam facile accedet ad baptismum (45,4).

Ostenderunt etiam petram ingentem... ad *quem* petram iratus fregit tabulas (5,5).

Transeuntes ergo fluuium peruenimus ad ciuitatem, *que* appellatur Libiada, quae est in eo campo, in quo tunc filii Israhel castra fixerant (10,4).

unusquisque animosi uadent in Syon orare ad columnam illam, ad *quem* flagellatus est Dominus (37,1).

ut nec panem, *quod* liberari non potest, nec oleum gustent (28,4).

Aproveitemos para dizer que há na *Peregrinatio*, bem próximos dos empregos aqui referidos, exemplos de *quod* e *qua*, em que, porém, alguns autores preferem ver um advérbio ou conjunção temporal. Cito dois exemplos:

Haec est autem uallis ingens et planissima, in qua filii Israhel commorati sunt his diebus, *quod* sanctus Moyses ascendit in montem Domini (2,2).

Sanctus Moyses uidit filios Israhel habentes choros his diebus, *qua* fecerant uitulum (5,4).

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Vários exemplos de *hii* e *hisdem* me parecem fora de dúvida grafias de *ii* e *isdem* (*iisdem*).

1.6 Verbos

1.6.1 A propósito de conhecidas confusões entre verbos da 2ª, 3ª, 4ª conjugações que o latim, e especialmente o latim vulgar, atesta, diz Väänänen:

En plus des échanges de conjugaison..., on rencontre, dans les textes peu littéraires de divers époques, à l'indic. 2^e et 3^e sg. *-es*, *-et* pour *-is*, *-it*... A basse époque, par ex. dans la *Peregr.*, ces échanges, auxquels il y a à ajouter 3^e pl. *-ent* pour *-unt*, peuvent aussi dénoter une tendance unificatrice (Väänänen, 1963, p. 146).

A exemplificação da *Peregrinatio* é muito rica, e não é à toa que outros autores como Grandgent e Maurer se referem especificamente a essa obra. De nossas anotações ao texto ete-riano extraímos os seguintes exemplos:

Cap. 4º: *uiuet* (*uiuit*), *mittet* (*mittit*); Cap 8º: *dicent* (*dicunt*), *uadent* (*uadunt*), *tollent* (*tollunt*); Cap.10º: *deseret* (*deserit*); Cap. 24º: *benedicet* (*benedicit*), *dicet*, *descendet*, *colliget*, *mittet*, *uadet*, *incipient* (*incipiunt*); Cap. 25º: *mittet*, *uadent*; Cap. 30º: *mittet*, *dicet*; Cap. 31º: *ascendet*; Cap. 33º: *perleget*, *leget*; Cap. 35º: *colliget*, *mittet*, *dicet*; Cap. 37º: *premet*, *uadent*, *custodent* (cf. *custoditur*, 37,2); *ponet*; Cap. 38º: *dimittetur* (*dimittitur*); Cap. 43º: *ducent*, *dicet*, *uadent*, *sedet*; Cap. 44º: *leget*, *uadent*, *uadet*; Cap. 45º: *accedet*; Cap. 46º:

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

percurret, accipient, exponet, uadet, reddet, dicet; Cap. 47°: *exponet, accedet, absoluet, dicet*.

A tendência a eliminar formas anômalas, acomodando-as aos tipos flexionais considerados regulares explica as formas *offeret, offerit, (offert)* (35,1), *offeritur (offertur)* (35,2), *offeret* (38,2), *defferet (deffert)* (45,3).

1.6.2 Vale a pena recapitular aqui a lição de Maurer que transcrevemos no Cap. II. De fato, com relação às vozes do verbo, a *Peregrinatio* atesta as formas passivas sintéticas do *infectum* bem como verbos depoentes, que em dois exemplos apenas são substituídos por formas ativas. Aliás, Van Oorde, que fez um levantamento exaustivo de empregos em que Etéria se acomoda à norma clássica ou dela se afasta, diz, com razão, a propósito dos depoentes:

Quod attinet ad verba deponentia, Aetheria ea accurate diligenterque observavit, id quod non omnes serioris aevi scriptores fecerunt [...]

Aetheria igitur cum in verbis deponentibus adhibendis latinitem paene Ciceronianam assecuta sit, duobus locis, ut iam commemoratum est, peccavit: “furasse” pro “furatus esse” 88,17 “egredere” pro “egredi” 53,29. (Oorde, 1963, p. 9)

Também ocorrem os tempos do *perfectum* em verbos passivos, depoentes ou semidepoentes segundo a norma gramatical. Mas, ao lado desses exemplos, há inúmeras ocorrências de *usus insolentiores*, em que Etéria se afasta do *optimum genus dicendi*, como o emprego de formas passivas do *infectum* com o verbo *esse* (tipo *amatus sum*) e formas passivas de

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

perfectum com tempos também do *perfectum* de *esse* (tipo *amatus fui*). O emprego escolar das formas sintéticas do *infec-tum* está igualmente comprovado pela alta freqüência de uma outra construção que de longa data concorria com a passiva e médio-passiva, com a vantagem de desfazer a ambigüidade decorrente de a forma passiva servir para a expressão tanto do sentido passivo quanto ao sentido médio. Trata-se da forma pronominal, que no latim tardio se desenvolveu enormemente, aplicando-se a verbos transitivos e intransitivos. Então criou-se uma situação extremamente complexa em que ora a construção pronominal equivale à passiva (*uocat = uocatur*), ora o pronome é um complemento verbal em acusativo, ora é um elemento estilístico de matizes muito variados (Cf. Ernout-Thomas, 1953, p. 211-214).

A *Peregrinatio* nos oferece uma rica exemplificação dessas oscilações resultantes do conflito entre um padrão ideal, ensinado na escola – artificial e teórico – e uma realidade lingüística bem diversa, que a autora nem sempre pôde conter. Entende-se também, que daí resultassem ultracorreções.

Exemplos de Oorde: *appellatus est* por *appellatur*, *dicta est* por *dicitur*, *auditus sit* por *audiatur*; inúmeros exemplos de *se facit* por *fit*; inúmeros exemplos de verbos com pronome reflexivo *se*: *se acclinare*, *se aperire*, *se colligere*, *se dirigere*, *se tendere*, *se resumere*, *se plicare*, etc, etc.

É muito de notar-se o largo uso da forma passiva de 3ª pessoa –*tur*, pessoal e impessoalmente, com verbos transitivos

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

e com verbos intransitivos: *acceditur, agitur, ambuletur, descenditur, inuenitur, proceditur, itur, subitur etc.* No *perfectum* ocorrem muitos exemplos em que o uso clássico recomendaria o *infectum* do verbo *esse*: *intratum fuerit, itum fuerit, peruentum fuerit, subitum fuerit, uentum fuerit etc.*

Observaremos que, sem invalidar a interpretação de Oorde, em formas passivas do tipo *scriptum est/scriptum fuit* é preferível levar em conta uma velha noção, muito conhecida dos gramáticos latinos, que considera no *infectum* e no *perfectum* um presente, um passado e um futuro, associando-se, então, as categorias de aspecto e de tempo. É o caso do conhecido exemplo de César “*Gallia est omnis diuisa in partes tres*”. Especialmente nas constantes referências à *Bíblia*, parece-nos que *sicut scriptum est* significa “como está escrito”, *quae scripta sunt* “coisas que estão escritas”, em que se acentua uma verdade que permanece, independentemente de uma idéia temporal.

1.6.3 No capítulo sobre o vocabulário, falamos do gosto da língua oral pelas perífrases. Com relação aos verbos, a *Peregrinatio* nos oferece muitos exemplos com infinitivo: “*scire debui*” (45, 1-46, 1), “*solent habere*” (12,1), “*festinat manducare*” (29,3), “*coeperit se facere*” (31,1), “*coeperit essa hora*” (31,1), “*noluit permittere*” (12,10), “*uolui accedere*” (13,1), “*poterat conspici*” (12,5).

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Com o infinitivo *habere* prenuncia-se o futuro românico em “trauersare habebamus” (2,2), “exire habebamus” (4,6) e “dicere habet” (24,6).

Sintaxe

É na sintaxe que melhor se apresentam as características “vulgares” da *Peregrinatio Aethertiae*. Evidentemente, não se podem menosprezar os elementos populares do léxico, nem certos traços fônicos revelados pela grafia do texto, nem muitos exemplos de formas nominais e verbais que a gramática clássica não atesta ou atesta discretamente. Mas são elementos isolados, fragmentos cuja validade, aliás, nem sempre é indiscutível.

Porém, a utilização de todos esses elementos na frase formam um contexto que revela aquela ambiência estilística tão finamente observada por Serafim da Silva Neto (1923, p. 110, nota 3), que, em contraste com o “elevado modo de exprimir criado pela tradição e pela técnica literária”, nos assegura o tom coloquial desse *itinerarium*.

Não admira, pois, que o texto nos dê a impressão de escrito ao correr da pena. Os fatos se sucedem na chamada ordem direta; as orações, sobrecarregadas de partículas muito comuns da linguagem oral (*ergo, item, nam, tamen, autem...*), freqüentemente meros expletivos, vão-se justapondo, às vezes como processos de repetição ou de explicação, de tal forma

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

que, não raro, se perde a estruturação lógica do pensamento, e o período termina de forma abrupta com uma oração-resumo iniciada por *sicut, ita etc.* Outras vezes tem-se a impressão de que o texto nos chegou lacunoso. Falta aquela rígida estrutura hipotática do latim literário que exige do escritor uma ordenação e uma hierarquização prévia das idéias para a expressão verbal dos juízos. É uma trabalhosa elaboração que exige, além de qualidades pessoais, um domínio seguro da língua literária.

Ora, a *Peregrinatio Aetherae* é uma narrativa simples, em que os fatos são registrados como ocorrem, entremeada de citações em forma de discurso direto, bem de acordo com a caracterização que Marouzeau faz da construção paratática, tipo de narração que

sans réflexion et par une sorte de réaction spontanée, reproduit la vision directe des événements, ou du moins l'image qu'ils ont laissé dans l'esprit. On en trouve maint exemple dans la langue rudimentaire des anciens chroniqueurs (Marouzeau, 1946, p. 229).

E adiante:

Procédé populaire, la parataxe se presente avec le mérite de la simplicité, du naturel; à ce titre il arrive qu'elle soit employée même par un écrivain d'ordinaire savant, qui, dans des circonstances spéciales, prend le ton familier; ainsi Cicéron dans sa correspondance (*ibidem*, p. 230).

Temos aí mais um elemento para esclarecer a aparente contradição dos comentários quanto ao caráter vulgar da *Peregrinatio* em face da “crosta literaria demasiado densa” que alguns observam na autora.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Nos limites de uma tentativa de caracterização do latim eteriano, vamos fazer umas observações gerais.

1. A *Peregrinatio* documenta excelentemente a chamada ordem direta. As transcrições que fizemos comprovam sem dificuldade essa característica da sintaxe vulgar, já devidamente comentada pelos tratadistas. É importante o que diz Maurer, tendo em vista sua posição incisiva a que já nos referimos:

Um documento latino notável pela colocação caracteristicamente românica é a *Peregrinatio ad loca Sancta*. Embora apresente muitos elementos denunciadores de influência literária, a disposição extremamente simples e tantas vezes direta é, sem dúvida, da linguagem falada do tempo, o que se confirma pela sua concordância com a ordem românica (Maurer, 1959, p. 198).

2. A sintaxe dos casos já foi, entre nós, estudada por Bechara.

Gostaríamos aqui de insistir no emprego das preposições. Com as devidas ressalvas quanto à identificação de certos casos, a *Peregrinatio* apresenta, em confronto com o emprego tradicional das gramáticas, o seguinte quadro:

a) preposições com acusativo: *ad, apud, citra, extra, infra, secundum, subter, supra, trans, ultra, usque, cata* (=secundum);

b) preposições com ablativo: *a(ab), e(ex), sine, sub, supra* (?);

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

c) preposições com acusativo e ablativo: *ante, de ante, circa, contra, cum, de, foras, in, in giro, inter, intra, intro, de intro, iuxta, per, prope, propter, super, post, pro;*

d) preposições com genitivo: *gratia, circa, in giro, per girum (giro).*

A *Peregrinatio* apresenta um bom número de locuções constituídas de duas preposições ou de preposição + advérbio, e de expressões formadas por preposição + substantivo que se gramaticalizaram como locuções prepositivas ou adverbiais: *de contra, de inter, de intro, de foris, a foras, in ante, ab ante, in hodie, usque in, usque in hodie, in mane, usque in mane, usque ad, in giro, per girum, per giro, ad directum, ad momentum, ad die, intus in.*

Ainda sobre preposições da *Peregrinatio*, lembraremos a importância de estudos que registrem empregos que se generalizaram no latim dos cristãos, como *in* e *de* com valor instrumental, *ad* indicando tempo determinado etc.

3. Quanto aos pronomes demonstrativos, o seu emprego na *Peregrinatio* nem sempre concorda com a norma clássica. Frequentemente, *ille* tem o valor do artigo românico e de pronome pessoal; *ipse* equivale ao nosso pronome *esse*; *iste* se usa em lugar de *hic*; há inúmeros exemplos de reforço pronominal, com *ipse ille, hoc ipsud, hoc idem*; a função de antece-

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

dente do relativo não é privativa de *is*. A *Peregrinatio* atesta *hic.. qui, ille.. qui, ipse.. qui, iste...qui*. O elemento *ecce* que costuma acompanhar certos demonstrativos em exemplos considerados vulgares não é tão freqüente na obra:

ecce ista fundamenta in giro colliculo isto quae uidetis, hae sunt de palatio regis Melchisedech (14,2);

Nam ecce ista uia quam uidetis transire inter fluuium Iordanem et uicum istum haec est qua uia regressus est... (14,3)

Tunc ait ille sanctus presbyter: ecce hic est in ducentis passibus (15,1).

Tratando-se, porém, de transcrições, penso que será melhor interpretar os exemplos de *ecce* + demonstrativo como vulgarismos não propriamente da autora, mas – como têm observado os tratadistas – dos que ocorrem muitas vezes nos discursos diretos da *Peregrinatio*.

4. Já nos referimos à expressão de impessoalidade através da 3ª pessoa do singular de verbos passivos no *infectum* ou no *perfectum*. Lembremos agora dois exemplos de *habere* impessoal, como o português “tem” = “há”: “Habebat autem de eo loco ad montem Dei forsitan quattuor milia totum” (1,2). “Habebat de ciuitate forsitan mille quingentos passus” (23,2).

A propósito de impessoalidade e indeterminação do sujeito a *Peregrinatio* nos oferece outros exemplos sobre os quais faremos algumas considerações:

a) Em 43,5 diz Etéria:

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Legitur etiam et illi locus de euangelio, ubi *dicit* de ascensu Domini; legitur et denuo de actus apostolorum, ubi *dicit* de ascensu Domini in caelis post resurrectionem.

Em 2,7: “nam posteaquam completo desiderio descenderis inde, et de contra illum uides, quod, antequam subeas, facere non *potest*”. É a lição de Heraeus e Franceschini-Weber. Pétré, seguindo Geyer, prefere *potes*.

A nosso ver, temos em *dicit* e *potest* igualmente exemplos de impessoalidade.

b) Em 13,1 lê-se: “ubi homo desiderium suum compleri uidet”, em que *homo* tem valor indefinido, como o francês *on* e o português antigo *homem*.

c) Na *Peregrinatio* há muitos exemplos de uma forma verbal em 2ª pessoa singular, sem contudo referir-se a um sujeito de 2ª pessoa: *ingereris* (2,5), *uides* (2,7), *subeas* (2,7), *descenderis* (2,7), *subeas* (2,7). Trata-se de um emprego conhecido dos clássicos, atestado, por exemplo, em Ovídio.

5. Quanto à concordância, a *Peregrinatio Aetheriae* frequentemente documenta o verbo no plural referido a um coletivo *turba*, *multitudo*, *populus*, como também o verbo no plural referindo-se a *unusquisque* (25,7). Exemplos de “attractio inuversa”, atração do antecedente no caso do pronome relativo estão em: 13,4: “fabricam *quam* uides ecclesia est” e 19,11:

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

“nam monticulum istum, *quem* uides, filia, super ciuitate hac, in illo tempore ipse huic ciuitati aquam ministrabat”.

6. Ao lado da construção de acusativo com infinitivo, ocorrem muitos exemplos de orações subordinadas substantivas com *quia*, *quoniam*, *quod*. Christine Mohrmann diz que *quoniam* é vulgar e bíblico; *quia*, mais popular que *quod*, é usual no latim dos cristãos; *quod* mais refinado (Mohrmann, 1965, III, p. 394).

Pudemos comprovar na *Peregrinatio* essa afirmação de Christine Mohrmann em muitos exemplos:

a) *credere quia*, *scire quia*, *dicere quia*, *dici quia*, *ostendi quia*, *ostendere quia*;

b) *uidere quod*, *inueniri quod*, *audire eo quod*;

c) *scire quoniam*, *credere quoniam*, *parere quoniam*, *dicere quoniam*, *testari quoniam*.

7. Os verbos “dicendi” (*dicere*, *ait*, *loqui*, *alloqui*) se constroem com dativo ou com ad + acusativo para indicar a pessoa a quem se fala e uma oração objetiva direta, geralmente introduzida por *quod*, *eo quod*, *quoniam* ou *quia*.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Também o verbo *credere* se emprega sempre com dativo e *quia*: “ecce rex Aggarus, qui antequam uideret Dominum, credidit ei, quia esset uere filius Dei (19,6). Não há exemplo do cristianismo sintático *credere in*.

8. Os verbos que exprimem direção ou movimento podem construir-se com preposição ou sem ela. Em certas construções, como em “*eum subeas*” (2,7) (*subire montem*), o acusativo parece gramaticalizado em objeto, como em português – “subir o morro”.

A propósito das circunstâncias de lugar “onde” e “para onde”, a *Peregrinatio* atesta um emprego muito confuso não só com substantivos (em que poderia ocorrer a hipótese da forma inidentificável), mas também advérbios onde não seria possível qualquer confusão gráfica ou fônica.

9. Ocorrem outros exemplos de regência discordante da norma clássica, porém frequentes no latim vulgar e no latim dos cristãos. É o caso de *maledicere* e *benedicere*, sempre com acusativo.

10. Muitos outros casos poderíamos arrolar em que o texto eteriano se afasta da norma clássica e acolhe construções consideradas vulgares, as quais, porém, pelo IV século se incorporaram definitivamente ao *usus loquendi ecclesiasticus*.

CAPÍTULO V

**ALGUNS ASPECTOS DA REPETIÇÃO
A MENTALIDADE “ID EST”**

Quem já leu a *Peregrinatio Aetheriae* certamente terá notado uma característica muito marcante da autora: registrar com fidelidade, e assim transmitir cuidadosamente às suas irmãs, todas as ocorrências da peregrinação, sobretudo aquelas relacionadas com fatos da Sagrada Escritura, sem nada omitir, desde a mais ingênua observação até a exaustiva liturgia da Semana Santa em Jerusalém. A todo instante Etéria explica ou explica-se, repete, retoma o vocábulo ou a construção, traduz ou transcreve alguns helenismos, refere ou cita uma passagem bíblica, de tal forma que o seu diário de viagem se torna um precioso documento pela minúcia, pelo cuidado nas informações, enfim, pela preocupação com a verdade.

Juntamente com esse conteúdo é preciso considerar os elementos formais que o realizam na obra. Salta aos olhos o

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

tom informal, familiar desse diário fortemente impregnado de fatos da língua falada: predomínio da coordenação, repetições, explicações, perífrases, abundância de partículas (*et, ergo, autem, nam, ...*), pleonasmos, anacolutos. Língua assim marcada pela oralidade, em oposição a uma língua castigada, de requintada elaboração, o que não significa falta de arte, ausência de ideal estético, já implícito no ato mesmo de escrever. Dentro dessa informalidade, há evidentemente uma elaboração estilística, que se manifesta, por exemplo, nos meios de exprimir a repetição, a explicação, a duração, o ato de rezar, o nascer do dia etc.

Mas a repetição de palavras ou construções, sobretudo quando sobrecarregam o período a curta distância, pode transmitir ao leitor a impressão de certa monotonia, de língua pobre e desajeitada. É verdade que nem todos os estudiosos da *Peregrinatio* pensam assim. Leo Spitzer, por exemplo, vê nesse processo uma “hieratic slowness”, uma “sacred monotony”, comunicando à narrativa eteriana algo de solene, de estático, a conferir-lhe caráter de uma litania cativante:

The stereotyped character of such scenes is obviously in harmony with the atmosphere of static, saintly majesty which pervades the whole work. The pilgrimage has its own hieratic decorum (Spitzer, 1959, p. 898).

Parece-nos muito justa a crítica de Vermeer:

La répétition des mêmes mots peut, en effet, provenir d'une certaine paresse et lenteur d'esprit; et dans ce cas elle est le fait des gens moins cultivés. Mais elle peut aussi servir le besoin de clarté, l'intention d'impressionner, comme elle peut procéder de l'émotion de l'auteur ou viser à l'affet par des phrases rythmées

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

et symétriques. Si ce que dit Spitzer est exagéré, à notre avis on ne peut nier qu'en présence d'un grand nombre de répétitions que se permet Égerie – et nous ne pensons pas tout d'abord aux répétitions que sont à l'origine de cette digression – on peut parler de valeur emphatique (Vermeer, 1965, p. 18-19).

Vermeer pensava no vocabulário, e especialmente no vocabulário da viagem propriamente dita (1-23), que ele estudou magnificamente. Poderemos, contudo, estender a pesquisa a outros campos, especialmente à sintaxe.

Na impossibilidade de um levantamento exaustivo, comentaremos alguns tipos de repetições e explicações. Advertimos desde logo que as denominações, muito genéricas, de *repetição* e *explicação* não estão necessariamente associadas às *figuras per adiectionem* ou à *correctio* dos antigos retóricos. E isto, aliás, pela natureza mesma da obra. Para nós, tais processos não resultam de uma formação ou de uma intenção retórica; são como que índices de oralidade da narrativa.

Aqui *repetição* inclui processos de reduplicação, insistência, redundância, acumulação. Até mesmo a explicação, o esclarecimento, a retificação, podem, a nosso ver, ser incluídas nesse título genérico.

As repetições nos levam a outra consideração prévia, de certa relevância para o nosso texto: o emprego frequente das mesmas formas lingüísticas em situações idênticas vai tornando-as fórmulas, chavões, que abusivamente repetidas vão perdendo seu valor expressivo, tendendo para o lugar-comum.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Na *Peregrinatio* é esse um dos elementos de monotonia já aqui referida. Etéria manifesta uma forte tendência para a frase feita, para a fórmula consagrada, o que também comprova o caráter “vulgar” do seu latim.

Esses cacoetes do estilo eteriano são freqüentíssimos, desde a repetição de palavras até a repetição de construções.

I – Repetições

1. Repetição de substantivos: *locus, mons, uallis*.

O texto começa com a descrição do vale de Rahah ao sul do deserto de Faran, na extremidade do qual se divisa o Sinai, “mons sanctus Dei”. Até 2,4, a descrição do vale; daí a 2,7, o monte. O 1º e 2º capítulos apenas situam geograficamente o local do vale e do monte. Mas esse local, esse vale e esse monte evocam passagens bíblicas muito familiares a Etéria: as “memoriae concupiscentiae” (*Números*, 11,34), a subida de Moisés ao Sinai (*Êxodo*, 24,18), o bezerro de outro (*Êxodo*, 32, 1-6), a sarça em fogo (*Êxodo*, 3,1 e seg.), o Sinai “in cuius summitate... descendit maiestas Dei” (*Êxodo*, 19, 18ss., 24, 16). Então, o local, o vale e o monte têm para ela um outro significado; não são apenas paisagem. Estão presentes na sua vida; ela já os conhecia de leituras bíblicas ou das referências dos irmãos de fé, de tal forma, que às vezes ela apenas constata que realmente tudo é como lera ou ouvira:

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Hoc autem, antequam perueniremus ad montem Dei, iam referentibus fratribus cognoueram, et postquam ibi perueni, ita esse manifeste cognoui. (2,7)

A freqüência dos substantivos *locus*, *mons*, *vallis* nesses textos é um exemplo bem expressivo das repetições a que nos referimos, aqui ainda explicável pela forte carga emotiva da peregrina:

1º capítulo: locus: 6 vezes

mons: 5 vezes

uallis: 3 vezes

2º capítulo: locus: 6 vezes

mons: 11 vezes

uallis: 9 vezes

Os três substantivos estão entre os vinte de maior freqüência na obra: *locus* 251 vezes, das quais 211 vezes com o sentido de “situação geográfica”; *mons* 90; *uallis* 38. A estatística pura e simples seria inexpressiva; apenas uma estatística. Mas leiam-se os capítulos e repare-se nas repetições muito próximas, sublinhadas às vezes por um adjunto adverbial de lugar representado por um advérbio *ubi*, *hic*; por um pronome relativo, ou por um pronome demonstrativo:

1,1: ...peruenimus ad quendam *locum*, *ubi* se tamen *montes* illi *inter quos* ibamus aperiebant et faciebant *ualllem* infinitam, ingens planissima et ualde pulchram, et trans *ualllem* apparebat mons sanctus Dei Syna. Hic autem *locus*, *ubi* se montes aperiebant, iunctus est cum eo *loco*, *quo* sunt memoriae concupiscentiae.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

1,2: In ergo *loco* cum uenitur... “Consuetudo est, ut fiat *hic* oratio ab his qui ueniunt, quando de eo *loco* primitus uidetur mons Dei”...Habebat autem de eo *loco* ad *montem* Dei forsitan quattuor milia totum per *ualle* illa, quam dixi ingens

No 2º capítulo, de 1 a 4, Etéria fala especialmente do *vale*. Pois bem, repare-se nesses começos de períodos:

2.1: *Vallis* autem ipsa ingens est ualde...

Ipsam ergo *Vallem* nos trauersare habebamus...

2.2: Haec est autem *Vallis* ingens et planissima, ...

Haec est autem *Vallis* ingens et planissima, in qua...

Haec est autem *uallis*, in qua...

Haec ergo *uallis* ipsa est in cuius capite...

Do 5º parágrafo em diante mais e mais sobressai o monte, “ubi descendit maiestas Dei”. É natural que ele comece com esse substantivo: “Mons autem ipse per giro quidem unus esse uidetur...”

Note-se que em comparação com o “Mons Dei”, os outros, embora sejam também altíssimos (“tam excelsi sint quam nunquam me puto uidisse”; “...quos excelsos uideramus” 2,6), não passam de *colliculi*.

2. Repetição de adjetivos: *grandis*, *ingens*, *infinitus*

A adjetivação na *Peregrinatio*, eminentemente denotativa, leva Etéria a explorar uma sinonímia pobre quando aplica o mesmo adjetivo a substantivos que exprimem idéias muito diferentes. Um exemplo expressivo é o de *grandis*, *ingens*, *infinitus*, cujo emprego Etéria parece não distinguir. *Magnus* o-

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

corre apenas 4 vezes, em 3 das quais está intensificado por *tam*: “tam magnum”, “tam magna”, como o português “tamanho”, “tamanho”. Na outra ocorrência modifica *flumen*.

Uma cuidadosa análise estilística poderia descobrir aqui ou ali matizes semânticos que justificam a escolha do adjetivo. Contudo, num grande número de exemplos, os adjetivos parecem intermutáveis. É o seguinte o emprego daqueles adjetivos na *Peregrinatio*:

grandis (21): *lapis, labor, ecclesia, locus, gratiam* (beleza), *uallis, come, vicus, monticulus* (!), *tumbae, fundamenta* (pl.), *vita, aqua, reverentia, campus, mora, atrium*.

ingens (18): *uallis, petra, lapis, statua, aqua, mons, flumen, ecclesia, fluuius, uicus, murus, candela*.

infinitus (15): *labor, ruina, campus, torrens* (*Iordanem*), *gratiae* (=graça de Deus), *lumen, uox, turba, uallis, fines, lapis, luminaria* (pl), *mons*.

magnus (4): *flumen, labor, turba, mons*.

A esse propósito, o confronto dos 10 nomes de maior frequência é interessante e nos revela sem muito esforço a causa dessas ocorrências dos adjetivos. São eles:

a) substantivos: *locus, dies, episcopus, ecclesia, Deus, mons, oratio, hora, ciuitas, ymnus* (*hymnus*);

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

b) adjetivos: *sanctus*, *maior*, *dominicus*, *aptus*, *grandis*, *medius*, *ingens*, *infinitus*, *pulcher*, *paschalis*.

Nota-se desde logo, que *maior* (41), *grandis* (21), *ingens* (18) e *infinitus* (15) pertencem à mesma área semântica. *Sanctus* (167) aplica-se a *locus* (14 vezes), a *episcopus* (27 vezes), a *ecclesia* (7 vezes) e a *mons* (4 vezes), *maior* (41) se aplica 27 vezes a *ecclesia*; *dominica* (37) é privativo de *dies*, *aptus* (25) refere-se a *oratio* (3 vezes) e a *hymnus* (4 vezes); *medius* (20) com sentido local modifica *ecclesia* (1vez), *locus* (1 vez) e *ciuitas*; com sentido temporal se aplica a *hora* (1 vez); *pulcher* (13) 4 vezes adjetiva *ecclesia* e 1 vez *ciuitas*; *paschalis* (11), termo técnico, modifica 6 vezes *dies* (nos restantes empregos refere-se a *uigiliae* e *septimana*). *Deus* na *Peregrinatio* não é adjetivado.

A repetição de certos adjetivos como *grandis*, *ingens*, *pulcher* na *Peregrinatio* nos lembra, “mutatis mutandis”, a “patrii sermonis egestas” focalizada com a habitual agudeza por Marouzeau nos primitivos prosadores latinos, como Catão:

...la lecture d'un ouvrage comme celui de Caton révèle l'indigence de la langue quand il s'agit d'énoncer des jugements ou même seulement d'exprimer des manières d'être: tout ce qui est remarquable par le grandeur est qualifié de *magnus*; par la qualité, de *bonus*; on compte jusqu'à une vingtaine d'exemples de *bonus* et *bone* dans les seuls chapitres 1 à 4 *De agricultura* (Marouzeau, 1949, p. 109-110).

Mas isso nos levará a uma outra consideração a propósito de riqueza e pobreza em língua (Cf. *ibidem*, p. 108 e 93-96).

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Com efeito, *riqueza* e *pobreza* aplicadas à língua, e aqui especialmente ao léxico, são considerações muito relativas e discutíveis e dependem do domínio de noções considerado. O próprio Marouzeau, lembrando Jespersen, mostra que uma língua de primitivos pode ser até mais rica do que uma língua de civilizados na designação de aspectos do real, do concreto. É o caso do latim pré-literário, riquíssimo em termos que exprimem coisas concretas, especialmente do campo (não tivesse sido o latim primitivamente uma língua de pastores): *aqua, unda, lumpa, umor, ros, latex (latices)* para “água”; *flumen, fluuius, fluentum, fons, amnis, torrens, riuus* para “água corrente” (“cours d’eau”); *domus, aedes, casa, porta, ianua, ostium, postes, valvae, fores* para “habitação” etc.

Acrescentemos que em relação à *Peregrinatio* esse critério de riqueza/pobreza ainda deverá levar em conta o estilo dos “itineraria hierosolimitana”.

Um confronto com outros diários de viagem, como fez Vermeer, revelará até “un riche vocabulaire”, e uma narrativa que a faz muito diferente de um mero roteiro.

No caso eteriano – e aqui um dos inconvenientes de uma simples contagem de palavras – essa repetição de adjetivos dá azo às vezes a uma elaboração estilística. Vejamos a repetição de *grandis* em 3,3:

In eo ergo loco est nunc ecclesia non grandis, quoniam et ipse locus, id est summitas montis, non satis grandis est, quae tamen ecclesia habet de se gratiam grandem.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PEREGRINATIO AETHERIAE

Inicialmente chocante, assume nova dimensão quando a consideramos mais de perto. Poderíamos pensar num processo eufêmico de respeitosa referência a tudo que se relaciona com o “mons sanctus Dei Sina”, se confrontarmos com a “ecclesia pisinna” de um monte perto do Nebo (10,9).

Confrontando, porém, com outra ocorrência de “ecclesia non grandis” em 12,1 (é verdade que aplicada à igreja no alto do monte Nebo, onde se descobriu a sepultura de Moisés) e a de “monticulus non satis grandis” em 13,3 preferimos pensar num processo estilístico em que se ressalta a grande beleza (“gratiam grandem”) da igreja, em contraste com o seu tamanho e o pequeno espaço em que está construída.

3. Repetição de pronomes demonstrativos e do pronome relativo.

Os pronomes demonstrativos assim se apresentam por ordem decrescente de ocorrência: *is* (319), *ipse* (241), *ille* (162), *hic* (127), *idem* (32), *iste* (18).

No seu cuidado extremo em situar, em localizar os fatos no tempo e no espaço, Etéria aponta-os mais que os qualifica. Na repetição do pronome *ipse*, por exemplo, Spitzer vê marcas concretas dos lugares por onde andou e dos monumentos que viu a nossa peregrina. Fica bem um elemento identificador, localizador num texto cujo principal objetivo é informar através de um registro fiel. Daí um certo tom didático desse diário de

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

viagem, se assim entendermos um texto mais expositivo que emocional.

O relativo *qui, quae, quod* ocorre 549 vezes. Nessa frequência há um tipo de construção que vale a pena comentar. Trata-se da repetição do antecedente do pronome relativo.

Lê-se em 2,2:

“*Haec est autem uallis ingens et planissima in qua filii Israhel commorati sunt his diebus...*”. E logo adiante: “*Haec est autem uallis in qua factus est uitulus, qui locus usque in hodie ostenditur*”. Mais sutil é aquela construção em que se retira um antecedente substantivo do mesmo radical do verbo.

25,1: ... de omnibus prebyteris, qui se dent, quanti uolunt, praedicient, et post illos omnes episcopus praedicat, quae praedicationes propterea semper dominicis diebus sunt, ut semper erudiantur populus in scripturis et in Deis dilectione: quae praedicationes dum dicuntur, grandis mora fit...

No primeiro exemplo o emprego do relativo não oferece nada de especial. No segundo, porém, o relativo se refere não a *uallis*, mas a um termo generalizante *locus*, da mesma área semântica, tão presente no espírito da autora, que se repete a seguir.

Mas é freqüentíssima na *Peregrinatio Aetherae* uma terceira construção em que se repete o antecedente do pronome relativo, como no conhecido exemplo do *Bellum Gallicum*: “*E-rant omnino itinera duo, quibus itineribus domo exire possent*”.

Dos 549 exemplos de orações com pronome relativo ocorrentes na *Peregrinatio Aetherae*, 39 repetem o antecedente.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

5,5: “*abitationes... de quibus abitationibus usque in hodie adhuc fundamenta parent*”.

Outros exemplos em: 3,3 – 4,6 – 4,7 – 5,5 – 6,2 – 6,2 – 7,1 – 7,1 – 7,8 – 7,9 – 8,1 – 12,2 – 12,4 – 12,5 – 12,6 – 13,2 – 13,4 – 14,2 – 14,3 – 16,2 – 16,6 – 17,1 – 19,1 – 20,5 – 21,1 – 21,4 – 21,4 – 23,4 – 25,1 – 33,2 – 37,6 – 38,2 – 42 – 43,1 – 46,3 – 49.

Àquele processo sintático da língua se associa, às vezes, um recurso estilístico: as intercalações tornam o relativo muito distante de seu antecedente; daí a necessidade de repeti-lo.

A repetição do antecedente do relativo está mencionada por Hofmann entre as redundâncias que o eminente latinista estuda como um dos tipos de “Exageraciones y redundancias afectivas” dentro do título geral “Los elementos afectivos de la frase intelectual”. Tratando especificamente de Plauto diz Hofmann:

Podemos separar primeramente los casos de redundancia perseverativa, en que se subraya casi anaforicamente con el paralelismo de las frases el concepto que concentra el interés psicológico.

E aqui entram

todos los casos de correspondencia paralela de un mismo sustantivo en la oración principal y en la de relativo, entre los cuales el tipo *senex quo sene*, además de la lengua familiar posterior... lo conservó el lenguaje oficial y jurídico en interés de la claridad (Hoffmann, 1958, p. 138 e 139).

Confronte-se com o famoso exemplo de Alencar: “Além muito além daquela serra... nasceu Iracema, Iracema que...” E, sobretudo, com o uso indevido de *cujo* em frases como esta da

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

língua oral, não, porém, rigorosamente popular, já que o povo não emprega esse relativo: “Aí, tomamos *o carro, cujo carro é* aquele que eu te falei”. Nas pessoas cultas este emprego de *cujo* é intencional para exprimir gracejo, ironia etc.

Jean Cousin também observou a freqüência dessa repetição do antecedente do pronome relativo nas linguagens especiais, sobretudo “dans la langue de la Curie et des tribunaux”, de onde passou à língua literária “par souci de clarté et d’insistance” (Cousin, 1943, p. 51).

4. Repetição de verbos.

Repare-se no emprego dos verbos *ostendere* e *monstrare* no 5º capítulo, quando no vale de Rahah os “santos homens de Deus” começaram a mostrar aos peregrinos outros lugares referidos no Velho Testamento. A freqüência dos verbos *ostendere* e *monstrare* é de 55 e 4 ocorrências, respectivamente.

A partir de 5,3, quando os orientadores da peregrinação começaram a mostrar outros lugares, diz o texto:

5,3: Ac sic ergo cetera loca quemadmodum profecti monstraerunt locum, ubi fuerunt castra filiorum Israhel his diebus, quibus Moyses fuit in montem. Monstrauerunt etiam locum, ubi factus est uitulus ille...

5,5: Ostenderunt etiam petram ingentem... Ostenderunt etiam... ostenderunt etiam locum, ubi...

5,6: Item ostenderunt nobis locum, ubi...

5,7: Item ostenderunt torrentem illum... ostenderunt etiam nobis locum, ubi... Item ostenderunt locum, ubi... Nam ostenderunt nobis etiam et illum locum...

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

5,8: ostenderunt etiam et illum locum nobis, ubi... Ac sic ergo singula... ostensa sunt nobis.

5,9: Nam ostensus est nobis et ille locus, in quo.

Só depois que mostraram quase tudo é que Etéria emprega outro verbo, naturalmente esperado, quase uma consequência do ato de mostrar, a exprimir a atitude ativa dos peregrinos que agora são os que *vêem* e não aqueles a quem *mostravam* ou é *mostrado* algo:

5,10: uidimus etiam in extrema iam ualle ipsa memorias concupiscentiae.

5,11: Ac sic ergo uisa loca sancta omnia... “...uisis etiam et sanctis uiris...”

Note-se a repetição do verbo e da construção. Note-se ainda a frequência muitíssimo mais alta de *ostendere* num texto considerado “vulgar”, em contraste com o tratamento românico, francamente a favor de *monstrare*.

5. Outros tipos de repetição.

5.1 Repetição do tipo reduplicação (*geminatio*)

Um modo de falar muito comum na língua oral é a repetição do vocábulo, espécie de insistência, cujo sentido sempre se depreende com facilidade. Às vezes, porém, um claro valor intensivo ou superlativo. Ouve-se a todo momento um diálogo como este: “Como vai? –*Assim, assim*”. Em latim esse tipo de repetição é frequente nos escritos de tom popular, o que justifica a sua continuação nas línguas românicas (cf. italiano “co-

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

si, cosi”; “piano, piano”; francês “oui, oui”; “doucement, doucement”; espanhol “asi, asi”).

Na *Cena Trimalchionis* ocorre por exemplo, “modo, modo” (37,3; 42,3; 46,8) entre muitos outros exemplos de repetição com variados matizes semânticos (Cf. Perrochat, 1952, p. 143).

Na *Peregrinatio Aetheriae* apontaremos:

a) *lente et lente*

3,1: ... non eos subis lente et lente per girum.

31,4: sic deducunt episcopum respondentes et sic lente et lente, ...porro iam sera peruenitur ad Anastase.

36,2: lente et lente cum ymnis uenitur in Gessemani.

43,6: sic uenitur lente et lente usque ad Martyrium.

43,7: ...lente et lente itur totum pro populo, ne fatigentur pedibus.

b) *locis et locis*

7,2: Faranita... signa sibi locis et locis ponent.

c) *unus et unus*

24,2: ille eos uno et uno benedictet.

37,2: consuetudo est, ut unus et unus omnis populus veniens...

37,3: Ac sic ergo omnis populus transit unus et unus toti acclimantes se.

45,2: et sic adducuntur unus et unus competens.

46,5: et ibi unus et unus vadet, vir cum patre suo aut mulier cum matre sua.

No caso de *unus et unus* ressalta o sentido distributivo. Em 24,2 o sentido explicativo faz pensar num aposto de *eos*, o

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

que não oferecerá dificuldade se se considerar *uno et uno* um acusativo *unu(m) et unu(m)*.

5.2 *rugitus et mugitus*

Nas três ocorrências esses substantivos vêm assim associados. Nota-se logo o recurso rímico, muito do gosto popular.

7.4,3: tantus rugitus et mugitus fit omnium hominum...

85,10: tantus rugitus et mugitus est totius populi.

87,4: tantus rugitus et mugitus totius populi est cum fletu...

5.3 *iubente Deo*

A submissão à vontade de Deus, o reconhecimento de que nós pomos mas Ele dispõe está muito presente no nosso “se Deus quiser”. Etéria ao tentar uma empresa mais arrojada não se esquece de ressaltar *iubente Deo* (3,2 – 3,4 – 10,1 – 10,7 – 17,1 – 17,3 – 19,13); *Deo iubente* (17,3 – 20,6); *iubente Christo Deo nostro* (3,2).

5.4 *aptus diei et loco*

O espírito de peregrinação religiosa e não de simples viagem está presente em toda a obra. Em cada lugar mais especialmente relacionado a fatos da *Bíblia*, ou na liturgia da Semana Santa em Jerusalém fazem-se orações, lêem-se os Evan-

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

gelhos e entoam-se cânticos, tudo, porém, como convenha ao lugar e ao dia:

29,2: “dicuntur autem totis uigiliis *apti psalmi* semper uel *antiphonae tam loco quam diei*”. Essa adequação das orações e dos cânticos Etéria exprime sempre pelo adjetivo *aptus*, -a, -um; uma vez apenas emprega *conueniens*, -entis em 47,5:

4,4: unus psalmus aptus loco; 25,10: omnia... apta ipsi diei; 29,2: apti psalmi... uel antiphonae tam loco quam diei; 29,5: ymni... et antiphonae apti ipsi diei et loco; 29,5: lectiones apte diei; 31,1: ymni et antiphonae apte diei ipsi uel loco; 31,1: ymni uel antiphonae aptae loco aut diei; 32,1: lectiones... aptae diei et loco; 35,3: Ymni aut antiphonae apte diei et loco; 35,4: antiphonae aptae diei; 35,4: orationes... semper et diei et loco aptas; 36,1: oratio apta loco et diei; 37,6: orationes... apte diei; 39,5: ymni apti diei et loco; 40,1: antiphonae aptae diei et loco; 40,1: orationes... aptae diei et loco; 40,2: ymni apti loco et diei; 43,5: antiphonae aptae diei ipsi et loco; 43,6: ymnos... uel antiphonas aptas diei ipsi; 47,5: ... ut pronuntiationes et diei, qui celebratur, et loco, in quo agitur, aptae et conuenientes sint semper. Apte (sem *diei* ou *loco*); 25,5: psalmi uel antiphonae... semper ita apti et ita rationabiles, ut *ad ipsam rem pertineant*, quae agitur.

5.5 *Ac (hac) sic ergo*

Fórmula de continuação muito frequente na *Peregrinatio* (31 ocorrências). Ênio Fonda já a estudou em *Síntese Orgânica*, p. 106-108. É preciso, porém, corrigir alguns erros tipográficos e acrescentar um exemplo. Uma possível razão de ordem rítmica que vê nesse sintagma um recurso expressivo, como quer Ênio Fonda, nos parece muito discutível.

Ocorrências: 3,2 – 3,7 – 4,7 – 4,8 - 5,3 – 5,8 – 5,11 – 6,1 – 6,3 – 7,9 – 9,1 – 9,5 – 10,8 – 12,11 – 16,1 – 16,2 – 16,4 –

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

(duas vezes) – 16,7 – 19,4 – 20,1 – 21,3 – 21,5 – 23,6 – 23,8 – 25,11 – 27,1 – 29,3 – 36,1 – 37,3 – 43,9. Notem-se as cinco repetições do capítulo 16.

5.6 *Itaque ergo*

Também já relacionado por Ênio Fonda (*Síntese Orgânica*, 10,4), ocorre 16 vezes: 2,3 – 5,1 – 10,2 – 11,4 – 12,3 – 13,2 – 16,4 – 18,1 – 18,2 – 18,3 – 19,2 – 19,5 – 19,6 – 20,6 – 35,1 – 47,3. Observe-se o acúmulo de repetições nos capítulos 18 e 19.

5.7 *At ubi autem*

Sete ocorrências (e não seis, como registrou Ênio Fonda) todas na segunda parte da obra: 25,2 – 25,8 – 29,3 – 33,2 – 37,3 – 37,4 – 37,8.

5.8 *In eo ergo loco*

Ocorre seis vezes: 1,2 – 3,3 – 4,4 – 4,8 – 6,3 – 10,9. Os quatro outros exemplos citados por Ênio Fonda, a nosso ver devem ser tratados à parte. Ei-los:

7,2: *In eo ergo itinere sancti, qui nobiscum erant, ... ostendebant nobis singula loca.*

13,3: *In eo ergo uico, ... est monticulus non satis grandis.*

19,2: *In ea ergo die et in ea hora...*

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

36,1: In eo enim loco ecclesia est elegans.

5.9 *michi (mihi) indignae et non merenti*

A consciência da infinita misericórdia de Deus, que sempre nos concede muito mais do que merecemos, leva a peregrina a repetir três vezes o chavão *michi indignae et non merenti* em: 5,12 – 23,5 – 23,8.

5,10 *Nominativo denominativo*

Uma construção que se repete 8 vezes na *Peregrinatio* é a de um nominativo em lugar de um acusativo predicativo, sempre dentro do esquema seguinte: pronome relativo em acusativo + verbo “dicendi” + nominativo livre da construção gramatical que, a rigor, exigiria um acusativo predicativo do objeto. São os seguintes exemplos:

1,2: per ualle illa, quam dixi ingens.

7,7: Heroum... nunc est come(s), sed grandis, quod nos diximus uicus.

8,4: dendros alethiae, quod nos dicimus arbor ueritatis.

15,3: cepos tu agiu Iohanni, id est quod uos dicitis latine hortus sancti Iohannis.

27,1: remanent dies quadraginta et unus qui ieunantur, quod hic appellant eortae, id est quadragesimas.

30,1: septimana paschale, quam hic appellant septimana maior.

46,5: superat illa una septimana paschalis, quam hic appellant septimana maior.

16,1: Vidimus ciuitatem sancti prophetae Heliae, id est Thesbe, unde ille habuit nomen Helias Thesbites.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Só neste último exemplo, deixado de propósito para o fim, ocorre um desvio dos outros aqui examinados. Note-se, porém, que “habere nomen”, (cf. “haver nome”) pertence à mesma área semântica de *dicere* e *appellare*.

Observe-se que o nominativo predicativo é quase sempre um substantivo, o que levou Ernout a considerar uma “extensão abusiva” o emprego de *ingens* em 1,2.

Bechara, estudando esse emprego, observou-lhe o uso na língua familiar e “seu curso vitorioso no latim tardio” (Bechara, 1963, p. 8-9). Trata-se de construção antiga no latim, como observou Ernout:

Dans cet emploi, le nominatif était la construction ancienne; mais il fut habituellement remplacé para l'accusatif ou le datif d'attraction qui paraissaient plus réguliers (Ernout-Thomas, 1953, p. 13).

6. Há ocasiões em que as repetições como que independem da autora. São uma decorrência da própria narrativa. Na segunda parte da *Peregrinatio* (24-29), por exemplo, algumas repetições reproduzem a seqüência dos atos religiosos, do mesmo modo (“similiter”), programados de acordo com o dia, hora e local, seqüência monótona acompanhando os movimentos das celebrações.

A liturgia da Semana Santa em Jerusalém é narrada com pormenores, dia a dia (*singulis diebus*): 59,11 – 59,12 – 71,10 – 71,12 – 71,19 – 75,12 – 81,19; *singulis diebus cotidie* (!): 24,1; *per singulis dies*: 101,3); ofício por ofício. Aqui nada

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

pode ser mudado e uma narração fiel deixa impregnar-se da exaustiva monotonia das celebrações.

Os ofícios se iniciam ao amanhecer (“iam autem ubi coeperit lucescere”, 24,2) com “o primeiro canto do galo” (“a pullo primo”, 34; “a pullorum cantu”) ou mesmo antes (“ante pullorum cantum”, 24,1), e se prolongam sem pressa ao longo do dia. E tudo rigorosamente segundo a tradição (“iuxta consuetudinem”, 24,5; “sicut solet esse consuetudo”, 24,5; “consuetudo anim talis est, ut”..., 24,8).

Acrescente-se que Etéria registra todas as celebrações certa da alegria de suas irmãs ao ler essa fiel narrativa:

Ut autem sciret affectio uestra, quae operatio singulis diebus cotidie in locis sanctis habeatur, certas uos facere debui, sciens, quia libenter haberetis haec cognoscere. Nam singulis diebus ante pullorum cantum aperiuntur omnia hostia Anastasis...” (24,1).

Especialmente nesta segunda parte Etéria descreve mais do que narra, porque não interfere nos acontecimentos; apenas registra-os. Não é, portanto, de estranhar o grande número de repetições que designam os atos religiosos (*operatio*) que se realizam diariamente (*singulis diebus*), em hora certa, em locais precisos (*intra intra cancellos intra Anastasim, id est speluncam, ubi...*, 24,3).

Vamos registrar algumas dessas repetições.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

6.1 *Os dias da semana*

Por tudo que temos dito, é natural que na 2ª parte da obra os dias da semana venham muito repetidos. Registramos abaixo todas as ocorrências do capítulo 24 ao 49 e o fazemos “*ipsis uerbis*” pelo interesse que a nomenclatura dos dias da semana tem despertado nos romanistas.

24,8: *dominica die*

25,1: *dominica dies, die dominica, dominicis diebus*; 6: *dominica die, die dominica*;

27,1: *dominicis diebus, sabbato, die sabbati, sabbato; diebus dominicis, sabbatis, sabbati*; 2: *die dominica, dominicis diebus, dominicis diebus*; 3: *dominica die, dominicis diebus, dominicis diebus, dominica die*; 4: *secunda feria*; 5: *tertia feria, secunda feria, quarta feria, quarta feria, sexta feria, quarta et sexta feria, quarta feria aut sexta feria*; 6: *quarta feria*; 7: *quinta feria, secunda feria et tertia feria, sexta feria, quarta feria, sexta feria, sabbato*; 8: *sabbato*; 9: *sabbato, dominica die, dominica die, sabbato, sabbato*;

28,1: *dominica die, sabbato*; 2: *sabbato, dominica, “sabbato*; 3: *quinta feria*;

29,1: *sexta feria, sabbato*; 2: *sexta feria*; 3: *sabbato, sabbato*; 6: *sabbato, quinta feria*;

30,1: *dominica, die dominica*;

32,1: *secunda feria*;

33,1: *tertia feria, secunda feria, tertia feria*;

34,1: *quarta feria, secunda feria, tertia feria*;

35,1: *quinta feria*;

37,3: *quinta feria*;

38,1: *sabbato, sabbato*;

39,2: *die dominica, secunda feria, tertia feria, quarta feria, quinta feria, sexta feria, sabbato, dominica die*; 4: *dominica die*;

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

40,1: die dominica; 2: die dominica;

41: dominicis diebus, quarta feria, sexta feria;

42: quinta feria, sexta, quarta feria, quinta feria;

43,1: dominica, dominica die; 2: dominica die;

44,1: die sabbati et dominica; 2: dominica dies, dominica die; dominica dies; 3: dominica die, quarta... et sexta feria.

Quando a intenção é apenas ordenar os dias da quaresma, sem especificação do dia especial, Etéria emprega, como em 25, 10 e 11: “prima die”, “alia die”, “tertia die”, “quarta die”, “quinta die”, “sexta die”, septima die”, “octava die” etc.

6.2 *As horas e a duração dos ofícios*

As horas e a duração dos ofícios são registrados com igual cuidado. Às vezes começam “ante pullorum cantum” (24,1 e 8), quase sempre, porém, têm início “de pullo primo” (27,2; 35,1; 41,1 etc.), “a pullo primo (34), “de pullorum cantu” (30,1), “mox primus pullus cantauerit” (24,9), “cum ceperit esse pullorum cantus” (36,1). Como recurso estilístico Etéria emprega “iam autem ubi coeperit lucescere” (24,2), “cum luce” (25,1) e “albescente” (44,3). Às vezes usa expressões mais vagas: “ea hora, qua incipit quasi homo hominem cognoscere” (36,3); “ea hora, qua incipit homo hominem posse cognoscere” (25,6).

Prosseguem os ofícios, prolongando-se até à noite: “ex ea hora usque in luce” (24,1), “luce” (24,2), “hora sexta” (24,3), “hora nona... ad sexta” (24,3), “hora decima” (24,4),

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

“ex illa hora... usque ad lucem” (24,12), “ante quartam horam aut forte quintam” (25,1), “ad quintam aut sextam horam” (25,4), “usque ad licernare” (25,4), “sexta aut nona ad lucernare” (25,5), “hora tertia” (25,6), “finiuntur ergo haec omnia cum tenebris” (24,7).

Freqüentemente se omite o substantivo *hora*: “ad tertia”, “ad sextam”, “ad tertiam”, ad sextam et nonam” (27,4).

6.3 *Término dos ofícios.*

Durante os ofícios lê-se um trecho dos Evangelhos, entoam-se hinos, salmos e antífonas (às vezes com orações intercaladas), o celebrante abençoa primeiro os catecúmenos, depois os fiéis, faz-se uma oração e, por fim, despede-se o povo.

Repetem-se com muita freqüência as expressões designativas desses atos religiosos.

Aqui vamos limitar-nos ao registro de orações coordenadas que designam o final das cerimônias:

32,2: dicitur unus ymnus, fit oratio, benedicuntur cathecumini, item fideles, et fit missa;

39,5: Hoc lecto fit denuo oratio, benedicuntur cathecumini, item fidelis...

33,2: fit oratio, benedicuntur cathecumini, item et fideles, fit missa...

25,7: fit oratio, benedicuntur ab episcopo primum cathecumini, item fideles;

35,2: fit oratio, benedicuntur... cathecumini est sic fideles et fit missa;

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

43,6: *benedicuntur cathecumini, sic fideles;*

43,6: *fit oratio, benedicuntur cathecumini et sic fideles;*

43,7: *fit oratio, benedicuntur cathecumini et sic fideles;*

43,8: *fit oratio, benedicuntur cathecumini, sic fideles;*

II – Expressões da mentalidade “id est”

Falamos sobre o recurso estilístico, muito da língua oral e do latim dos cristãos, das explicações. Comentaremos alguns meios de expressão.

1. *Id est / hoc est*

Christine Mohrmann observa:

on sait que *hoc est* appartient à la langue cultivée et littéraire, *id est* à la langue courante et plutôt populaire. Dans un texte vulgaire comme la *Peregrinatio Aetherae id est* se trouve 130 fois, *hoc est* 4 fois (Mohrmann, 1965, III, p. 392).

Van Oorde registrou 140 (e não 130) empregos da fórmula *id est* com os seguintes matizes semânticos:

“I – *vertit a graeco in latinum* (3); II *vertit a latino in graecum* (2); III – *explicat ea, quae praecedunt* (126) – IV – *restringit ea, quae antecedunt*” (Oorde, 1963).

O que dissemos sobre a oposição culto/inculto (vulgar), que se verifica na literatura profana como na cristã, justifica na *Peregrinatio* a enorme freqüência de *id est*, mais da língua coloquial e popular, e *hoc est*, mais da língua literária. Além dis-

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

so, é o elemento definidor da mentalidade *id est*, marcante da obra, e tão agudamente observada por Spitzer (1959, p. 888).

Seria maçante transcrever todas as ocorrências. Em 25,6, porém, a repetição de *id est* chega a ser abusiva:

Et cum toto anno semper dominica die in ecclesia maiore procedatur, id est quae in Golgotha est, id est post Crucem, quam fecit Constantinus, una tantum die dominica. Id est quinquagesimarum per pentecosten, In Syon proceditur...

Uma análise estilística mais fina descobriria outros matices semânticos desse *id est*, nem sempre apenas explicativo, como, aliás, Van Oorde já observara.

2. “*Quam (quem) superius dixi*”

“*ut superius dixi*”; “*sicut superius dixi*”.

A “mentalidade *id est*” de Etéria se manifesta noutras construções, freqüentíssimas na *Peregrinatio*. Trata-se de um esclarecimento, uma explicação parentética de uma afirmação anterior em forma de oração subordinada com um verbo *dicens* (*dicere, nominare, appellare (-i), vocare*), introduzida por um pronome relativo ou uma conjunção subordinativa comparativa. Em muitos exemplos o verbo vem acompanhado de uma referência locativa por meio do comparativo *superius*.

Exemplos:

2.1: com pronome relativo: “*quam superius dixi*”: 4,5 – 4,7 – 5,1 – 5,10 – 7,4 – 25,11 (“*quos superius noMinau*”) – 46,4;

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

2.2: com *ut*: “*ut superius diximus*”: 9,6 – 14,2 – 27,1 – 27,6 – 43,3;

2.3: com *ut et*: “*ut et superius dixi*”: 9,2;

2.4: com *sicut*: “*sicut superius dixi*”: 4,5 - 28,2 – 28,3;

2.5: com *sicut et*: “*sicut et superius dixi*”: 6,1.

3. *Iuxta consuetudinem / iuxta scripturas*

Muito próxima da “*mentalidade id est*” que atesta o amor à verdade, creio que é lícito apontar na *Peregrinatio Aetheriae* uma “*mentalidade iuxta consuetudinem*”, que atesta a fidelidade à tradição.

São riquíssimas as variantes estilísticas que exprimem a conformidade com a tradição ou com as Escrituras, o que vem a ser o mesmo.

As variantes estilísticas que manifestam essa atitude do espírito eteriano são expressas por perífrases com o substantivo *consuetudo* e o verbo *consuescere*, e pelo verbo *scribi* no sentido cristão de “estar escrito nas Escrituras”.

3.1 *iuxta consuetudinem* : 19, 2 – 27, 6 – 44, 3 – 43, 2 etc.

3.2: *secundum consuetudinem*: 25,1.

3.3: *consuetudo est, consuetudo est ut, consuetudo est* + infinitivo: 1,2 – 19,2 – 19, 4 – 21, 3 – 24, 8 – 25, 1 – 27, 3 – 27, -27, -27

3.4: *consuetudinis esse*: “*singula, quae consuetudinis nobis erant facere*” (15,4)

3.5: *ea quae consuetudinaria sunt*: 43, 1 – 44, 2-44, 3.

3.6: *sicut solet esse consuetudo*: 24,5.

3.7: *consuescit fieri*: 43,2.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

3.8: *iuxta scriptura*: 1,1.

3.9: *sicut scriptum est*: vários exemplos.

3.10: *quae scripta sunt*.

Às vezes a autora ainda entende necessário esclarecer a natureza desse costume:

25,11: *iuxta consuetinem cotidianam*;

27,6: *iuxta consuetinem totius anni*;

Outras vezes Etéria acumula expressões de repetição, dando ao texto ares de preciosismo, como em 44,2:

Denuo ad horam sextam aguntur, quae consuetudinaria sunt, in Anastase, similiter et ad nona, similiter et ad lucernare, iuxta consuetudinem, qua consuevit toto anno fieri. Quarta autem et sexta feria semper nona in Syon fit iuxta consuetudinem.

Não ocorrem as expressões clássicas *more*, *de more*, *more suo*. Aliás, na *Peregrinatio Aetheriae* há somente um exemplo de *mos*, *moris* para 60 de *consuetudo*, *-inis*.

CONCLUSÃO

A *Peregrinatio Aetheriae*, além do interesse histórico e litúrgico, é um precioso documento lingüístico. Sob este aspecto, os autores parecem contradizer-se. Uns sempre se referem ao caráter vulgar do texto, mas reconhecem nele elementos de certo requinte literário. Outros entendem que a formação literária da autora é bastante densa para se considerar vulgar a língua da obra; no entanto, incluem-na entre as fontes do latim vulgar. Parece-nos, então, que o problema está precisamente na conceituação ambígua e fugidia de latim vulgar.

Na *Peregrinatio* há elementos que revelam o esforço da autora para, no V século, escrever em conformidade com a língua literária tradicional; e há inúmeros elementos típicos da língua falada de seu tempo, entre os quais os cristianismos, que a autora empregava no intercâmbio social ou lia nos textos bíblicos igualmente impregnados de oralidade.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

Certos estudiosos criticam a pobreza do latim eteriano: vocabulário quase exclusivamente designativo de coisas concretas, adjetivação sem nenhuma criatividade, cansativas repetições e explicações etc. Contudo, a autora procura trabalhar o seu material lingüístico: a rica sinonímia para “subir” e “descer”, as expressões para “ser costume”, o emprego refletido de verbos formados de prefixos, a maneira “concreta e visual” de se exprimir...

BIBLIOGRAFIA

1. ATZORI, Maria Teresa. *La preposizione “de” nel Latino Volgare*. Florença: Marzocco, 1939.
2. BARROS, Luis Martins M. de. *Aspectos e tempo na flexão do verbo português*. Dissertação de mestrado em Letras na Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1974.
3. BECHARA, Evanildo. *O Futuro Românico. Considerações em torno de sua origem*. Tese apresentada à Congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Estado da Guanabara, para o concurso de Livre-Docência de Filologia Românica. Rio de Janeiro, 1962.
4. ———. *A Carta de Valério sobre Etéria*. Separata da Revista *Romanitas*, V. 6-7. Rio de Janeiro, 1965.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

5. ———. *Estudos sobre a Sintaxe Nominal na “Peregrinatio Aetheriae”*. Trabalho apresentado para o concurso de provimento da cátedra de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Estado da Guanabara. Rio de Janeiro, 1963.
6. BELLANGER, Ludovicus. *In Antonini Placentini: itinerarium grammatica disquisitio*. Thesin Facultati Litterarum in Parisiense Universitate. Parisiis: A. Fontemoing, 1902.
7. BILLET, Dom Bernard & GRANDMAISON, Dom Maur Le Cour. *Le Pèlerinage au Fumier de Job et la Date de la “Peregrinatio Aetheriae”*. In: *Recherches de Science Religieuse*, t. XLVIII, n° 3. Paris, 1960. p. 460-5.
8. BLAISE, Albert. *Dictionnaire Latin-Français des Auteurs Chrétiens*. “Le Latin Chrétien. Strasbourg, Paris, 1954.
9. ———. *Manuel du Latin Chrétien*. “Le Latin Chrétien”. Strasbourg, Paris, 1955.
10. BOLÉO, Manuel de Paiva. *Os nomes dos dias da semana em português (influência moura ou cristã?)*. Coimbra: Coimbra Editora Limitada, 1941.
11. BONFANTE, G. *Los Elementos populares em la Lengua de Horacio*. In: *Emerita – Boletín de Lingüística y Filología Clásica*, t. IV, semestre 1º. Madrid, 1936.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

12. ———. ———. **In:** *Emerita* – Boletín de Lingüística y Filología Clásica, t. IV, semestre 1º y 2º. Madrid – Valencia, 1936.
13. ———. ———. **In:** *Emerita* – Boletín de Lingüística y Filología Clásica, t. V, semestre 1º. Madrid, 1937.
14. CAMARA JR, Joaquim Mattoso. Sobre o Futuro Romance. **In:** *Revista Brasileira de Filologia*, t. II. v. III. Rio de Janeiro: Acadêmica, dez. 1957.
15. ———. Resenha da Gramática do Latim Vulgar de Theodoro H. Maurer Jr. **In:** *A Cigarra Magazine*. Rio de Janeiro: Gráfica “O Cruzeiro”, out. 1960.
16. CARVALHO, José G. Herculano de. *Lingüística Românica*. 2ª ed. Coimbra, 1960-61.
17. ———. *Teoria da Linguagem* – Natureza do Fenômeno Lingüístico e a Análise das Línguas, t. I. Coimbra: Atlântida, 1967.
18. CLIMENT, M. Bassols de. *Sintaxis Histórica de la Lengua Latina*, t. I. Barcelona: Instituto Antonio de Nebrija, 1945.
19. ———. t. II. Barcelona: Instituto Antonio de Nebrija, 1948.
20. COLLART, J. Ne dites pas... mais dites... (Quelques remarques sur la grammaire des fautes chez les Latins). **In:** *Revue des Études Latines*, t. L. Paris, 1972.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

21. COLUNGA, Alberto O. P. & TURRADO, Laurentius. *BIBLIA SACRA iuxta Vulgatam Clementinam*. Matriti, 1946.
22. *CORPUS CHRISTIANORVM*, series latina. Turnholti, Typographi Brepols Editores Pontificii, 1965. Índices. v. CLXXV. Itinerarium Egeriae, cura et studio Aet. Franceschini et R. Weber.
23. *CORPUS CHRISTIANORVM*, series latina. Turnholti, Typographi Brepols Editores Pontificii, 1965. Índices. v. CLXXVI. Itineraria et alia geographica. Indices. Index verborum et locutionum. Itinerarium Egerie.
24. *CORPUS CHRISTIANORVM ECCLESIAICORUM LATINORUM*. Pragae (S. Tempisky), Vindobonae-Lipsiae (G. Freytag), Editum Consilio et impensis Academia Litterarum Caesareae Vindobonensis, 1898. v. XXXVIII. Itinera Hierosolymitana Saeculi III-VIII. S. Silviae, quae fertur, peregrinatio ad loca sancta. Ex. recensione Pauli Geyer.
25. COSERIU, Eugenio. Sobre el Futuro Romance. In: *Revista Brasileira de Filologia*, t. I, v. III. Rio de Janeiro: Acadêmica, jun. 1957.
26. ———. *El llamado Latín Vulgar y las primeras diferenciaciones. Romances* – Breve introducción a la Lingüística Románica. Montevideo: Facultate de Humanidades y Ciencias, 1956.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

27. COUSIN, J. Les langues spéciales. **In:** *Mémorial des Études Latines offert à J. Marouzeau*. Paris: Les Belles Letres, 1943.
28. COUTINHO, Ismael de Lima. Albert Blaise – Manuel du Latin Chrétien (recensão). **In:** *Revista Brasileira de Filologia*. Rio de Janeiro, 2 (1), jun. 1956.
29. ———. *Gramática histórica*. 6^a ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1968.
30. DAVIES, J. G. The Peregrinatio Egeriae and the Ancension. **In:** *Vigiliae Christianae*, v. VIII. Amsterdam: North-Holland Publishing Company, 1954.
31. DEVOTO, Giacomo. *Storia della Lingua di Roma*. Seconda ristampa. Bologna: Licinio Capelli, 1944.
32. DIAZ, M.C. Diaz y. *Antologia del Latin Vulgar*. Madrid: Gredos, 1950 (Biblioteca Románica Hispánica).
33. *DICTIONNAIRE d'ARCHÉOLOGIE CHRÉTIENNE et de LITURGIE*, publié par F. Cabrol, L. Leclercg, H. I. Marrou. Paris, 1907 e segr. (verb. Éthérie. Jerusalém. La Liturgie à Jerusalém. Pélérinage aux liex saints).
34. *DICTIONNAIRE d'HISTOIRE et de GÉOGRAPHIE ECCLÉSIASTIQUES* sous la direction de R. Aubert et É. Van Cauwenbergh. t. XV. Paris, Letouzey et Ané, 1963. (verb. Égérie).

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

35. DURÃO, Paulo S. J. *Algumas observações sobre a linguagem da Peregrinação de Etéria*. Separata da Revista *Bracara Augusta*, v. XXI, fasc. 47-8, 59-62. Braga, 1968.
36. ELIA, Sílvio. A Contribuição filológica de Serafim da Silva Neto. **In:** *Estudos filológicos* (Homenagem a Serafim da Silva Neto). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
37. ———. *Ensaio de Filologia*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1963.
38. ———. *Orientações da Lingüística Moderna*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1955.
39. ———. *Preparação à Lingüística Românica*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1974.
40. *ENCICLOPEDIA LINGÜÍSTICA HISPÁNICA*. El Latín de la Península Ibérica, t. I. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1960.
41. ERNOUT, Alfred. *Aspects du Vocabulaire Latin*. Paris: C. Klincksieck, 1954.
42. ———. De L'Emploi du Passif dans la Mulomedicina Chironis. **In:** *Philologie et Linguistique – Mélanges offerts à Louis Havet*. Paris: C. Klincksieck, 1909.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

43. ———. Les mots grecs dans la *Peregrinatio Aetheriae*.
In: *Emerita* – Boletín de Lingüística y Filología Clásica, t. XX, semestre 2º, Madrid, 1952, p. 289-307.
44. ———. *Philologica*. Paris: C. Klincksieck, 1946.
45. ———. *Philologica II*. Paris: C. Klincksieck, 1957.
46. ———. *Morphologie Historique du Latin*. 3º ed. Paris: C. Klincksieck, 1953.
47. ———; MEILLET, A. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine* – Histoire des Mots. 4º ed. Paris: C. Klincksieck, 1959.
48. ———; THOMAS, François. *Syntaxe Latine*. 2º ed. Paris: C. Klincksieck, 1953.
49. FARIA, Ernesto. *Fonética Histórica do Latim*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.
50. FLAD, M. *Le Latin de L'Église*. Paris: Desclée de Brouwer, 1938.
51. FONDA, E. Aloísio. *A Síntese Orgânica do “Itinerarium Aetheriae”*. Assis: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1966.
52. FREIRE, J. Geraldes. G.F.M. Vermeer, Observations sur le vocabulaire du pèlerinage chez Antonin de Plaisance (recensão). Nijmegen-Utrecht, Dekker & van de veegt, 1965. **In:** *Revista Portuguesa de Filologia*, t. I e II, v. XIV. Coimbra, 1966-68.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

53. ———. A.A.R. Bastiaense, observations sur le vocabulaire liturgique dans l'Itinéraire d'Égérie (recensão). Nijmegen-Utrecht, Dekker & van de veegt, 1962. **In:** *Revista Portuguesa de Filologia*, t. I e II, v. XIII. Coimbra, 1964-65.
54. GABARROU, François. *Le Latin d'Arnobe*. Paris: Ancienne Honoré Champion, 1921.
55. GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire Illustré Latin-Français*. Paris: Hachette, 1934.
56. GARCÍA, Zacharie, S.I. Egeria ou Aetheria? **In:** *Analec-ta Bollandiana*, t. XXX. Bruxelles-Paris, 1911.
57. ———. La lettre de Valérius aux moines du Vierzo sur la bienheureuse Aetheria. **In:** *Analec-ta Bollandiana*, t. XXIX. Bruxelles-Paris, 1910.
58. GARGIULO, M. Matarazzo. Itália, pequena România no orbe românico. **In:** *Estudos filológicos* (Homenagem a Serafim da Silva Neto). Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1967.
59. GIORDANI, Mário Curtis. *História de Roma*. Petrópolis: Vozes, 1965.
60. GRANDGENT, C. H. *Introducción al Latin Vulgar*. Madrid: Revista de Filologia Española, 1928.
61. HAADSMA, R.A; NUCHELMANS, J. *Précis de Latin Vulgaire*. Groningen: J.B. Wolters, 1963.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

62. HERAEUS, Wilhelm. *Silviae vel potius Aetheriae Peregrinatio ad loca sancta*. Vierte Auflage. Heidelberg: Carls Winter's Universitäts buchhandlung, 1939.
63. HOFMANN, J. Baptist. *El Latin Familiar*. Trad. de J. Corominas. Madrid: Instituto Antonio de Nebrija, 1958.
64. HUMBERT, Jules. *Histoire illustrée de la Littérature Latine*. Paris-Toulouse: Henri Didier-Édouard Privet, 1932.
65. KLEIN, Hans-Wilhelm. Zur Latinität des Itinerarium Egeriae (früher Peregrinatio Aetheriae). Stand der Forschung und neue Erkenntnismöglichkeiten. In: *Románica Festschrift für Gerhard Rohlfs*. Halle: Max Niemeyer Verlag, 1958. p. 243-58.
66. KLOSTERMANN, Erich. *Eusebius Werk – Das Onomastikon*. Leipzig: J.C. Hinrichs'sche buchhandlung, 1904.
67. LABRIOLLE, P. de. *Histoire de la Littérature Latine Chrétienne*. 3^e ed. t II. Paris: Les Belles Lettres, 1947.
68. LAURAND, L. *Manuel des Études Grecques et Latines*, t. IV. Paris: J. Picard & Cie., 1949.
69. LINDSAY, W.M. *Isidori Hispalensis Episcopi Etymologiarum sive Originum*, t. I, libri XX. Oxonii e Typographeo Clarendoniano, 1911.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

70. LLORENTE, V.J. Herrero. *Peregrinación de Egeria* (Diário de un viaje a Tierra Santa en el siglo IV). Introducción, traducción y notas de V.J.H. Llorente. Madrid: Aguilar, 1963.
71. LÖFSTED, Einar. *Philologischer Kommentar zur Peregrinatio Aetheriae*. Uppsala: Universitäs Arsskrift, 1936.
72. MAROUZEAU, J. *Quelques Aspects de la formation du Latin Littéraire*. Paris: C. Klincksieck, 1949.
73. ———. Sur la forme du parfait passif latin. In: *Mélanges offerts a Louis Havet*. Paris: Hachette, 1909.
74. ———. *Traité de Stylistique Latine*. Paris: Les Belles Lettres, 1946.
75. MARROU, Henri-Irénée. *Saint Augustin et la fin de la Culture Antique*. Paris: E. de Boccard, 1949.
76. ———. “*Retractatio*”. Paris: E. de Boccard, 1949.
77. MAURER JR., Theodoro Henrique. *A Unidade da România Ocidental*. São Paulo, 1951.
78. ———. *Gramática do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.
79. ———. *O Problema do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.
80. MEILLET, A. *Esquisse d'une Histoire de la Langue Latine*. 5^o ed. Paris: Hachette, 1948.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PEREGRINATIO AETHERIAE

81. ———. *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Ancienne Honoré Champion, 1948.
82. ———. *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Nouveau tirage. t. II. Paris: C. Klincksieck, 1938.
83. MERK, Augustinus, S.J. *Novum Testamentum graece et latine*. 5^a ed. Roma: Pontificium Institutum Biblicum, 1944.
84. MIHAESCU, H. *O Barbarismo, segundo os gramáticos latinos*. Traduzido do romeno por Manoel de Paiva Bo-léo e Victor Buescu. Coimbra: Casa do Castelo, 1950.
85. MOHRMANN, Christine. *Études sur le Latin des Chré-tiens*. Roma: Edizione di Storia e Letteratura, 1958.
86. ———. ———. t. II. *Latin Chrétien et Médiéval*. Ro-ma: Edizione di Storia e Letteratura, 1961.
87. ———. ———. t. III. *Latin Chrétien et Liturgique*. Roma: Edizione di Storia e Letteratura, 1965.
88. ———. ———. *Ethérie Journal de Voyage*. Texte latin, introduction et traduction de Hélène Pétrè (recensão). **In:** *Vigiliae Christianae*, v. IV. Amsterdam: North-Holland Publishing Company, 1950, p. 119-123.
89. ———. ———. *Latin Vulgaire, Latin des Chrétiens, Latin Médiéval*. Paris: C. Klincksieck, 1955.
90. MORIN, D.G. Un Passage énigmatique de S. Jérôme contre la pélélerine espagnole Eucheria? **In:** *Revue Bé-*

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

- nédicte*, XXX année, n° 2. Paris-Fribourg. 1913, p. 179.
91. NOVAK, Maria da Glória. *Peregrinação de Etéria. Liturgia e catequese em Jerusalém no século IV*. Tradução do original latino, introdução e notas de M.G Novak. Petrópolis: Vozes, 1971.
92. OORDE, Willem Van. *Lexicon Aetherianum*. Hildesheim: Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1963.
93. PALMER, L.R. *The Latin Language*. London: Faber and Faber Limited, 1954.
94. PERROCHAT, Paul. *Pétrone – Le Festin de Trimalchion*. Commentaire exégétique et critique. 2^e ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1952.
95. PÉTRÈ, Hélène. *Éthérie, journal de voyage*. Texte latin, introduction et traduction de H. Pétrè. Paris: Du Cerf, 1948.
96. ROHLFS, Gerhard. *Diferenciación Lexica de las Lenguas Romances*. Traducción y notas Manuel Alvar. Madrid: Revista de Filología Española, 1960.
97. ———. Les noms de jours de la semaine dans les langues romanes. In: *An den Quellen der Romanischen Sprachen*. Halle: Max Niemeyer Verlag, 1952.
98. SALUM, Isaac Nicolau. *A Problemática da Nomenclatura Semanal Românica*. Tese apresentada à Faculdade

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, para concurso de provimento da cadeira de Filologia Românica.

99. SAVI-LOPEZ, Paolo. *Orígenes Neolatinos*. Traducción de la edición italiana del prof. P. E Guarnerio por Pilar Sánchez Sarto. Barcelona: Labor, 1935.
100. SCHRIJNEN, J. Le Latin Chrétien devenu langue commune. **In:** *Revue des Études Latines*. Paris, 12 (1), 1934.
101. SEDGWICK, W.B. *The Cena Trimalchionis of Petronius*. 2ª ed. Oxford: Clarendon Press, 1964.
102. SILVA NETO, Serafim da. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1923.
103. ———. *História do Latim Vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.
104. ———. *Fontes do Latim Vulgar. O Appendix Probi*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1956.
105. SOUTER, Alexander. *A Glossary of Later Latin to 600 A.D.* Oxford: Clarendon Press, 1949.
106. SPITZER, Leo. The Epic Style of the Pilgrim Aetheria. **In:** *Romanische Literaturstudien*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1959, p. 871-912.
107. TAGLIAVINI, Carlo. *Le origini delle Lingue Neolatine*. Introduzione alla Filologia Romanza. 5ª ed. Bologna: Casa Editrice Prof. Riccardo Patron, 1969.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A *PEREGRINATIO AETHERIAE*

108. THOMAS, François. Sur une manière d'exprimer la répétition et l'antériorité en Latin tardif. **In:** *Revue de Philologie*, XVI anné, t. XVI. Paris: C. Klincksieck, 1942, p. 22-30.
109. UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. *A Norma Lingüística*. Tese apresentada ao Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, para concorrer ao título de Livre-Docente. Niterói, 1974.
110. VÄÄNÄNEN, Veikko. *Introduction au Latin Vulgaire*. Paris: C. Klincksieck, 1963.
111. VASCONCELOS, C. Michaëlis de. *Lições de Filologia Portuguesa*. Lisboa: Revista de Portugal, 1946.
112. VELOZO, F. José. *Etéria (séc.IV) e o Latim Lusitânico*. Separata da *Revista de Portugal*, série A. v. XXI, Lisboa, 1966.
113. VERMEER, G.F.M. *Observations sur le vocabulaire du pelerinage chez Egérie et chez Antonin de Plaisance*. Nijmegen – Utrecht: Dekker & Van de Vegt N.V. 1965.
114. WARTBURG, Walter von. Les noms des jours de la semaine dans les langues romanes. **In:** *Von Sprache und Mensch* (Gesammelte Aufsätze). Bern: Franke Verlag, 1956, p. 45-60.
115. WEBER, Robert, O.S.B. Note sur le texte de la “Peregrinatio Aetheriae”. **In:** *Vigiliae Christiane*. Amsterdam: North-Holland Publishing Company, 1952, p. 178-82.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PEREGRINATIO AETHERIAE

116. ———. Note sur “Itinerarium Egeriae”. cap. XXVIII, n° 4. **In:** *Vigiliae Christianae*, v. XII, n° 2. Amsterdam: North-Holland Publishing Company, 1958, p. 93-7.